



*Além da Leitura*

Cartografias  
de leitura e  
de escrita

Eliane Testa  
João de Deus Leite  
(Orgs.)



O projeto “Além da Leitura” surgiu da iniciativa de um grupo de acadêmicos do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins/Câmpus de Araguaína – Unidade Cimba, e da enorme paixão nutrida por eles pela literatura; mais ainda por acreditarem que a literatura é um bem imprescindível à vida do homem. Este projeto foi coordenado pelos professores doutores Eliane Testa e João de Deus Leite, de 2017 a 2018, sendo realizadas diferentes ações e atividades durante esse período. Entre as ações efetivadas, podemos citar, por exemplo, a criação do *Blog Clube Além da Leitura*. Nessa plataforma, apresentamos parte das nossas reflexões e os principais pontos explanados das obras literárias lidas. Além disso, a partir da ideia de que uma mídia pode ser levada a outra, surgiu o desejo de materializar as cartografias de leitura e de escrita, produzidas no desenvolvimento do projeto: *a priori* nos círculos de debates, depois, registradas no Blog e, por último, transportadas para o *e-book* (livro digital).



**Além da leitura**

## *Comitê Editorial*

**Cármem Agustini (UFU)**

**Ernesto Bertoldo (UFU)**

**Carlos Roberto Ludwing (UFT)**

**Carlos Eduardo Soares Miranda (UFPI)**

**Jorge Lucio de Campos (UERJ)**

# Além da leitura

Cartografias de leitura e de escrita

**Organizadores:**

Eliane Testa

João de Deus Leite



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

**Arte de Capa:** Ciro Gonçalves

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

TESTA, Eliane; LEITE, João de Deus (Orgs.)

Além da leitura: cartografias de leitura e de escrita [recurso eletrônico] / Eliane Testa; João de Deus Leite (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

252 p.

ISBN - 978-85-5696-605-6

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Leitura; 2. Escrita; 3. Literatura; 4. Cartografias; 5. Além da leitura

---

CDD: 410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Aos que atravessam além do bojador.  
Aos participantes do projeto “Além da Leitura”.



Aprender a escutar os silêncios dos textos  
e colocá-los em jogo nas experiências de leitura.

*Cecilia Bajour*

Ler é também tornar-se autônomo.

*Michèle Petit*

[...] cada um projeta um pouco de si na leitura, por isso a  
relação com a obra não significa somente sair de si, mas  
também retornar a si.

*Vincent Jouve*

[...] a leitura das obras literárias permite constituir o humano no sujeito,  
o que é, a meu ver, o principal desafio da cultura literária.

*Annie Rouxel*

Não existe texto literário independente da subjetividade  
daquele que o lê.

*Pierre Bayard*

O leitor insinua as astúcias do prazer e de uma reapropriação  
no texto do outro: é seu campo de caça furtiva, para ali é levado,  
ali se faz plural [...]

*Michel de Certeau*

A literatura – é um truísmo – se desenvolve no cruzamento  
da escrita e da leitura.

*Bertrand Gervais*



# Sumário

**Prefácio**..... 13  
Janete Santos

**Nota e agradecimentos** ..... 17  
Eliane Testa; João de Deus Leite

## Leitura, escrita, literatura: incursões teóricas

**1** .....23

**A importância do *local* na literatura brasileira contemporânea**

Regina Dalcastagnè

**2** .....39

**Por que (ainda) ensinar literatura na escola?**

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos; Maria Zilda da Cunha

**3** ..... 51

**De las flores violentas que crecen en el desierto polar. Apuntes sobre lectura y escritura poética**

Gabriela Clara Pignataro

**4** .....67

**Das flores violentas que crescem no deserto polar anotações sobre leitura e escrita poética**

Gabriela Clara Pignataro

**5** ..... 83

**“Além da leitura”: “leitores reais” em condições de compartilhamentos de leituras**

Eliane Testa

**6** ..... 105

**A leitura literária e a sua transmissão em diferentes espaços na cidade: itinerários do grupo “além da leitura”**

João de Deus Leite

**7** ..... 129

**A poesia de cordel em sala de aula: interligando os processos de leitura e escrita**

Vilma Aparecida Gomes; Claudia Goulart

Além da leitura  
Cartografias de leituras e de escrita

1 .....	169
“A hora da estrela”, de Clarice Lispector	
2 .....	173
“Pai contra mãe” e “Missa do galo”, de Machado de Assis	
3 .....	177
“O cortiço”, de Aloísio de Azevedo	
4 .....	180
“O conto da ilha desconhecida”, de José Saramago	
5 .....	183
“Dom Casmurro”, de Machado de Assis	
6 .....	186
“Somos todos extraordinários”, de Raquel Jaramillo Palácio	
7 .....	189
“O quinze”, de Rachel de Queiroz	
8 .....	192
“Laços de família”, “Feliz aniversário”, “O jantar” e “O crime de um professor de matemática”, de Clarice Lispector	
9 .....	195
“Triste fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto	
10 .....	198
“A morte do Bordado”, de JJLeandro	
11 .....	202
“Soroco, sua mãe, sua filha” e “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa	
Relatos em foco.....	205
Relatos diversos.....	225
Registros fotográficos pela cidade.....	247
Posfácio.....	249
Wagner Merije	

## **Prefácio**

*Janete Santos*<sup>1</sup>

### **Descobrimo-se nos desafios do caminhar**

O interesse, principalmente o contínuo, pela literatura demanda uma experiência envolvente de leitura do texto escrito, diversa da que mais intensamente é promovida na educação básica, através de orientações didáticas (respeitados e reconhecidos avanços aqui, ali) nem sempre cativantes, por razões variadas, uma delas identificada mais à frente. Muitas vezes as práticas inibem ou domesticam a manifestação das emoções do leitor em formação, produzindo como consequência desinteresses ou repulsas de estudantes por arte tão transformadora, realidade lamentada recorrentemente pelo sistema de ensino.

A universidade é o espaço que deve e pode contornar esse distanciamento entre o sujeito-leitor e o texto literário, permitindo o aflorar do que os anos de escolaridade tenham negligenciado: a liberdade que o leitor precisa para “lutar com as palavras”, construindo espaços de leituras diversas e também oblíquas sobre obras clássicas e contemporâneas, atizando raciocínios indisciplinados, sentimentos, emoções, fisingando apetites que deem substância ao desenvolvimento de práticas interessadas pela apreciação da arte literária.

Esse parece ter sido o propósito que pavimentou o caminho e animou o caminhar do produtivo projeto de extensão “Além da leitura”, coordenado pelos professores doutores do curso de Letras

---

<sup>1</sup> Professora doutora da Universidade Federal do Tocantins (UFT)/Câmpus Araguaína, do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em letras: ensino de língua e literatura (PPGL).

Eliane Testa e João de Deus, no âmbito da Universidade Federal do Tocantins, câmpus de Araguaína. O processo foi tão profícuo que gerou, como mais um dos produtos, o presente livro, que tenho o privilégio de prefaciar, a convite dos organizadores. A obra relata focos do processo vivenciado pelos participantes, estudantes do curso de Letras, e estabelece diálogo entre poetas e pesquisadores daqui e de outras instituições, os quais têm na literatura (produção e/ou recepção) seu ponto de encontro e de inquietação.

Assim, nesta coletânea, Regina Dalcastagnè enriquece o leitor com sua problematização quanto a “A importância do *local* na literatura brasileira”. Rita Dionísio e Maria Zilda, revisando e questionando práticas de leitura, investigam motivos para tal, em “Por que (ainda) ensinar literatura na escola?”. Gabriela Pignataro, aderindo à visão de que todo escritor é primeiramente um leitor voraz, reflete em suas notas sobre a luta acirrada do artífice da linguagem com suas múltiplas possibilidades que gestam e fermentam o poema no texto literário (seja em versos, seja em prosa), em “De las flores violentas que crecen en el desierto polar”. Eliane Testa, em suas considerações sobre o projeto, tipifica o leitor real e suas condições de leitura, em “Além da leitura: leitores reais em condições de interação texto-leitor”. João de Deus analisa o compartilhamento de leitura promovido pelo projeto no viés da psicanálise que, conforme enfatiza, sonda as razões inconscientes do/no estabelecimento de laços que permitem o relacionamento; no caso em debate, o autor foca a parceria para se compartilhar leituras, em “A leitura literária e sua transmissão em diferentes espaços na cidade: itinerários do grupo ‘Além da leitura’”. E, finalmente, Vilma Gomes e Claudia Goulart chamam a atenção do leitor para uma das riquezas da cultura popular brasileira, com o relato de uma abordagem feita com o cordel em sala de aula, no artigo: “A poesia de cordel em sala de aula: interligando os processos de leitura e escrita”.

A experiência de leitura (dentro e fora da vida acadêmica) dos graduandos é registrada naquilo que julgaram relevante salientar. Também o compartilhamento das leituras de textos por eles

escolhidos endossa o material que compõe o presente livro, na seção “Cartografias de leituras e de escritas”. Na sequência temos os “Relatos diversos”, em que são apresentadas entrevistas com docentes e com autores envolvidos com o texto literário. Fechando a obra temos os “Registros fotográficos pela cidade”, registro dos espaços por onde o compartilhamento do texto literário fluiu.

A liberdade que destaquei, no início destas considerações, é tomada por Eliane Testa e João de Deus como a acolhida que se dá ao leitor, no caso, os estudantes de Letras e seus parceiros de leitura, para que se manifestem quanto à sua relação com o texto literário sem a vigilância opressora que a escolarização (e mesmo algumas práticas universitárias) costuma fazer. Testa defende, em seu artigo, que na leitura de um texto literário a dor causada pela identificação do leitor com o sofrimento de uma personagem pode levá-lo a dizer que não gostou do livro (do texto), dada a sensação disfórica que a interação com ele resultou, o que certamente opera como um dos modos de funcionamento da literatura no desenvolvimento do leitor, gerando a *catarse*, palavra que a meu ver define bem a síntese da aventura narrada pelos participantes do projeto, os graduandos que se desafiaram e se entregaram aos encontros e desencontros que as leituras e os compartilhamentos por eles vivenciados proporcionaram.

Nesse sentido, João de Deus ressalta, em seu artigo, que “a condição de falante [do sujeito desejante] faz com que a mediação pela linguagem provoque [nele] algumas implicações”. Por isso, prossegue o autor, “a relação de satisfação nunca é plena e bem-sucedida”, o que decerto vai bifurcar-se nas duas direções: (i) na relação com parceiros no compartilhar de leituras, (ii) na relação com o objeto (ou com as outras vozes que ali pululam), o texto literário. Destarte, também, no relato dos estudantes, importante notar os conflitos refletidos por eles, produzindo-lhes autoconhecimento.

Vale muito a pena examinar os detalhes do que ligeiramente foi apontado até aqui, navegando por esta peculiar obra oferecida ao público no formato digital.



## Nota e agradecimentos

*Eliane Testa*  
*João de Deus Leite*

O projeto “Além da Leitura” surgiu da iniciativa de um grupo de acadêmicos do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins/Câmpus de Araguaína – Unidade Cimba, e da enorme paixão nutrida por eles pela literatura; mais ainda por acreditarem que a literatura é um bem imprescindível à vida do homem. Este projeto foi coordenado pelos professores doutores Eliane Testa e João de Deus Leite, de 2017 a 2018, sendo realizadas diferentes ações e atividades durante esse período. Entre as ações efetivadas, podemos citar, por exemplo, a criação do *Blog* Clube Além da Leitura (endereço eletrônico: <http://clubealemdaleitura.blogspot.com.br/2017/06/seja-bem-vindo-ao-blog-alem-da-leitura.html>).

Nessa plataforma, apresentamos parte das nossas reflexões e os principais pontos explanados das obras literárias lidas. Além disso, a partir da ideia de que uma mídia pode ser levada a outra, surgiu o desejo de materializar as cartografias de leitura e de escrita, produzidas no desenvolvimento do projeto: *a priori* nos círculos de debates, depois, registradas no *Blog* e, por último, transportadas para o *e-book* (livro digital).

Essa materialização possibilita uma facilidade de acesso, uma vez que este *e-book* ficará disponível, gratuitamente, no *site* (<https://www.editorafi.org/>), e é uma forma de fazer com que este projeto-livro circule de modo mais amplo. O livro que ora apresentamos contém o conteúdo das postagens do *Blog*, além de apresentar outras inferências artísticas e críticas. Destacamos que as obras lidas foram (re)significadas a partir de “chaves-de-leitura”, evidenciando percursos subjetivos e colaborativos dos

leitores participantes do projeto. Assim, diferentes trajetos de leitura e de escrita são possíveis no âmbito das cartografias (mais subjetivas do que analítico-críticas), que não pretendem esgotar e muito menos engessar nenhuma leitura. Desse modo, não nos propomos a criar modelos de análises literárias formalistas e especializadas. Antes disso, que as “chaves-de-leitura” possam trazer à luz alguns pontos significativos e singulares das obras literárias (re)visitadas.

Já pensando na proposição deste livro convidamos professores da área da literatura e da linguística para produzirem diferentes teorizações acerca da relação entre leitura, literatura e escrita, considerando os seus próprios percursos de leitores e de teóricos. Com esse convite à teorização, intentamos construir espaços para diferentes diálogos conceituais que expressem a complexidade da relação entre leitura literária e escrita. Além disso, convidamos um poeta e artista visual para trazer um outro olhar de leitura dos autores que tiveram as suas obras literárias contempladas no projeto. Não podemos nos esquecer de que a leitura convoca diferentes sistemas semióticos.

Diante das diferentes vozes que se somam àquelas já existentes no Grupo “Além da leitura”, gostaríamos de externar os nossos agradecimentos aos envolvidos direta e indiretamente que contribuíram de algum modo para a realização do projeto e do projeto-livro. Esse atravessamento de vozes nos ensina a própria definição de leitura e de escrita, como atividades em que o humano é o fundamento.

Para concluirmos, sem querer fecharmos nenhuma perspectiva, é chegada a hora de darmos a conhecer as nossas práticas indissociáveis de leitura e de escrita ao público em geral. Fora de algumas convenções acadêmicas, mobilizamos e apresentamos alguns dos procedimentos implicados nas múltiplas e heterogêneas relações que partem de saberes experienciais de cada participantes. Esses saberes mostram-se nuançados pelas ressonâncias e pelas dissonâncias que se ancoram nas diferentes

modalidades de interleitura. Com nossos desejos, esperamos que este projeto-livro seja um incentivo à leitura e, sobretudo, à formação de novos círculos de leitores, de maneira a ampliar caminhos que ultrapassem além dos livros.



**Leitura, escrita, literatura:  
incursões teóricas**



## A importância do *local* na literatura brasileira contemporânea

Regina Dalcastagnè <sup>1</sup>

Já há alguns anos a preocupação com a internacionalização da literatura brasileira atravessa os estudos literários: discute-se muito sobre o lugar da nossa literatura no exterior (seja nos currículos das universidades, nas livrarias, nas feiras ou em traduções) e, também, sobre o modo como espaços internacionais se fazem presentes no interior de narrativas brasileiras, especialmente nos romances mais recentes. Dando prosseguimento a esses debates, mas deslocando um pouco o ângulo da questão, proponho uma reflexão sobre a importância do *local* na literatura brasileira contemporânea. É uma constatação que nasce a partir do contato frequente com a obra de autores de periferia, começando, é claro, pelas narrativas de Carolina Maria de Jesus. Em *Diário de Bitita* (livro póstumo, publicado na França em 1982 e no Brasil só em 1986), a autora lembrava da difícil situação dos escravos recém libertos que precisavam se afastar das fazendas para evitar represálias dos antigos proprietários, mas que também não encontravam lugar nas cidades. Em uma expressão memorável, ela dizia que “hoje estavam aqui, amanhã ali, como se fossem folhas espalhadas pelo vento. Eles tinham inveja das árvores, que nasciam, cresciam e morriam no mesmo lugar” (JESUS, 1986 [1982], p. 58).

---

<sup>1</sup> Professora titular livre de Literatura Brasileira, da Universidade de Brasília (UNB), e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Interessam aqui, então, obras que, na contramão de narrativas que reivindicam o espaço internacional como lugar de enunciação, têm como preocupação central a delimitação de um território próprio, local. Muito longe de qualquer apego regionalista à terra ou à nação, esses textos explicitam as implicações das diferenças de classe, raça, gênero e nacionalidade na construção do espaço literário. O objetivo é entender algumas estratégias, limitações e possibilidades dessas escolhas narrativas, especialmente quando colocadas em contraponto com obras que buscam chamar atenção para a “universalidade” da experiência de suas personagens (com seus deslocamentos pelo exterior e seu modo de vida cosmopolita). Serão discutidos, breve e comparativamente, quatro romances contemporâneos, representativos de diferentes abordagens da relação entre as personagens e o espaço onde vivem ou por onde transitam: *Desterro* (2011), de Luis S. Krauz; *Guia afetivo da periferia* (2009), de Marcus Vinícius Faustini; *Becos da memória* (2006), de Conceição Evaristo; e *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa.

No entanto, antes de partir para a análise das obras, cabe uma rápida reflexão sobre o campo literário brasileiro atual, que vem sofrendo profundas modificações, pelo menos desde os anos 1990, mas mais aceleradamente na última década. Afinal, as injunções ligadas à economia, às políticas públicas para a literatura e ao próprio mercado editorial, entre outras, possuem, querendo-se ou não, uma forte influência nas escolhas autorais, sejam elas temáticas ou estéticas. Entende-se campo literário, aqui, nos termos de Pierre Bourdieu (1996 [1992]), como um espaço estruturado e hierarquizado de disputas entre agentes que interiorizam um conjunto de práticas e de interesses. Esse conceito permite entender melhor as relações que se estabelecem entre os próprios escritores (definindo as correntes, as vanguardas e os “grandes nomes”) e entre o mundo literário e o universo social como um todo (demarcando a autonomia do campo literário e sua comunicação com o campo do poder e com o campo econômico).

A literatura brasileira atravessa uma fase de acentuada “internacionalização”, expressão que reveste diversos sentidos. O mais evidente é o enorme crescimento da presença de empresas estrangeiras em nosso mercado interno. No livro didático, selos tradicionais como Ática, Scipione e Moderna passaram às mãos de empresas europeias (embora Ática e Scipione tenham, em seguida, sido assumidas pelo grupo Abril, que posteriormente revendeu-as para o fundo de investimentos Thunnus). Naquilo que o linguajar do mercado chama de “livros de interesse geral”, e que diz mais respeito à discussão proposta aqui, há uma nítida mudança de cenário nos últimos anos. Algumas editoras internacionais inauguraram seus próprios selos, caso da portuguesa Babel, que não conseguiu se firmar no país; da espanhola Planeta, que resiste com dificuldades; e da portuguesa Leya, que encontrou um nicho em obras de conteúdo ideológico à direita, como seus “guias politicamente incorretos”, principais *best-sellers* da casa (ao lado da saga fantástica de *Game of thrones*). Outras compraram editoras brasileiras; assim, a Objetiva passou às mãos do grupo espanhol Santillana e a Companhia das Letras transferiu 45% de suas ações ao grupo Penguin Random House, por sua vez controlado pelos conglomerados Bertelsmann (alemão) e Pearson (inglês). Com a aquisição de todos os selos de interesse geral da Santillana no mundo pela Penguin Random House, Companhia das Letras, Objetiva e seus respectivos selos subsidiários passaram a integrar o mesmo grupo.

Outro elemento da internacionalização é o foco de autores brasileiros no público do exterior. O volume de obras publicadas fora do Brasil parecia aumentar nos últimos tempos, especialmente em momentos de maior visibilidade, como na Feira do Livro de Frankfurt, de 2013, ou no Salão do Livro de Paris, de 2015, por exemplo, quando o país figurou como convidado de honra. No entanto, com poucas exceções – em particular os livros de Paulo Coelho e o romance *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins –, as traduções de escritores brasileiros atraem pouca atenção e poucos leitores. Parte significativa das edições conta com apoio de recursos

públicos, como as bolsas para traduções, via Biblioteca Nacional. Também era o dinheiro público que financiava a outra faceta da presença internacional da literatura brasileira, a apresentação de escritores no circuito das “feiras de livros” pelo mundo todo.

O olho no público internacional gera incentivos em direções contraditórias. Por um lado, a identificação do leitor estrangeiro pode ser facilitada com a remoção de marcas locais. Assim, uma grande quantidade de narrativas se passa no exterior, com personagens “cosmopolitas” (iniciativas como a da Companhia das Letras, que em 2007 enviou 17 escritores brasileiros a diferentes cidades ao redor mundo para que escrevessem histórias de amor, no polêmico projeto “Amores Expressos”, impulsionaram essa tendência, que é visível agora também em outras editoras). Ou, então, se aposta em uma ambientação neutra, sem identidade. Algo como a velha rua do Limoeiro, da *Turma da Mônica*, um espaço que seria brasileiro, mas é tão genérico que poderia estar na Europa ou nos Estados Unidos – o que, é claro, tinha como objetivo facilitar o esforço de vendagem dos quadrinhos de Maurício de Sousa no mercado global. Por outro lado, permanece a tentação do exotismo, em que o estranhamento acaba por ser domesticado, se adequando às visões prévias e estereotipadas do público dos países centrais.

Outro fator importante é que autoras e autores, mesmo que reconhecidos, ou seja, publicados nas principais editoras do país, não têm a ilusão de vender por aqui. A tiragem de uma primeira edição no Brasil não costuma passar dos três mil exemplares, e raramente o livro chega a uma segunda edição. Sérgio Sant’Anna, por exemplo, com mais de 50 anos de carreira literária, publicado pela Companhia das Letras, com traduções para diversas línguas, recebido sempre com inúmeras resenhas em jornais e revistas e reconhecido pelo público acadêmico, vende, em média, quatro mil e duzentos exemplares de seus lançamentos (cf. ESTEVES, 2015, p. 65).

A expectativa de um mercado externo, portanto, passa tanto pela busca de uma ampliação, ainda que mínima, do público leitor, quanto pela legitimação do nome da autora/do autor dentro do

campo literário brasileiro. Afinal, o prestígio de ter obras traduzidas para diferentes línguas gera capital simbólico, nos termos de Bourdieu (2006 [1989]). Basta ver o destaque que esse tipo de informação costuma adquirir nas orelhas dos livros. Em relação às escritoras e escritores que publicam em pequenas editoras (caso dos autores com preocupações *locais* que serão discutidos aqui), as dificuldades ainda estão muito mais relacionadas com a questão da distribuição dos livros no próprio país. Problema que se torna maior com o fim das pequenas livrarias, uma vez que as pequenas editoras também costumam apresentar pouco interesse para os grandes varejistas. Por fim, a concentração de vendas pela internet, onde os leitores buscam títulos já conhecidos e a possibilidade de “esbarrar” em uma obra diferente se torna reduzida, é outro fator de distanciamento entre esses escritores e seus leitores em potencial.

Fechando o parêntese sobre as implicações do mercado no campo literário brasileiro e retomando a discussão das obras, é preciso lembrar ainda que, ao construir o espaço em suas narrativas, ao optar por enquadramentos específicos e pelas personagens que se deslocarão sobre ele, nossas escritoras e escritores acabam por revelar as circunstâncias sob as quais trabalham, e o quanto são influenciados por elas. Mas expõem, também, muito de sua perspectiva social. De acordo com a definição de Iris Young, o conceito de “perspectiva social” reflete o fato de que “pessoas posicionadas diferentemente [na sociedade] possuem experiência, história e conhecimento social diferentes, derivados desta posição” (YOUNG, 2000, p. 136). E é a partir desse lugar que elas vão ver, interpretar e agir no mundo. Um homem, por exemplo, pode até ser sensível às questões femininas (embora nem sempre o seja), mas não vai ter as vivências que a sociedade impõe às mulheres – ser analisada prioritariamente pela aparência física, o temor da violência sexual, o preconceito renitente nos espaços profissionais. É essa perspectiva feminina (e não um estilo ou uma temática específica) que só as mulheres podem trazer ao

discurso literário. O mesmo pode ser dito sobre os negros, os trabalhadores, os homossexuais, os idosos, os que vivem no meio rural ou nas periferias e assim por diante.

Por outro lado, não temos como pensar a existência sem pensar sua relação com o espaço. Não apenas o espaço físico, no qual nossa corporalidade se estabelece, mas sobretudo o espaço social, reconfigurado por práticas que o ressignificam e que fazem dele um campo de conflito. Ao mesmo tempo em que as novas tecnologias e a chamada globalização diminuem as distâncias em nível planetário e nos fazem partilhar um espaço comum, as assimetrias e exclusões se renovam. O espaço urbano, em particular, é disputado por aqueles que querem ter acesso a ele, em sua integralidade, e aqueles que gostariam de mantê-lo como privilégio só seu. Nos estudos literários, a discussão também está presente – uma vez que o espaço é uma categoria central das narrativas e da composição das personagens.

Na medida em que novas vozes sociais conseguem ingressar no campo literário, mesmo que ainda de forma incipiente e contestada, essas disputas se tornam mais evidentes nos próprios textos. Temos aqui uma duplicação: o campo literário, espaço metafórico de disputas simbólicas, reflete também as diferentes compreensões e apreensões do espaço social ao qual pertence. Daí a necessidade de se ter sempre em mente as diversas tensões estabelecidas a partir de relações conflituosas com o espaço vivenciadas dentro e no entorno das obras. Por isso mesmo, não basta indagar as maneiras como o espaço aparece representado nas obras literárias, é preciso analisar os diferentes modos como a literatura produz, em contextos distintos, sistemas de significação e de valor sobre o espaço, expondo tensões, restrições e, mesmo, possibilidades.

Merleau-Ponty (1976 [1945], p. 324) dizia que “existem tantos espaços quanto experiências espaciais distintas”. Um exemplo marcante do contraste dessas percepções pode ser visto nos livros *Desterro: memórias em ruínas*, de Luis S. Krausz (2011), e *Guia afetivo da periferia*, de Marcus Vinícius Faustini (2009). Ambos são romances

autobiográficos, onde os autores/narradores percorrem literariamente o espaço de sua infância e adolescência em busca da construção de sua própria subjetividade. Das despensas de casa aos mercados e ruas da cidade em que viveram (São Paulo, no primeiro caso, Rio de Janeiro, no segundo), somos convidados a acompanhá-los em suas trajetórias, e em suas descobertas, que se estabelecem a partir de seu contato com o meio urbano.

Há semelhanças em seus movimentos, mas as dissonâncias na percepção do espaço se impõem justamente a partir da diferença de classe. O protagonista de *Desterro* é neto de ricos imigrantes judeus austríacos, muito zelosos de seu passado europeu e de seus tapetes, relógios e quadros, sempre fechados atrás de grossas cortinas para evitar “a luz dura dos trópicos” (KRAUSZ, 2011, p. 77). É de dentro desse espaço protegido de todos os horrores do lado de fora que o menino olha “com pena e desdém para os que sufocavam, corriam pelas ruas como se fugissem de bombas, atordoados” (KRAUSZ, 2011, p.13). E é ali dentro que fica preso o seu futuro, emaranhado em tempos grandiosos do passado e em paisagens estrangeiras vistas por olhos alheios.

Já o protagonista do *Guia afetivo* é o garoto pobre que mora na periferia e que circula por toda a cidade de ônibus, um desses “coitados” que sufocam no calor das ruas, correndo de um lado para o outro. Mas essa seria, é claro, a visão do jovem Krausz, em seu jardim cercado, porque pela perspectiva de Faustini temos diante de nós uma extensa rede de deslocamentos possíveis que lhe permite abarcar a cidade inteira e lhe garante um sentimento de liberdade que o outro parece jamais ter vivido<sup>2</sup>. Tanto é que enquanto a cidade é um lugar de decadência para um, que se horroriza, junto aos seus, com o fim de um passado de mansões e sofisticação (os novos ricos estariam tomando as ruas com seus prédios feios e ostensivos), para o outro ela é um espaço aberto de

---

<sup>2</sup> O que não quer dizer que, num futuro próximo, o dinheiro e o capital cultural que parecem aprisionar o jovem privilegiado não sirvam para lhe abrir muitas portas que estarão fechadas para o garoto da periferia.

potencialidades, de “histórias até então”, nos termos da geógrafa britânica Doreen Massey:

O espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política. Afeta o modo como entendemos a globalização, como abordamos as cidades e desenvolvemos e praticamos um sentido de lugar. Se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea de outros. (MASSEY, 2008 [2005], p. 15)

Nessas duas obras, onde os deslocamentos das personagens – masculinas e brancas, é bom lembrar – pelo espaço urbano são centrais para o desenvolvimento das tramas, é evidente o contraste entre a família pobre e suburbana que conquista, arduamente e com orgulho, um lugar na cidade do Rio de Janeiro e estende seu alcance a, no máximo, umas férias rápidas em Brasília, e a família rica e erudita, que pontua seus dias com as viagens à Europa, seguidas pela exibição das fotografias e das obras de arte adquiridas no exterior<sup>3</sup>. O narrador de *Desterro* não deixa de ironizar a situação dos avós, mas em breve irá ele também fazer seu circuito internacional – no lugar das compras e do exibicionismo burguês, ele seguirá um roteiro mais reflexivo, em busca das origens e, de algum modo, de identidade. O ideário cosmopolita, aqui, transita do poderio econômico para o “desinteresse” intelectual, mas é igualmente elitista.

Esse cosmopolitismo intelectual (tão presente em nossas letras, especialmente no século XIX e início do século XX) talvez tenha seu contraponto mais interessante na parca representação literária do mundo do trabalho – um espaço apresentado muitas

---

<sup>3</sup> Já nos títulos dos livros é possível observar as diferenças na relação das duas famílias com as cidades onde vivem. Os termos “desterro” e “ruínas” explicitam um sentimento de desconforto e de estar “fora do lugar”, enquanto “guia” e “afetivo”, por outro lado, são palavras reveladoras da necessidade de empoderamento sobre o espaço urbano, afinal, estabelecer um roteiro para a cidade é ter domínio de um discurso sobre ela.

vezes como fixo, lento e enfadonho, embora absolutamente necessário para que os outros possam se deslocar tranquilos e com rapidez. A obra de um Luiz Ruffato, toda ela voltada para o universo dos trabalhadores (mesmo quando suas personagens se mudam para o exterior em busca de melhores condições de vida, como é o caso de *Estive em Lisboa e lembrei de você*), seria um rico material de comparação para se pensar essa distância entre os que produzem e os que “pensam”. Para uma imagem significativa dessa mesma relação, bastaria citar o poema de Edimilson Pereira, chamado “Orange”. Ali, o centro da cena é tomado por oito homens que asfaltam uma rua sob o sol do meio-dia, enquanto o Leblon “passa” ao seu redor. Espraçando o betume e colorindo a cidade com seus uniformes laranja, eles são discretamente designados como “os que não viram Paris”, ainda que seu autor esteja impregnado pelos referenciais culturais franceses:

Oito homens  
 espraçam o betume.  
 Abril. Oito batutas  
 asfaltam as ruas no sol  
 de meio-dia. A vida desliza  
 sobre o corpo-leblon  
 dos homens azuis,  
 elegantes em sua pele laranja.  
 Uma saudação ao século  
 que aprecia a força  
 e tem a máquina por  
 logomarca. A bela da tarde  
 desliza sobre a lona  
 azul dos homens laranjas.  
 Uma contenda, porém,  
 se avia: oito batutas  
 (dos que não viram paris)  
 levantam do asfalto uma  
 flor,  
 signo insuspeito da náusea.  
 (PEREIRA, 2015, p. 23)

Para encontrar poesia na vida daqueles que “não viram Paris”, é preciso se distanciar da perspectiva do intelectual de classe média dos anos 2000. A busca por um ponto fixo na cidade, em vez do livre deslocar-se por terras estrangeiras, costuma ser entendida como resultado de impedimentos econômicos (quando não como simples provincianismo), mas basta ir mais fundo no passado histórico “dos outros”, como faz Carolina Maria de Jesus, para incluirmos fatores diferentes, e relevantes, no debate. Para muitos, ter um espaço em seu próprio país ainda é um sonho a ser construído. Daí a opção de Conceição Evaristo, no romance *Becos da memória* (2006), de encenar não simplesmente o dia a dia de uma favela de Belo Horizonte, mas o seu desmonte, com a expulsão dos moradores e o esfacelamento de toda uma rede de afetos que se desdobra nas cercanias de sua protagonista, a pequena Maria Nova. Os elementos autobiográficos, mais uma vez, estão distribuídos ao longo da obra, mas o foco é ajustado para olhar a vida ao redor da escritora que está sendo gestada ali, até porque, como diz uma das personagens à menina: “Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem e os supostamente livres de hoje, libertam-se na vida de cada um de nós que consegue viver, que consegue se realizar” (EVARISTO, 2006, p. 103). Ela é, portanto, não apenas testemunha daquilo que relata, mas também depositária da experiência dos seus – e a sua escrita se faz, então, espaço de luta e de empoderamento na cidade.

Muito mais do que no seu romance anterior, *Ponciá Vicêncio* (2003), onde a protagonista se muda do meio rural para a cidade e depois volta, vencida, para outra vez se fortalecer junto da terra e da mãe, em *Becos da memória* Evaristo lida com a disputa pela manutenção de um lugar na cidade – afinal, o retorno já não existe como opção. E a favela, diferente do que acontece no conhecido *Quarto de despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, não é entendida como um lugar à parte, mas como um espaço possível da cidade, um espaço que, ao ser destruído, apaga a história daqueles que viveram e sofreram ali. Sem idealizar a favela, e

tampouco as relações estabelecidas em seu interior, a autora captura o momento de dissolução para, a partir daí, constituir suas personagens, entendendo-as em suas sucessivas perdas. Negros e pobres, descendentes de escravos quase todos, com a demolição da favela se tornam, mais uma vez, “folhas espalhadas pelo vento”. É preciso o gesto político da autora, com os devidos ajustes estéticos, para reuni-los outra vez nas páginas de um livro<sup>4</sup>.

É outra a experiência de Vanja, a narradora adolescente branca e de classe média do romance *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa, por exemplo. Ao perder sua mãe no Brasil, ela vai para o Colorado, nos Estados Unidos, procurar o pai biológico, mas acaba morando na casa de Fernando, o brasileiro exilado que viveu com sua mãe por alguns anos e que trará de volta para a narrativa os tempos da guerrilha do Araguaia, na década de 1970. No deserto norte-americano, ela estranha a paisagem, o clima seco, as regras, os gestos, mas não encontra dificuldades maiores, além daquelas enfrentadas por uma garota que precisa encontrar seu lugar no mundo, afinal: “Ter treze anos é como estar no meio de lugar nenhum” (LISBOA, 2010, p. 11). O pressuposto básico, aqui, é que o mundo é um espaço seu, que exige apenas algumas *adaptações*. Um lugar onde pode conviver com outros desterrados, de diferentes nacionalidades, com diferentes experiências de deslocamentos.

Com um chão de algum modo garantido sob seus pés (e um passaporte norte-americano nas mãos), Vanja busca, como o protagonista de Luiz Krausz, suas origens e sua identidade (ainda que fluída e desconexa). O contraponto aparece na figura de seu vizinho e novo amigo – Carlos –, um menino salvadorenho cuja família permanece ilegalmente nos Estados Unidos, sempre com receio da extradição. Para eles, não há muito chão disponível, nem trabalho ou reconhecimento. Narrados pela jovem brasileira, que além de dominar o inglês fala espanhol com desenvoltura, eles estariam mais próximos da família de Marcus Vinícius Faustini,

---

<sup>4</sup> Para uma análise sobre a presença das mulheres negras na cidade, ver Dalcastagnè (2014).

lançando suas âncoras no país que lhes oferece melhores condições de vida, mas também poderiam ser vizinhos da Maria Nova de Conceição Evaristo, companheiros, talvez mais, talvez menos afortunados de uma história de dispersão.

Os quatro romances discutidos aqui possuem protagonistas muito jovens, o que é significativo para a discussão proposta, uma vez que, para erguê-los como personagens, dar-lhes subjetividade, os autores/as autoras têm de fazer o mundo à sua volta ser visto com algum estranhamento. Afinal, muito dele estará sendo olhado com o espanto da primeira vez. Com isso, é de se esperar que mais elementos sejam trazidos à tona para compor o espaço da narrativa, e que esse espaço esteja fortemente vinculado à perspectiva social da personagem – ao seu gênero, sua raça, sua classe. Coincidentemente – ou porque os jovens são comumente colocados em uma perspectiva não do futuro, mas do passado (o que fazer se os autores/as autoras estão sempre já distantes dessa experiência?) – os quatro romances evocam a memória, seja como tema, seja como constituinte estruturante do livro. Muito dos espaços que se estabelecem diante do leitor é filtrado, e remontado, pelas lembranças das próprias personagens, ou de seus narradores.

Mas para além dessas aproximações, é preciso dizer que os livros de Adriana Lisboa e Luiz Krausz, em diferentes aspectos e por diferentes razões, são conservadores em sua linguagem, estrutura e organização. De algum modo, são contidos, cuidadosos, marcam seu lugar de classe e pagam seu tributo à alta literatura. *Desterro*, por exemplo, mimetiza em vários momentos o rebuscamento da frase do século XIX, incorporando ao texto citações a autores e músicos do passado, além de inúmeras palavras em alemão, traduzidas em notas de rodapé. Ainda que o objetivo possa ser crítico, a inscrição está feita e a erudição demonstrada. Já em *Azul-corvo*, a remissão é aos livros da história recente do país, o que causa uma certa dissonância entre a opção por um registro poético na maior parte da narrativa e o tom direto e descritivo do relato sobre a guerrilha do Araguaia, na outra parte.

Os livros de Faustini e Evaristo, por outro lado, mesmo sem escapar ao fascínio das “belas letras”, são fluídos, esgarçados, ansiosos. Eles se deixam escorrer, gulosos, pelos becos e ruas da cidade – querem tocar em tudo, sentir o gosto do deslocamento. Há um óbvio prazer nessa possibilidade. Cruzar a cidade, ou a favela, ouvir suas narrativas e inscrever ali suas marcas, sejam passos ou palavras, é – mais do que um recurso narrativo – uma necessidade da escrita para esses autores. Algo que dá forma ao texto e que contamina o seu estilo. Daí a fragmentação da narrativa, a rapidez e a leveza da linguagem – que pode ser confundida, ou mesmo acusada de descuido, mas que acrescenta ao texto uma dicção nova, cheia de vida. Uma dicção que se vincula à oralidade, aos meios de comunicação de massa, à música popular, e que reivindica, sempre, o direito à cidade.

É significativo que, enquanto alguns autores busquem “expatriar vozes”, outros, preocupados com os que sempre foram “expatriados dentro da própria pátria”, nos termos de Euclides da Cunha<sup>5</sup>, estejam justamente assumindo o *local* como espaço de expressão. Neste sentido, cabe perguntar se o *local* (entendido como o morro, a periferia, ou mesmo as ruas de uma grande cidade brasileira transformados em material estético, muito mais do que em pano de fundo para as narrativas) não representa a grande conquista da escrita por grupos marginalizados – de negros e negras, pobres e periféricos. Se essa apropriação do *local* não se configura, justamente, como espaço de empoderamento desses escritores e, ao mesmo tempo, de uma espécie de recuperação do prazer da cidade para todos nós, leitores. É preciso se perguntar, também, se esse não é um dos mais interessantes movimentos que acontecem no interior de nossa literatura nos últimos tempos. E,

---

<sup>5</sup> Falando das grandes secas que assolaram o Nordeste brasileiro no final do século XIX, Euclides da Cunha lembrava que a única preocupação dos poderes públicos, então, era eliminar das cidades os miseráveis que chegavam em levas, doentes e famintos. “Abarrotavam-se, às carreiras, os vapores” e mandavam aquela gente para a Amazônia, “expatriados dentro da própria pátria”, sem com eles enviar um só agente público, ou um médico. “Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem...” (CUNHA, 1995 [1909], p. 276).

por fim, se, como pesquisadores e estudiosos do contemporâneo, não estamos ignorando a força política e estética dessa expressão, que vai muito além dos guetos que imaginamos para ela.

## Referências

BOURDIEU, Pierre (1996 [1992]). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

——— (2006 [1989]). *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. 9<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CUNHA, Euclides da (1995 [1909]) *À margem da história*, em *Obra completa*, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

DALCASTAGNÈ, Regina (2005). “A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004)”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n<sup>o</sup> 26, pp. 13-71.

——— (2008). “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n<sup>o</sup> 31. Brasília, pp. 98-110.

——— (2012). *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro/ Vinhedo: Editora UERJ/Horizonte.

——— (2014). “Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na literatura brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 44. Brasília, pp. 289-302.

ESTEVES, Bernardo (2015). “O sobrevivente: Sérgio Sant’Anna e a obsessão pela literatura”. *Piauí*, n. 103. São Paulo, pp. 60-7.

EVARISTO, Conceição (2006). *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza.

——— (2003). *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza.

FAUSTINI, Marcus Vinícius (2009). *Guia afetivo da periferia*. Rio de Janeiro: Aeroplano.

- GOETZ, Benoît (2011). *Théorie des maisons: l'habitation, la surprise*. Paris: Verdier.
- JESUS, Carolina Maria de (1983 [1960]). *Quarto de despejo*. 10<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- \_\_\_\_\_ (1986 [1982]). *Diários de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- KRAUSZ, Luis S. (2011). *Desterro: memórias da ruína*. São Paulo: Tordesilhas.
- LINS, Paulo (1997). *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LISBOA, Adriana (2010). *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- MASSEY, Doreen (2008 [2005]). *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Trad. de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1976 [1945]). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida (2015). "Orange". In: \_\_\_\_\_ *Maginot, o*. Belo Horizonte/Juiz de Fora: Mazza/Sans Chapeau (No prelo).
- RUFFATO, Luiz (2009). *Estive em Lisboa e lembrei e você*. São Paulo: Companhia das Letras.
- YOUNG, Iris Marion (2000). *Inclusion and democracy*. Oxford: Oxford University Press.



## Por que (ainda) ensinar literatura na escola?

*Rita de Cássia Silva Dionísio Santos*<sup>1</sup>

*Maria Zilda da Cunha*<sup>2</sup>

“[...] embora [a arte] não tenha utilidade prática,  
toca dimensões da existência tão  
fundamentais quanto a cultura, a educação e a comunicação.”

*Vincent Jouve*

A epígrafe acima, extraída de *Por que estudar literatura?*<sup>3</sup>, de Vincent Jouve (2012), já no parágrafo inicial do prefácio, atesta que estamos, hoje, enfrentando uma crise nos estudos literários, a qual se expressa pelas seguintes frases interrogativas: “de que serve o ensino de Letras? É preciso mantê-lo? Se sim, o que fazer nele?” (JOUVE, 2012, p. 11).

Em trabalho anterior, intitulado *A leitura*<sup>4</sup>, Jouve elabora uma apresentação geral dos estudos de recepção em leitura desenvolvidos principalmente na Europa a partir da década de 1970, não se limitando, entretanto, aos teóricos da leitura, mas mostrando, também, como alguns críticos argumentam sobre modos de interpretação do texto literário (JOUVE, 2002). É, consoante o autor,

---

<sup>1</sup> Professora Doutora da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

<sup>2</sup> Professora Doutora da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>3</sup> Título original *Pourquoi étudier la littérature?* (2010).

<sup>4</sup> Título original *La lecture* em francês (1993).

[...] durante os anos 1970 que os profissionais da análise de textos começam a estudar a leitura. A obra literária que, até então, era entendida em sua relação com uma época, uma vida, um inconsciente ou uma escrita, é repentinamente considerada em relação àquele que, em última instância, lhe fornece sua existência: o leitor. Os teóricos percebem que as duas questões mais importantes que eles se colocam – o que é literatura? Como estudar os textos? – significam perguntar por que se lê um livro. A melhor forma de entender a “força” e a perenidade de certas obras não equivale, de fato, a se interrogar sobre o que os leitores encontram nelas? (JOUVE, 2002, p. 11.)

Porquanto, continua o autor, submeter a leitura a um exame denota interrogar-se sobre o modo de ler um texto, ou sobre o que nele se lê (ou se pode ler). Assim, se a observação do ‘como’ da leitura confere às teorias da recepção certa especificidade, o problema de seu ‘conteúdo’ leva frequentemente a se questionar sobre o ou os sentidos de um texto. Dessa forma, portanto, o estudo da leitura se confunde com o da obra (JOUVE, 2002, p.13-14).

Conforme Jouve, como o Estruturalismo não abrangeria a perspectiva do leitor no estudo dos textos – deixando entrever, nesse sentido, a ineficiência em se reduzir o texto literário a uma série de formas – é no início dos anos 1980 que se abrem novos caminhos para o estudo dos textos literários. Com a pragmática, os estudiosos da literatura são levados a se interessar pelos problemas da recepção.

Ainda neste estudo, Vincent Jouve expõe níveis de leitura elaborados por vários sistemas interpretativos ao longo da história, dando ênfase à ideia de que a leitura do texto literário se constitui de um amálgama de múltiplas vozes e sentidos. Assim, destaca-se que, ao texto, o leitor reage em razão de parâmetros psicológicos e socioculturais extremamente diversificados – acrescentando-se a isso o fato de que toda leitura de um texto é atravessada pelas leituras anteriores que dele se fizeram.

Digno de nota também é o capítulo do livro em que Jouve trata do processo que nomeia como “regrediência”: a leitura possibilita uma viagem no tempo. É

[...] a criança que fomos que permite acreditar nas narrativas romanescas. [...] Nossas crenças infantis, reativadas em certas condições (entre elas a situação de leitura), subentendem nossas crenças de adultos. Assim que ao abrir um romance, é a criança que renasce (pelo menos, em certo nível) [...] (JOUVE, 2002, p. 117).

Ler, pensando dessa forma, seria reencontrar as crenças e, por conseguinte, as sensações da infância: a leitura, que outrora oferecera ao nosso imaginário um universo infinito, ressuscita esse passado todas as vezes que lemos uma história (p. 117). A “regrediência” seria, desse modo, essa contiguidade de imagens mentais que o leitor internaliza em si quando se está lendo.

Antoine Compagnon, na celebre conferência *Literatura para quê?*<sup>5</sup> – ensaio marcadamente elaborado pelo verbo (transitivo direto e bitransitivo e pronominal) “interrogar” – pergunta-se: “Há realmente coisas que só a literatura pode nos oferecer? A literatura é indispensável, ou ela é substituível?” “Qual é a pertinência [...] da literatura para a vida? Qual é a sua força, não somente de prazer, mas também de conhecimento, não somente de evasão, mas também de ação?” (COMPAGNON, 2009, p. 20; 24.)

Em vista desses questionamentos, Compagnon apresenta algumas explicações sobre o poder da literatura: primeiramente, no sentido clássico, a literatura deleita e instrui, tendo, por resultado – por causa do poder moral que detém – a melhora da vida tanto pública quanto privada. Uma segunda definição do poder da literatura, vigente no Século das Luzes, diz respeito à sua função de ser instrumento de justiça e de tolerância, de forma a contribuir para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo; portanto, é como um remédio. Na terceira versão, o poder da

---

<sup>5</sup> Título original em francês *La littérature, pour quoi faire?* (2009).

literatura consiste na possibilidade de ela corrigir os defeitos da linguagem: por se constituir uma língua particular (poética ou literária), ela ultrapassa os limites da linguagem ordinária. “[B]rincando com a língua, a poesia ultrapassa suas submissões, visita suas margens, atualiza suas nuances e enriquece-a violentando-a” (COMPAGNON, 2009, p. 38).

Ao final do ensaio, Compagnon afirma que a literatura padece de concorrência em todos os seus usos e não detém a exclusividade sobre nada, contudo, a humildade lhe convém e seus poderes continuam imensos: o “exercício jamais fechado da leitura continua o lugar por excelência do aprendizado de si e do outro, descoberta não de uma personalidade fixa, mas de uma identidade obstinadamente em devenir” (COMPAGNON, 2009, p. 56-57).

*A literatura em perigo*<sup>6</sup>, de Tzvetan Todorov, é, certamente, um outro ensaio fulcral quando se considera a temática do ensino de literatura na atualidade. Conhecido na dimensão acadêmica, entre outros aspectos, por seus estudos sobre a literatura fantástica<sup>7</sup>, n’*A literatura em perigo*, o autor argumenta que a literatura está sob risco: a forma como a literatura comparece nos currículos, desde o ensino fundamental ao superior, deixando, portanto, de participar da formação cultural do indivíduo – conforme discutido por Caio Meira, na apresentação do referido livro: Todorov reivindica “[...] que o texto literário volte a ocupar o centro e não a periferia do processo educacional (e, por conseguinte, da nossa formação como cidadãos), em especial nos cursos de literatura” (TODOROV, 2010, p. 11). Discutindo aspectos relacionados à natureza e à função da literatura, desde, por exemplo, conceitos de estética, niilismo, solipsismo e verossimilhança, o autor advoga que a literatura

---

<sup>6</sup> Título original *La Littérature en péril* (1966).

<sup>7</sup> *Introdução à literatura fantástica* (1980).

[...] pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. [...] a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana (TODOROV, 2010, p. 76-77).

Tomando como base as discussões do autor, parece consolidar-se a ideia de que salvar a literatura desse perigo de que ela padece é voltar-se aos textos literários, à sua realidade ficcional e ao que essa experiência de leitura literária pode proporcionar: o conhecimento das personagens, suas contradições, as imagens poéticas e sensações estéticas que reverberam, as dores e alegrias de que, como leitores, podemos partilhar em tempos e lugares distintos daqueles outrora construídos ficcionalmente.

Todorov finaliza o ensaio apontando para a necessidade de se transmitir às novas gerações as “palavras que ajudam a viver melhor” (TODOROV, 2010, p. 94).

Antonio Candido, no ensaio intitulado “Direito à literatura” (que integra a obra *Vários escritos*), argumenta que a literatura nos liberta do nosso universo caótico, por isso, humaniza-nos. De acordo com Candido, negar a literatura é mutilar a nossa humanidade, tendo em conta que ela é uma “necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade” (CANDIDO, 2004, p. 186). Ademais, conforme o autor, a “literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004, p. 175). Nesse sentido, a literatura é essencial à vida – portanto, todos os seres humanos têm direito a essa modalidade de pensamento e conhecimento que possibilita a fabulação.

Por que ler [estudar, ensinar] literatura? Literatura para quê? O que a literatura pode fazer pelos sujeitos hoje? Por que as pessoas têm que ter direito à literatura? As indagações que temos e as construídas pelos autores das obras acima referidas nos fazem perquirir, na leitura de um texto específico, algumas formas de expressão – um gesto estético – suficientemente abalizadas para objetá-las.

Vale considerar, para tanto, alguns aspectos acerca das produções ficcionais contemporâneas, que, em face das semioses históricas, vêm apresentando novos modos construtivos. Esses novos “fazeres”, não só pela inserção de novas tecnologias na produção, recepção e consumo, pelo estreitamento do tempo e espaço em face do desenvolvimento das telecomunicações, trazem também motivações estéticas associadas à consciência da complexidade cada vez maior do pensamento e da vida, da descoberta do comportamento instável e caótico do universo, do esfacelamento dos valores tidos como morais, universais. Vale dizer que essas motivações estéticas são associadas à consciência de que o cotidiano é um estilo de estar no tempo que carrega o olhar sobre as minúcias, uma rede complexa de eventos, ações, pensamentos com organicidade e em relação a um conjunto mais amplo. Refletir sobre ele [esse estilo] é, pois, experiência sensível capaz de enriquecer o saber (MAFFESOLI, 1995, p. 65).

As obras, arquitetadas de modo não linear, apresentam-se com estrutura textual intrincada, complexa, mostrando-se tecido urdido, cujos constituintes heterogêneos e contraditórios encontram-se inseparavelmente associados (Morin, 1991:17-18). Por suas proposições múltiplas, representam uma verdade que tem sempre uma expressão polifônica.

Com vistas a apresentar uma proposta de análise que ratifique o que até aqui se falou – especialmente no que diz respeito à literatura enquanto fonte de sentimento e conhecimento e, mais especialmente, sobre o texto enquanto estrutura intrincada e

complexa que revela experiências sensíveis, apresentamos, a seguir, uma proposta de leitura.

“Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” é uma narrativa que integra a coletânea *Olhos d’água* (2016), de Conceição Evaristo. Tem-se nesse conto um exemplo de como um texto pode ricochetear sobre experiências.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946, morou no Rio de Janeiro, onde se graduou em Letras, fez mestrado em Literatura Brasileira e Doutorado em Literatura Comparada. Estreou como escritora publicando na série *Cadernos Negros*. Sabe-se que Conceição Evaristo leva-nos a refletir sobre três forças femininas: linhas de “cor”, gênero e classe, todas presentes em “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos” e enredadas pelo tom da voz narradora. A trama é tecida com delicadeza, perspicácia, sensibilidade e lirismo, expondo paradoxos do pensamento e vida humanos, por meio de um trabalho minucioso com a linguagem.

Duas garotinhas. Figurinhas de coleção espalhadas no chão. Uma figurinha que retrata uma menininha com uma braçada de flores. É assim que se inicia a história sobre duas meninas, dois rapazes e uma mulher – mãe dos quatro e que se engravidara pela primeira vez aos dezesseis anos. As meninas eram gêmeas: “[...] iguaizinhas. A diferença estava na maneira de falar. Zaíta falava baixo e lento. Naíta, alto e rápido. Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios, de sofrimento” (EVARISTO, 2010, p. 72).

O conto apresenta uma temática contemporânea, protagonizada por crianças e adultos que vivem em ambiente de segregação, em uma comunidade favelada em que a pobreza, o crime, o tráfico de drogas são núcleos do cotidiano vivido. Encena a vida das crianças marcadas pela pobreza: “A menina virou a caixa e os brinquedos se esparramavam fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafa, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados. A linda boneca negra, com seu único braço” (EVARISTO, 2007, p. 39).

A narrativa constrói-se de modo não-linear, dado os frequentes cortes temporais, em que passado e presente se imbricam, tramando com realismo poético o drama de uma família pertencente à uma comunidade favelada e das figuras femininas: as meninas gêmeas e a mãe que protagonizam, de modo singular, o jogo social que a narrativa encena no contraste entre o lúdico, o desejo infantil, e a crueza de uma realidade que não cede ao sabor das fantasias.

A serenidade do tom da voz narradora é recurso importante que reservará ao leitor, em determinado ponto da história, forte tensão. Uma inquietação que o acompanhará até o desfecho – brutal e sem qualquer parcela de misericórdia.

Na construção das personagens, há diferenças importantes: uma seria a falta de nomeação dos filhos homens de Benícia – irmãos de Zaíta e Naíta. Tal recurso parece indiciar uma indeterminação e a conformidade quanto às possibilidades de futuro para ambos. No ambiente em que os jovens pobres e negros viviam, eram alvos potenciais de balas, com ou sem endereço certo. Aspecto esse que será corroborado pelas suas carreiras: um, era soldado efetivo do Exército Brasileiro, outro, se sentara praça em diferente “arma”: “soldado do morro”. Em contraponto, os nomes atribuídos às meninas são de grande sonoridade, e com remetência à língua árabe (estrangeiro). As meninas têm um universo lúdico a compartilhar, um imaginário infantil, no qual as imagens têm, não só cor, mas também perfume, elas compartilham desejos, regras e paixões. São as meninas que fissuram a conformidade do discurso e impactam o leitor, relacionando universos.

Se, como dissemos, a voz narradora conduz o desenvolvimento da trama para o desfecho, é pela voz de Naíta que cabe o insólito experienciar da situação. Naíta se propõe a encontrar a irmã que desaparecera por entre os becos da favela, a pedir-lhe que retornasse para casa. A menina havia saído e não cumprira tarefa importante. Seu caminho foi por entre as balas.

Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão. A outra menina seguia aflita [...] para lhe falar da figurinha-flor desaparecida. Como contar também da bonequinha negra destruída? [...] Naíta demorou um pouco pra entender o que havia acontecido. E assim se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo: - Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!

Zaíta encena ficcionalmente a perplexidade que experimentamos diante da nossa própria impotência. Naíta, com voz sensível de uma criança, encena o “brutalismo poético” de Conceição Evaristo, por meio do qual a literatura se faz ouvir.

A autora, neste conto, enreda a crueza do real ao imaginário infantil, falando do universo penoso e do trauma humano, com delicadeza e finura, em uma narrativa densa e poética. Dignos de nota são o contraste e a tensão criados entre o vocabulário próprio ao universo infantil – por exemplo, com um léxico elaborado a partir de substantivos na forma diminutiva – simultaneamente ao mundo da violência – em que crianças, adolescentes e jovens armados circulam livremente nos becos e vielas da comunidade. Para exemplificar, veja-se o fragmento que se segue:

O irmão de Zaíta liderava o grupo mais novo, entretanto, o mais armado. A área perto de sua casa ele queria só para si. O barulho seco de bala se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida (EVARISTO, 2010, p. 76).

A fricção que se faz entre esses dois universos surpreenderá, seguramente, o leitor e cobrará dele sensibilidade e, sobretudo, uma postura crítica diante do enredo apresentado.

É fato que a sociedade contemporânea está viva no que o humano tem de mais radical: sua indefinição. Vive-se um presente caótico, violento. Enquanto educadores, se uma hipótese ainda nos anima é a de que enlaçar a educação e a literatura equivale a redimensionar forças para intercambiar saberes e construir patamares que nos propiciem vislumbrar uma nova forma de humanidade. Às artes, às ciências, à filosofia, à educação parece caber a tarefa de atentar às potencialidades e negatividades dos processos que engendram a humanidade, objetivando nossa sobrevivência cultural, estética, social e política.

Nesse sentido, perscrutar as manifestações socioculturais contemporâneas pode levar à constatação de que ainda há vida para além do artificialismo do mundo (ou não); o nosso esforço assim se faz na direção de encontrar senhas para inteligibilidade desses fenômenos, inserindo-nos em debates cuja pauta é a de contribuir para um exercício reflexivo – por meio da literatura [da arte] que, como afirma Vincent Jouve, na epígrafe deste texto, embora não tenha utilidade prática, move as dimensões da existência.

## Referências

- JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?*. Trad. Marcos Bagno; Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.
- JOUVE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004, p.169-191.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. P. 71-76.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.



## De las flores violentas que crecen en el desierto polar. Apuntes sobre lectura y escritura poética

Gabriela Clara Pignataro <sup>1</sup>

– Diciembre. Con una alumna buscamos en manuales de geografía y enciclopedias toda entrada sobre la tundra y sus características.

*Llanura sin árboles. Tierra infértil. Páramo elevado. Glacial. Ártica, antártica, alpina. Animales de largo pelaje y gruesas capas de grasa bajo la piel. Hogar de osos, lobos, zorros, caribúes, cuervos, cabras y halcones. 400 especies de flores.* Tallos tiernos creciendo en la noche que extrema sus temperaturas, llanuras florecidas a los rayos de un sol que parece ficticio, un ornamento estelar radiante que inyecta luz en los pétalos de las milicianas del hielo: así las pienso. Esa imagen se clava en la antesala de los ojos y no la puedo quitar, las flores de la tundra, violencia insurgente del desierto. *¿De dónde viene un poema? ¿Hacia dónde se dirige?* Me muevo en una suerte de penumbra ante las formas que llegan sin nombre, la sensación de tocar con la punta de los dedos una piedra áspera y adivinar su procedencia. Siempre me gustó lo inhóspito, la atmósfera entre los influjos de algo que existió y sólo quedan residuos, el intersticio inasible del tiempo entre un centelleo que viene, punza, se ausenta, retorna, perfora y muestra un ápice de

---

<sup>1</sup> Es poeta, actriz y fotógrafa. Cursa la Lic. en Artes Combinadas en FFyL y en la Tecnicatura en Pedagogía y Educación Social en ISTLyR. Es integrante del grupo de investigación Figuras de lo invisible (PRIG, FFyL, UBA) en torno a visualidades contemporáneas y representaciones estético-políticas.

tentáculo: ahí escribo. El poema es violento, se precipita al mundo conocido, traduciendo algo que no existía antes de él, haciendo surco entre las cosas con el filo del lenguaje donde las palabras son intento de configurar el diagrama de algo, bordar esa latencia con el hilo frágil de su condición semántica. Traducción imperfecta, incompleta y porosa, ahí su potencia orgánica. El poema está vivo y es violento, cae, impacta sobre el hielo del mundo, su gravedad compacta donde poco sobrevive. Cae y astilla, ínfimos cristales se desplazan. La superficie ya nunca va a ser la misma. La tundra y el tiempo cuando escribo se parecen bastante. El tiempo pasa lentificado, las bestias salvajes duermen bajo las salientes, es un paisaje entregado a la profundidad de campo. Pequeñas cosas pasan, casi imperceptibles. Cuatrocientas especies de flores y poemas que se llaman unos a otros y conforman su propia cartografía: desde los bosques, hasta Rusia, las Juanas con sus espadas y su corceles, los féretros, los camposantos, las madrigueras. Una fuerza primitiva que desconoce todo Dios, un altar de elementos precarios.

### **-Dos años después, otro diciembre. Bloc de notas.**

*Las cosas con las que sueño:*

*anguilas gatos en medianeras cabezas estrellándose en la vereda.*

*Encontré en la calle un fascículo sobre la Siberia. Tenía fallas de edición y una sobreimpresión que rezaba “lobo”, en la foto, una mujer cubierta de pieles. De fondo un paisaje nevado. Blanco. Todo blanco.*

\*\*\*\*\*

En su libro “El arte de la ficción”, Willa Cather (la gran narradora norteamericana de fines del SXIX) compila sus ensayos periodísticos, crónicas personales y material epistolar. Este

compendio indaga desde distintos soportes sobre los procesos de escritura, el canon literario, el concepto de obra de arte; pero se pregunta una y otra vez sobre los escritores y sus lecturas: el escritor como lector como parte de una larga cadena de producción y circulación de sentidos. *¿Cómo han leído su época las grandes figuras literarias? ¿Qué de su lectura del mundo ha horadado en sus obras, y esta ha sido a su vez leído por otros?* Willa Cather insiste sobre una idea a lo largo de sus textos como los escritores registran su entorno, qué procedimientos, cuál es el corazón de la ficción. Recupera de las cartas de Sarah Orne Jewett la siguiente observación: “aquello que acosa nuestra mente una y otra vez a lo largo de los años, y por fin logra ponerse delicadamente en el papel, sea poco o sea mucho, pertenece a la Literatura”(Cather, 1925: 115): la cautivante figura de lo acuciante, lo insistente, como movimiento primal de la escritura literaria, esa escritura que es más que “una buena historia” en las propias palabras de Cather. Para Cather un buen escritor es ante todo un lector ambicioso. Un lector cuya hambre no se sacia sólo de otras obras literarias sino, es su propio cuerpo con sus órganos sensibles atentos, una extensa superficie de lectura.”No sólo tenía el ojo, sino el oído (...) El idioma que sus personajes hablan entre sí es una lengua nativa.(...) El escritor debe poder pensar y sentir esa lengua...es un regalo de corazón a corazón”(Cather, 1925:120).

Esta búsqueda y pregunta incesante de Cather, conmovió mucho durante el último tiempo. Como lectora y como escritora, en una retroalimentación constante; motivó en mí preguntas primales sobre la producción, la circulación y la recepción de la obra literaria. *¿Hay algún sentido que se mantenga incólume desde la mano que escribe hasta el cuerpo que a posteriori, lee?* A lo largo de este breve ensayo compartiré algunas ideas propias sobre lo que considero una primer instancia de lectura, previa : la del escritor y poeta que es todo ojos y todo oído ante la voluptuosidad del mundo. En fragmentos, un gesto benjaminiano, un intento de constelación posible. Una bitácora personal en ascuas.

\*\*\*\*\*

No sé si es un ritual, pero sí una tensión o una provocación: desconfío de la imagen que aparece, la dejo ir, no la fuerzo. Si retorna e insiste, puede que la escriba. Es como una sustancia, una emulsión que va de lo invisible a lo visible y se constela en una forma a la que a veces el pensamiento y el lenguaje ordenan imperfectamente. La poesía es un acecho. Nunca siento o digo “voy a sentarme a escribir un poema”, es más bien un ente acuciante que merodea lo cotidiano y cuando irrumpe, cuando esa imagen, esa forma punza, tomo notas, que muchas quedan desguazadas en cuadernos, archivos de word, un pizarrón en la cocina, al borde del recibo de expensas.

\*\*\*\*\*

No tengo relojes. Escribo sin segundero. Escribo, creo que todo el tiempo, aunque el devenir gráfico aparece en islas a lo largo de los meses; pero digo todo el tiempo, porque considero que no se puede nunca abandonar la observación y la simbolización del mundo conocido y también de lo incognoscible. Es un filo que recorre la experiencia, un modo de leer lo habitable y habitado que luego es poema, esa forma nueva que antes no existía. Es la manera que encontré de hacerle preguntas al plástico que recubre toda las cosas. Desde las 6am que despierto, el trabajo, el barrio, los mandados, etc, etc, hasta la tranoche que me acuesto (y también cuando se duerme) el residuo de todo eso, con suerte y dedicación en algún momento puede llegar a quedar registro.

\*\*\*\*\*

La patria de la infancia o la traición del pasado. ¿Qué ojos me fueron dados? ¿Leer es solamente abismarse ante un libro? Los

recorridos lectores de cada sujeto son múltiples y variopintos. Levanto las piedras de una casa inhabitable, busco mis ojos, quiero conocer la fórmula, código que ordena en mi pupila y mi retina el caos presente. ¿Cómo me convertí en este animal calmo que lee así, las pasturas de su tiempo?

Nací en el 85', una noche calurosa de Octubre, en un sanatorio con nombre de continente helado. De ojos orientales y sangre italiana, pasé mi infancia en las horas lentas de un barrio de casa bajas y calles empedradas.

La casa donde crecí fué construida por mi padre y mi abuelo, así como los vestidos que llevaba y ensuciaba al trepar rampas eran cosidos por mi madre. Algo de esa insistencia obrera, analógica, manual, persiste a la hora de tocar las cosas. De abstraer imágenes del mundo.

Durante el día, la casa se ofrecía vacía, sólo la voz de mi mamá canturreando entre los geranios y hortensias; la tarde se me abría como un mapa sin nombres que en el vacío de la siesta llenaba con personajes y nombres que a veces asumía propios. Hablaba en voz alta, cambiaba de silla, me respondía

A los seis años me regalaron un diario íntimo, un enero de temperaturas desatadas y horas de chicle. En casa no teníamos pileta, ni jardín y para ir a la plaza había que esperar a que bajara el sol. Motivada por las películas de detectives y sucesos sobrenaturales, comencé a registrar cada data en el diario.

A veces un exquisito detalle de las frutas de estación, otras una poesía a una flor muerta.

El verano pasó y no dejé de escribir en las páginas lavanda los acontecimientos. Castigada por hablar en clase, intrigas y ardides del amor, notas al pie sobre las peleas de los vecinos.

El cuaderno era siempre un lugar al que volver, donde establecía un diálogo cerrado conmigo misma, un espejo astillado y lleno de manchas.

Los años que siguieron se fueron poblando de libros. No me gustaban los deportes ni actividades de mucha exposición, prefería el corte del silencio, la fabulación interior.

Me disfrazaba, ponía discos, me grababa en un pasacasette que mantenía el récord con una cinta. Hacía compilados, inventaba entrevistas.

La llegada de Internet a fines de los 90', entró conmigo a la adolescencia. La entelequia dial-up, el buceo en bytes entre fondos de pantalla de los Ramones y de la URSS. Horas traduciendo al élfico frases para mantener en secreto, días para descargar imágenes de Odisea en el espacio.

Percibí de mi padre una fascinación por la ciencia ficción y el jazz, de mi madre una curiosidad cruda por las cosas vivas: una iguana, un perro, un huevo de tortuga roto. Objetos del misterio común.

Robaba los discos de mis hermanos, para pasarlos a cinta y escucharlos en mi walkman, mientras me encerraba en el cuarto del fondo a escribir.

La poesía apareció como una lanza, un experimento doloroso con el pasado, la muerte cercana. Una lanza de lado a lado, encendiendo la sangre también. Una pregunta sin respuesta a otras preguntas. Sólo imágenes de posibilidad.

Con un hurto superior, la cámara analógica Yashica de mi padre, comenzó una obsesión con el tiempo y la luz.

Esos recorridos no académicos, fueron paisajes decisivos del deseo y la pasión futura: el vacío, la incerteza, el lenguaje, la post-imagen. Luego vino el vagabundeo por talleres, aulas, teatros. La aparición del cuerpo como un dispositivo, el efecto que da la falla hermosa de la creación.

Idas y venidas, volví a la Carrera de Artes para trenzarme en una tensión de amor-odio con la academia, en un enredo total con el cine y el teatro. Luego la emergencia por lo educativo y los puentes posibles para abrir mundos a través de lo artístico y el pensamiento.

Vivo al borde de mi sombra, con un dejo de melancolía absurda por cosas que no recuerdo. Con muchas más preguntas que respuestas, y más intentos que horas de sueño.

Cómo estallar una roca, pulverizar el estigma de algunas formas, entrar en aquello que no se parte y es una respuesta. Como una extranjera a través del desierto, con círculos blancos en la frente; artefacto-extranjera, intentando quedar de frente a la tormenta antes que todo suceda.

El momento de la perfecta y pura posibilidad, algo sin muerte, y que después todo estalle el sinsentido de la lógica.

\*\*\*\*\*

Leer es un acto doble dónde quien lee, está y no está presente. Es la invocación del doble, del doppelgänger en el propio cuerpo. Cuando algo en mí está muerto y vivo a la vez, una sensación vital y maquina a la par. Soy un ave exótica, efecto residual: Artefacto-extranjera.

\*\*\*\*\*

*Veo en las cosas el eco de algo que no puedo nombrar. Una planta aparece, de pronto su ruido. Un tic tac para criar una secuencia florida. La primavera llegará tarde o temprano, como todo aquello que no puede ocultarse.*

*A veces se extraña, se mira la espina de alguien que es un recuerdo: digo mi nombre al revés. Aparezco.*

*El espacio, la casa, la cosa. Las paredes hablan. Temer los datos, el lugar. Qué historia, se dice.*

Estoy frente a la ventana, con la cara pegada al vidrio; es decir, si quiero puedo acercar la llanura de mi piel al cristal y sentir el frío de la primavera inestable que se transfiere en la tarde gris de este martes.

Desde el balcón de un quinto piso, sin edificios haciendo guardia enfrente, la ciudad se desarma como un cuadro, un Hopper gaucho-urbano. La bruma profusa, clareando del fondo hasta acá; escalonándose las torres y antenas descendiendo de la línea del horizonte hasta llegar a las casa bajas.

El barrio, mi barrio, mi pequeño reinado que no adueño. Las tejas partidas, las terrazas descuidadas, el punto santa clara de los cables telefónicos en la esquina. En diagonal a mí, cinco pisos debajo del nivel de mi peso falsamente suspendido, y cruzando la calle: la casa de la ochava. Parece deshabitada, no me animaría a decir “abandonada”, tan sólo sin trazos visibles de reacciones humanas en este período de observación.

Quisiera que me tomaran una foto cuando estoy así de callada, para poder recibir mi contorno como una forma por fuera de mí. Salirme del lenguaje para nombrarme como nombro las cosas que existen: casa, perro, árbol, nube, ella-yo.

Tengo puesto un pantalón negro con arabescos blancos. Un pantalón fresco, suelto, dónde mi cuerpo oscila en el espacio entre la piel y la tela.

¿Cómo se llama aquello que existe entre dos periferias?

La periferia de la piel y la de la prenda. Ese espacio aerial, invisible pero existente. La periferia de la vista y la superficie del objeto, la distancia entre la palabra y el oído. El trayecto entre el pensamiento y la manifestación.

Como la fuerza que mantiene a los imanes repelidos, alejados, un flujo magnético que no se traza en el espacio sino a través de la conducción sensorial de los dedos que sostienen los imanes hasta la decodificación del cerebro.

Así, es eso que quiero explicar y no puedo.

La dimensión del fortín que se levanta en el desierto. El desfase entre el sentimiento y su efecto en el tacto.

No lo veo desplegado en el movimiento de los labios y la lengua, pero aún así, se siente en alguna capa magmática del cuerpo. Entonces irreverentemente, existe.

Como ese flujo magnético capaz de plegar las geografías plateadas, o alejarlas. La fuerza es la misma, la cercanía o el deslizamiento opuesto dependen de la cara que se muestre. Y en esta amabilidad de los metales, se reduce el universo.

La fuerza siempre es la misma para detener o avanzar el tiempo.

La potencia, la sustancia irreducible es la misma: la elección cualitativa es la libertad del ojo que mira. No es un acto de fé.

Vagabundeo por la ventana y entre el paisaje y yo está mi propio reflejo tenue en el vidrio. Somos dos entonces mirando el barrio, y una la que se mira aunque sin verse. La soledad templada del que escucha, que siempre escucha. La abstracción del que escucha lo que no se oye; la del náufrago, el preso, el escapado, el irredimido. Volverse invisible sin desmaterializarse.

Suena el teléfono y no atiendo. Hoy no debería estar en casa, por lo tanto nadie que me busque me estaría llamando. Y si así fuera, podría estar desde luego, en cualquier lado. Afuera de todo, adentro mío.

Un camello llevando su propia reserva de energía en los días. La joroba que no pesa, ese es el único equipaje portable, biodegradable. Sospecho que todo lo demás es, transitorio, por lo tanto contingente.

Eso es algo que me enseñaron las iguanas.

Recuerdo la primera vez que aparecieron en el barrio, muchos veranos atrás también. Las iguanas son como oráculos estacionales, su presencia se adelanta a las cigarras y grillos; independientes de los alguaciles. Estos pequeños dinosaurios, surcan las paredes, los ladrillos, las fachadas de horribles azulejos como evidencia de una ciudad que olvidó las leyes esenciales. Hijas pródigas de la naturaleza, las iguanas resisten a la modernidad desde su piel escamosa, su desplazamiento veloz. Sus caritas de velociraptors en miniatura, atestando rápidas miradas a las grietas.

La primera vez que las vi, me asusté y asombré; ese embeleso de lo desconocido cuando somos chicos. Estar de frente a un nuevo mapa móvil, que respira y nos huye.

Una vez, un espécimen muy grande se paseó delante de mí mientras regaba las plantas.

Lentamente me acerqué, la tomé de la cola. Cesó su movimiento de colibrí reptante, un péndulo que se detiene. Un ruido casi inaudible, un crack en escala liliputiense y la iguana desandó su cuerpo. Un transformer.

Y me quedé con la cola entre los dedos. Artefacto, brote nuevo, efecto maravilloso.

Quisiera que me tomen una foto, donde me sienta respirar y el corazón latir frente al infinito movimiento de las cosas.

El punto infinito. Si somos el punto infinito, la mínima expresión del universo, una pequeña totalidad en sí.

El punto no tiene partes, no se puede partir, pero las construcciones parten de él.

La línea, el plano y el volumen; la casa, el templo, la nave espacial y la bomba nuclear.

Su existencia devela, que siempre hay algo oculto.

Algo adentro del punto que no se disuelve jamás y viaja en el tiempo. Intocable.

Si hallamos nuestro origen, punto desde donde todo puede construirse, romperse, perderse y volver. Mellar el escombro, hacer piel ceniza, hambre basura, cuerpo reactivo. Porque el punto es, estar en casa.

Quisiera que me tomen una foto, donde me sienta respirar y el corazón latir fuerte. Ser salvaje excitación de una tribu descubriendo un nuevo río y darle un sonido entre los dientes; ser el miedo abismal de estar abriendo la puerta de algo jamás visto. Cruzar la frontera. Y no olvidarlo nunca. Poder volver siempre que se quiera. No olvidarlo nunca. Recordar el camino de las piedras centelleantes en el barro.

Estoy en la selva. Quiero que me saquen una foto y no me puedan clasificar.

Como esas aves exóticas arremolinándose en lo alto de las Yungas. Sin conciencia de sí, hermanas del todo. Traspasándose los milenios en la memoria del canto.

Quisiera que me saquen una foto, donde me sienta respirar y el corazón latir fuerte. Para entonces volver a mi nombre, pero de otra forma. Y no olvidarlo nunca.

Ser efecto residual del paisaje.

*Ser algo amputado  
articulación involuntaria  
extrañado  
el brazo fantasma  
manifiesta espectral  
su movimiento  
signo de una metamorfosis  
masticada hacia adentro  
ritmo dominó  
modifica las aguas  
el mar puede volverse  
todo el río,  
devano cortajeo  
devengo:  
artefacto-extranjera// (Pignataro; 2018: 25)*

\*\*\*\*\*

En su libro *Apuntes para caminar sobre el hielo*, Werner Herzog traduce su caminar en la intemperie. Traduce para nosotros, sus lectores, una serie de experiencias vivificantes

Quiero comer en un parador de camioneros; una pareja de jóvenes entra en el local y sobre la dupla pende una extraña y sorda acechanza, como en un western. En la mesa de al lado hay un hombre dormido junto a su vino tinto. ¿O se hace el dormido y acecha él también? El pequeño bolso que suelo llevar sobre el hombro izquierdo y que se apoya sobre la cadera al caminar ya me

hizo un agujero del tamaño de un puño en el pulóver, por debajo de la campera. Durante el día casi no comí, sólo mandarinas, algo de chocolate; agua bebo de los arroyos agachándome como los animales. La comida debería estar lista; hay liebre y sopa. .

Leí este libro durante un viaje por el trópico, la atmósfera opuesta a la lenta y austera postal que Herzog presenta. Estaba yo expuesta a la velocidad de los pájaros, la miel y el café cubano, la constante estimulación cromática de la playa y el enigma de la ciudad de Trinidad. Sin embargo, la experiencia de lectura de Apuntes... produjo en mi un acontecimiento casi indetectable: un cambio de tempo, de documentación de los días. Ese hielo, esa caminata y la voz de Herzog, me infectaron como un virus benevolente. La Habana se volvió más densa, asistí a una lentificación de las cosas: el café cayendo en la pequeña taza, la cadera del trompetista haciendo leves círculos en el aire.

Los apuntes de Herzog, esa lectura cruda y fulminante transformaron mis propias notas de viaje, filtrándose como cuchillos sobre el mar caribe:

### ***Apuntes de viaje. Enero-Febrero 2018.***

*I*

*El exceso de bondad, no es bondad, dijiste. Y puede que tengas razón.*

*II*

*Crucé un río, el campo y la ciudad. Pasé dos migraciones. ¿Qué nación tiene el olvido? ¿Y el pánico? En el micro a Montevideo un señor ancho me observa. Debo tener cara de extraña o extranjera. Pluma en pérdida de conocimiento.*

*III*

*Deambulo. La sala vacía del aeropuerto, los de mantenimiento lustrando la estática y la blancura bajo el clima helado del aire acondicionado central. Una imagen de la desesperación calma, la lengua enrollada de quien padece ansiedad por las horas que vendrán.*

IV

*Arrojo las palabras, me desentiendo. Podría ser cualquier cosa, acaso renunciar a mi nombre. Nadie me conoce. No sé qué magia, qué invocación funesta practico a solas, con dedos laxos y mal aliento. ¿ Qué cosa será a esta hora, mi cara, el trapecio hundido de mis hombros?*

V

*Cómo portar el corazón del ser amado, en qué espacio cóncavo del cuerpo. ¿Detrás de las rodillas, en el arco del pie sobre el mármol?*

VI Noche

*Un hombre come frente a un partido del Barça. Una ventana deja lámparas de cristal antiguo sobre mi espalda. En la esquina un sidecar, una Corvette, un carro con caballo, una moto, una bici y un Audi: todos detenidos en el semáforo. Solo en Habana vi semáforos. El tránsito es caótico en los pueblos, pero se circula, funciona. Como la vida. Los palacetes alternan con casas semi demolidas, los viejos con renguera y muñones al sol con morenas venusinas y nucas cruzadas de dreadlocks.*

VII Mañana

*Un pavo real degollado decora la cuadra de la Dependencia de Salud, la guayaba es brillante. El acento te separa el cup del cuc. Todos son tus amigos para subirte al taxi, todos los chistidos te vuelven perra enajenada. El Che está en todos lados, Fidel es la publicidad del retrato de la victoria. El partido inmortal, el socialismo una lanza en llamas en un campo minado, Internet es un ente capsular en su fase inicial de réplica. Cuba es una distopía viva, un cangrejo con chaqueta rusa en una playa brillante, presuntamente prístina. Las formas del infierno y el edén son un estuario del que ninguno escapa.*

VIII Madrugada

*Internet se fugó: la wifi, el crédito y las ventanas donde venden las tarjetas de teléfono también. Mi primer carta quedó varada, una balsa digital. Di vueltas por el barrio, nada. Golpee puertas de negocios. Nada. La liturgia es esperar: al otro día, a que abran los negocios, a que enganche Internet, que se transmigren los datos. Nuestro cerebro post-net sufre fallas de ansiedad, de angustia. El silencio, la espera, la incertidumbre, el mensaje a medio mandar.*

*Se vive mucho más, las horas son profundas, todos parecen estar contribuyendo al mosaico del cielo. Mientras tanto, hay flores carnívoras creciendo en el reverso de mis huesos.*

*Es la 130 am.*

*Probablemente el día que me acuesto más tarde en todo el viaje. Lo angosto de las horas de luz golpea el cuerpo, tengo sueño todo el tiempo aunque 7am levanto y comienza la didascalía de la jornada: la joven se extiende sobre sábanas prestadas, abre la ventana, se maravilla de la vista, se dice -este es el sueño adentro del sueño que se esconde en la ausencia de lo real- se acomoda la remera, recuerda la fecha. Después la corredera de actividades de 10 a 21 hs sin parar. La Feria del Libro de la Habana es impresionante: un castillo guardando el repliegue del mar en el borde de sus costas y barrancas.*

*Lecturas, paneles, música, lecturas. Cosas soporíferas, otras rescatables, algunas anodantes. Notas al margen, revistas para conseguir, intercambio de poemarios, un libro que se fue a Italia.*

*IX Tarde*

*Hay poetas machos, poetas críticos del amiguismo, poetas posers, poetas low profile, poetas. Hay sacralización del arte y estetización de los estigmas. Están los que vienen de bulla y buscan fiesta, y los que se escinden del alboroto. Yo me alejo para pensar en vos en un cierto grado de intimidad del viento húmedo, los perros flacos atigrados y un café fuerte.*

*X Coda*

*Pasó el día y cuento: miércoles, jueves, viernes. Sábado y el periplo de taxi avión pánico avión pánico dormir aeropuerto taxi micro barco. Volver.*

*Aprendo algo, comprendo poco, escucho mucho. Trato de hacer mi juego, mi bien, mi ofrenda al tiempo.*

*Una vez más intuyo, que cada libro que nos marca es apenas la cumbre tocada por el rayo del sol, de una montaña en sombras. Esa lectura que nos conmueve, tiene la fuerza del tiempo*

sedimentado en los ojos de quien la escribe. En un diálogo espiritista, junto mis manos *Willa Cather* tenías razón. No alcanza con una buena historia para mover un mundo.

\*\*\*\*\*

*“El poeta ha traducido a lo concreto un tema psicológico bien general: habrá siempre más cosas en un cofre cerrado que en un cofre abierto. La comprobación es la muerte de las imágenes. Imaginar siempre será más grande que vivir”* (Bachelard: 1975: 122)

Cuando leemos el brillo del cofre nos domina, su rayo dorado imanta nuestra frente. Hay algo en la obra que nunca termina de revelarse y ese fuego nos mantiene atentos. Esa experiencia de ausencia, de inasibilidad del todo, que a su vez es un goce íntimo e irremplazable.

Paso horas observando. Hay un pacto en la mirada con el misterio de los objetos que me rodean. Intento leer los signos, en un intento de confabulación con la existencia.

Hay en la tundra una especie de mitología para mí. Son varios los motivos: porque es un bioma inhóspito, donde sorprendentemente crecen muchísimas flores que soportan lo extremo dónde los árboles no, entonces esa relación ilusoria entre condición, apariencia y vitalidad guarda el misterio de lo insurgente; está poblada de animales salvajes, nocturnos, solitarios, depredadores y también de clanes, hay una potencia rabiosa en sus movimientos, sus hábitos. Me resulta hipnótica la existencia de cosas pequeñas, mínimas como los líquenes, los musgos y la escala inconmensurable extensión de suelo permanentemente helado. Me gusta quedarme en el páramo y ver que pasa, dejar que el tiempo pase, hacer uso del silencio y del ruido, que herramientas elementales se ofrecen, descubrir qué materia prima anida para mí.

Conjuro hay algo para mí en esos árboles, algo con mi nombre, un alimento único para este cuerpo. Entonces deberé

comer y hacer de su sustancia algo para otros. Un amuleto protector, un poema. Mi obsesión convertida en obra, un puente labrado para que otro pase de lado a lado del río y mire el cofre misterioso desde arriba. Así la experiencia del placer en la lectura: convertirse en águila, trazar las fugas y encuentros, en lo alto, en lo alto. Y a lo lejos algo brilla y mientras más nos acercamos más se aleja. Y sin embargo, ahí estamos: extasiados un poco muertos, un poco vivos ante los signos del mundo.

## Referências

BACHELARD, Gastón. *La Poética del espacio*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2004.

CATHER, Willa. *El arte de la ficción*. Ensayos. Buenos Aires: Monte Hermoso, 2018.

HERZOG, Werner. *Del caminhar sobre hielo*. Buenos Aires: Entropía, 2015.

PIGNATARO, Gabriela. *Tundra*. Buenos Aires: AñosLuz, 2018.

## Das flores violentas que crescem no deserto polar anotações sobre leitura e escrita poética

Gabriela Clara Pignataro <sup>1</sup>

– Dezembro. Com uma aluna procuro em manuais de geografia e enciclopédias toda informação sobre a tundra e suas características.

*Planície sem árvores. Terra infértil. Deserto elevado. Glacial. Ártica, antártica, alpina. Animais com pelagem longa e grossas camadas de gordura debaixo da pele. Lar de ursos, lobos, raposas, renas, cabras e falcões. 400 espécies de flores.* Talos tenros crescendo na noite que extrema suas temperaturas. Planícies florescidas sob os raios de um sol que parece fictício. Ornamento estelar radiante que injeta luz nas pétalas das milicianas do gelo: é isso o que eu penso delas. Essa imagem se fixa na antessala de meus olhos e não posso retirá-la: as flores da tundra, a violência insurgente do deserto. *De onde vem um poema? Em que direção se dirige?* Movo-me em uma espécie de penumbra, diante das formas que chegam sem nome, da sensação de tocar com a ponta dos dedos uma pedra áspera e adivinhar a sua procedência. Sempre gostei do inóspito, da atmosfera entre os influxos de algo que existiu e do qual só ficam resíduos, o interstício inalcançável do tempo entre uma centelha que vem, punça, se ausenta, retorna, perfura e mostra um ápice de tentáculo. Aí escrevo. O poema é

---

<sup>1</sup> É poeta, atriz e fotógrafa. Cursa o Mestrado em Artes Combinadas da FFyL e o curso técnico em Pedagogia e Educação Social da ISTLyR. É integrante de grupo de pesquisa Figuras do invisível (PRIG, FFyL, UBA) sobre visualidades contemporâneas e representações estético-políticas.

violento, se precipita para o mundo conhecido, traduzindo algo que não existia antes dele, fendendo as coisas com o corte da linguagem no qual as palavras são a intenção de configurar o diagrama de algo, de bordar essa latência com o fio frágil de sua condição semântica. Uma tradução imperfeita, incompleta e porosa: eis a sua potência orgânica. O poema está vivo e é violento, cai, impacta sobre o gelo do mundo, sua gravidade compacta onde pouco sobrevive. Cai e se fragmenta. Ínfimos cristais se espalham. A superfície nunca mais será a mesma. A tundra e o tempo, quando escrevo, se parecem bastante. O tempo passa mais lento, as bestas selvagens dormem sob as saliências. É uma paisagem entregue à profundidade do campo. Pequenas coisas passam quase impercebíveis. Quatrocentas espécies de flores e poemas que se chamam e conformam a sua própria cartografia: dos bosques à Rússia, As Juanas com suas espadas e cavalos, os féretros, os cemitérios, os esconderijos. Uma força primitiva que desconhece todo Deus, um altar de elementos precários.

**– Dois anos depois, outro dezembro. Bloco de anotações.**

*As coisas com que sonho:*

*Enguias-gatos sobre o muro se espatifando na calçada.*

*Encontrei na rua um fascículo sobre a Sibéria. Tinha falhas de edição e uma sobreimpressão que dizia “lobo”. Na foto uma mulher coberta de peles. Ao fundo, uma paisagem nevada. Branco. Tudo branco.*

\*\*\*\*\*

Em seu livro *A arte da ficção*, Willa Cather (a grande narradora estadunidense do final do século XIX) compila seus ensaios jornalísticos, crônicas pessoais e material epistolar. Este compêndio indaga, a partir de distintos suportes, sobre os processos de escrita, o cânone literário, o conceito de obra de arte,

mas, se pergunta, uma e outra vez, sobre os escritores e suas leituras: o escritor como leitor, como parte de uma longa cadeia de produção e circulação de sentidos. *Como leram em sua época as grandes figuras literárias? O que de sua leitura de mundo tem penetrado em suas obras e esta foi, por sua vez, lida por outros?* Willa Cather insiste em saber, ao longo de seus textos, como os escritores registram o seu entorno, que procedimentos possuem, qual é o coração da ficção. Recupera das cartas de Sarah Orne Jewett a seguinte observação: “aquilo que assedia a nossa mente, uma e outra vez ao longo dos anos e, enfim, consegue pôr-se delicadamente no papel, seja pouco ou muito, pertence à Literatura” (CATHER, 1925, p. 115): a cativante figura da urgência, da insistência como um movimento primordial da escrita literária, essa escrita que é mais que “uma boa história” nas próprias palavras de Cather. Para ela, um bom escritor é, antes de tudo, um leitor ambicioso, um leitor cuja fome não se sacia somente com outras obras literárias, mas sim é o seu próprio corpo, com seus órgãos sensíveis atentos, uma extensa superfície de leitura: “Não só tinha o olho, mas sim o ouvido [...]. O idioma que seus personagens falam entre si é uma língua nativa. [...] O escritor deve poder pensar e sentir essa língua... é um presente de coração a coração” (CATHER, 1925, p. 120).

Essa busca e pergunta incessantes de Cather comoveu-me muito nos últimos tempos, como leitora e como escritora, em uma retroalimentação. Motivou-me perguntas primordiais sobre a produção, a circulação e a recepção da obra literária. *Há algum sentido que se mantenha incólume desde a mão que escreve até o corpo que, a posteriori, lê?* Ao longo deste breve ensaio, compartilharei algumas ideias próprias sobre o que considero uma primeira instância de leitura, prévia: a do escritor e poeta que é todo olhos e ouvidos, diante da voluptuosidade do mundo. Em fragmentos, um gesto benjaminiano, uma tentativa de constelação possível. Um diário de bordo em brasa.

\*\*\*\*\*

Não sei se é um ritual, mas sim uma tensão ou uma provocação: desconfio da imagem que me aparece, deixo-a ir, não a força. Se retornar e insistir, pode ser que eu a escreva. É como uma substância, uma emulsão que vai do invisível ao visível e se constela em uma forma que, às vezes, o pensamento e a linguagem ordenam imperfeitamente. A poesia está à espreita. Nunca sinto ou digo: “vou me sentar para escrever um poema”. Ao contrário, é um ente que urge, que vaga pelo cotidiano e, quando irrompe – quando essa imagem, essa força aguça – faço anotações que ficam esparramadas em cadernos, arquivos de *word*, no quadro-negro da cozinha, na beira do recibo de compras.

\*\*\*\*\*

Não tenho relógios. Escrevo sem ponteiro. Escrevo, acredito que todo o tempo, embora o devir gráfico apareça em ilhas, ao longo dos meses; mas, digo todo o tempo, porque considero que não se pode nunca abandonar a observação e a simbolização do mundo conhecido e também do incognoscível. É um corte que percorre a experiência, um modo de ler o habitável e habitado que logo é poema, essa forma nova que antes não existia. É a maneira que encontrei para fazer perguntas ao plástico que recobre todas as coisas. Desde as 6h da manhã, quando desperto – o trabalho, o bairro, as ordens, etc., etc. – até virar a noite, quando me deito (e também se dorme), o resíduo de tudo isso, com sorte e dedicação em algum momento, pode chegar a ser registrado.

\*\*\*\*\*

A pátria da infância ou a traição do passado: que olhos me foram dados? Ler é somente abismar-se diante de um livro? Os percursos de leitura de cada sujeito são múltiplos e variados.

Levanto as pedras de uma casa inabitável, procuro meus olhos, quero conhecer a fórmula, o código que organiza em minha pupila e minha retina o caos presente. Como me tornei este animal calmo que assim lê as pastagens do seu tempo?

Nasci em 85, uma noite calorosa de outubro, em um sanatório com nome de continente gelado. De olhos orientais e sangue italiano, passei a infância nas horas lentas de um bairro de casas baixas e ruas empedradas.

A casa em que cresci foi construída por meu pai e meu avô, assim como os vestidos que eu usava e sujava ao subir as rampas eram costurados por minha mãe. Algo dessa insistência obreira, analógica, manual, persiste na hora de tocar as coisas. De abstrair imagens do mundo.

Durante o dia, a casa se oferecia vazia. Só havia a voz da minha mãe cantarolando entre os gerânios e as hortênsias. A tarde se abria como um mapa sem nomes que, no vazio do cochilo do almoço, se enchia com personagens e nomes que, às vezes, eu assumia serem meus, falava em voz alta, trocava de cadeira, me respondia.

Aos seis anos, me presentearam com um diário íntimo, um janeiro de temperaturas desatadas e horas de chiclete. Em casa não tínhamos piscina, nem jardim e, para ir à praça, tinha que esperar que diminuísse o sol. Motivada pelos filmes de detetive e acontecimentos sobrenaturais, comecei a registrar cada data no diário.

Às vezes, um delicioso detalhe das frutas da estação; outras, uma poesia a uma flor morta.

O verão passou e não deixei de escrever nas páginas lavanda os acontecimentos, castigada por falar na aula intrigas e jogos do amor, notas de rodapé sobre as brigas dos vizinhos.

O caderno era sempre um lugar para voltar no qual estabelecia um diálogo fechado comigo mesma, um espelho fragmentado e cheio de manchas.

Os anos que se seguiram foram se enchendo de livros. Eu não gostava de esporte nem de atividades com muita exposição. Preferia o corte do silêncio, a fabulação interior.

Fantasiava-me, ouvia discos, me gravava em um videocassete que batia o recorde com uma única fita, fazia compilações, inventava entrevistas.

A chegada da Internet no final dos anos 90 entrou comigo na adolescência. A entelúquia *dial-up*, o mergulho em *bytes* entre fundos de tela dos Ramones e da URSS. Horas traduzindo, para o élfico, frases que queria manter em segredo. Dias para baixar imagens de *Uma odisseia no espaço*.

Herdei de meu pai um fascínio pela ciência ficção e pelo jazz; de minha mãe uma curiosidade crua por coisas vivas: uma iguana, um cachorro, um ovo de tartaruga quebrado. Objetos do mistério comum.

Roubava os discos de meus irmãos, para passá-los para a fita e escutá-los em meu *walkman*, quando me trancava no quarto do fundo para escrever.

A poesia apareceu como uma lança, um experimento doloroso com o passado, a morte próxima, uma lança atravessada de lado a lado, incendiando o sangue também. Uma pergunta sem resposta para outras: só imagens de possibilidade.

Com um furto superior – a câmera analógica Yashica do meu pai – começou uma obsessão com o tempo e a luz.

Esses percursos não acadêmicos foram paisagens decisivas do desejo e da paixão futura: o vazio, a incerteza, a linguagem, a pós-imagem. Depois vieram o perambular por oficinas, salas, teatros, a aparição do corpo como um dispositivo, o efeito que dá a falha formosa da criação.

Após idas e vindas, voltei ao Curso de Artes para me trançar em uma tensão de amor e ódio com a academia, em um enredo total com o cinema e o teatro. Depois veio a urgência pelo educativo e as pontes possíveis para abrir mundos através do artístico e do pensamento.

Vivo à beira de minha sombra, com um gosto de melancolia absurda por coisas que não recordo.

Com muito mais perguntas que respostas e mais tentativas que horas de sono.

Como arrebentar uma rocha, pulverizar o estigma de algumas formas, entrar naquilo que não se parte e é uma resposta. Como uma estrangeira através do deserto, com círculos brancos na testa: artefato-estrangeira, tentando ficar de frente para a tormenta, antes que tudo aconteça.

O momento da perfeita e pura possibilidade, algo sem morte, e que, depois, tudo estale o sem sentido da lógica.

\*\*\*\*\*

Ler é um ato duplo no qual quem lê está e não está presente. É a invocação do dobro, do *Doppelgänger* no próprio corpo, quando algo em mim está morto e vivo, ao mesmo tempo, uma sensação vital e maquínica, ao mesmo tempo. Sou uma ave exótica, um efeito residual: um Artefato-estrangeira.

\*\*\*\*\*

*Vejo nas coisas o eco de algo que não posso nomear. Uma planta aparece e, de repente, o seu ruído. Um tique-taque para criar uma sequência florida. A primavera chegará tarde ou cedo, como tudo aquilo que não pode se ocultar.*

*Às vezes, se sente falta, se olha a espinha de alguém que é uma lembrança: digo meu nome ao contrário. Apareço.*

*O espaço, a casa, a coisa. As paredes falam. Temer os dados, o lugar. Que história, se diz.*

Estou na frente da janela, com o rosto colado no vidro, ou seja, se quero, posso aproximar a planície de minha pele ao vidro e sentir o frio da primavera instável que se transfere na tarde cinza dessa terça-feira.

Vista da sacada de um quinto andar, sem edifícios vigiando à sua frente, a cidade se desarma como um quadro: um Hopper gaúcho-urbano. A bruma profusa, clareando do fundo até aqui, escalando as torres e as antenas e descendo da linha do horizonte até chegar às casas baixas.

O bairro, meu bairro, meu pequeno reinado do qual não me apropriado. As telhas partidas, os terraços descuidados, o ponto santa clara dos cabos telefônicos na esquina. Em diagonal a mim, cinco andares debaixo do nível de meu peso falsamente suspenso e cruzando a rua: a casa de esquina. Parece desabitada, não me animaria a dizer “abandonada”: tão somente sem traços visíveis de reações humanas neste período de observação.

Gostaria que me tirassem uma foto quando estou assim calada, para poder perceber meu contorno como uma forma fora de mim. Sair da linguagem para me nomear como nomeio as coisas que existem: casa, cachorro, árvore, nuvem, ela-eu.

Tenho colocado uma calça preta com arabescos brancos. Uma calça fresca, solta, na qual meu corpo oscila no espaço entre a pele e o tecido.

Como se chama o que existe entre duas periferias?

A periferia da pele e a da vestimenta. Esse espaço aerado, invisível, mas existente. A periferia da vista e a superfície do objeto, a distância entre a palavra e o ouvido. O trajeto entre o pensamento e a manifestação.

Como a força que mantém os imãs repelidos, separados, um fluxo magnético que não se traça no espaço a não ser através da conduta sensorial dos dedos que sustentam os imãs até a decodificação do cérebro.

Assim, é isso que quero explicar e não posso.

A dimensão do fortim que se levanta no deserto. A defasagem entre o sentimento e o seu afeto no tato.

Não o vejo disperso no movimento dos lábios e da língua, mas, ainda assim, se sente em uma camada magnética do corpo. Então, irreverentemente existe.

Como esse fluxo magnético capaz de dobrar as geografias prateadas ou de afastá-las, a força é a mesma, a aproximação ou o deslizamento oposto dependem do rosto que se mostre. E essa gentileza dos metais se reduz ao universo.

A força sempre é a mesma para deter ou avançar o tempo.

A potência, a substância irredutível é a mesma: a escolha qualitativa é a liberdade do olho que olha e não um ato de fé.

Perambulando pela janela entre a paisagem e eu está o meu próprio reflexo tênue no vidro. Somos dois, então, olhando o bairro e um a que se olha embora sem ver. A solidão moderada do que escuta, que sempre escuta. A abstração do que escuta o que não se ouve: a do naufrago, do preso, do fugitivo, do imperdoável. Tornar-se invisível sem se desmaterializar.

O telefone toca e não atendo. Hoje não deveria estar em casa, portanto, ninguém que me procure estaria me ligando. E se assim fosse, poderia estar desde logo, em qualquer lado. Afora e tudo, dentro de mim.

Um camelo que leva sua própria reserva de energia nos dias. A corcunda que não pesa, esse é o único equipamento portátil, biodegradável. Suspeito que todo o resto é transitório e, portanto, contingente.

Isso é algo que as iguanas me ensinaram.

Lembro a primeira vez que apareceram no bairro, muitos verões atrás também. As iguanas são como oráculos estacionais – sua presença ultrapassa a das cigarras e a dos grilos – independentes dos fiscais. Esses pequenos dinossauros fendem as paredes, os tijolos, as fachadas de horríveis azulejos como evidência de uma cidade que esqueceu as leis essenciais. Filhas pródigas da natureza, as iguanas resistem à modernidade com sua pele escamosa e deslocamento veloz, com suas carinhas de *velociraptors* em miniatura atestando rápidos olhares às fendas.

A primeira vez que eu as vi, me assustei e assombrei: êxtase do desconhecido que se dá quando somos pequenos. Estar em frente de um novo mapa móvel que respira e nos escapa.

Uma vez, um espécime muito grande passeou diante de mim, enquanto eu regava as plantas.

Lentamente me aproximei e o peguei pelo rabo. Cessou seu movimento de colibri reptante, pêndulo que se detém. Após um ruído quase inaudível, um crack em escala liliputiana, a iguana desandou seu corpo como um *transformer*.

E fiquei com seu rabo entre os dedos: artefato, novo brotamento, efeito maravilhoso.

Gostaria que me tirassem uma foto em que me sinta respirar e o coração pulse diante do infinito movimento das coisas.

O ponto infinito: se somos o ponto infinito, a mínima expressão do universo, uma pequena totalidade em si.

O ponto não tem partes, não pode ser partido, mas as construções partem dele.

A linha, o plano e o volume. A casa, o tempo, a nave espacial e a bomba nuclear.

Sua existência desvela que sempre há algo oculto.

Algo dentro do ponto que não se dissolve nunca e viaja no tempo. Intocável.

Se achamos a nossa origem: o ponto a partir do qual tudo pode se construir, se romper, se perder e voltar. Gretar os escombros, fazer a pele cinza, fome, entulho, corpo reativo. Porque o ponto é estar em casa.

Gostaria que me tirassem uma foto em que me sinta respirar e o coração pulse forte. Ser a selvagem excitação de uma tribo descobrindo um novo rio. Dar a ele um som entre os dentes: ser o medo abismal de estar abrindo a porta de algo nunca visto. Cruzar a fronteira. E não esquecer nunca. Poder voltar sempre que quiser. Não esquecer jamais. Recordar o caminho das pedras cintilantes no barro.

Estou na selva. Quero que me tirem uma foto e não me possam classificar.

Como essas aves exóticas que rodopiam no alto dos Yungas. Sem consciência de si, irmãs do todo, atravessando os milênios na memória do canto.

Gostaria que me tirassem uma foto em que eu me sinta respirar e o coração pulse forte. Para, então, voltar ao meu nome, mas de outra forma. E não esquecê-lo nunca.

Ser um efeito residual da paisagem.

*Ser algo amputado  
articulação involuntária  
saudoso  
o braço fantasma  
manifesta espectral  
seu movimento  
sinal de uma metamorfose  
mastigada rumo adentro  
ritmo dominó  
modifica as águas  
o mar pode ser tornar  
todo o rio  
enovelado cortejo  
artefato-estrangeira// (Pignataro, 2018, p. 25)*

\*\*\*\*\*

Em seu livro *Anotações para caminhar sobre o gelo*, Werner Herzog traduz o seu caminhar na intempérie. Traduz para nós, seus leitores, uma série de experiências vivificantes.

Quero comer em uma parada de caminhoneiros. Um casal de jovens entra no local e sobre a dupla pende uma estranha e surda espreita, como em um western. Na mesa ao lado há um homem dormindo junto do seu vinho tinto. Ou finge que dorme e vigia ele também? A pequena bolsa que costumo levar sobre o ombro esquerdo, e que se apoia na cintura ao caminhar, já me fez um buraco do tamanho de um punho no revólver por debaixo do casaco. Durante o dia, quase não comi: só tangerinas, um pouco de chocolate. Bebo água dos córregos, me curvando como os animais. A comida deveria estar pronta; há lebre e sopa.

Li este livro durante uma viagem pelo trópico. Em uma atmosfera oposta ao lento e austero cartão-postal que Herzog apresenta. Eu estava exposta à velocidade dos pássaros, ao mel e ao café cubano, à constante estimulação cromática da praia e ao enigma da cidade de Trinidad. Contudo, a experiência da leitura de *Anotações...* produziu em mim um acontecimento quase indetectável: uma mudança de tempo, de documentação dos dias. Esse gelo, essa caminhada e a voz de Herzog me infectaram como um vírus benevolente. Havana se tornou mais densa. Assisti a uma lentidão das coisas: o café caindo na pequena xícara; a cintura do trompetista fazendo leves círculos no ar.

As anotações de Herzog, essa leitura crua e fulminante, transformaram minhas próprias anotações de viagem, filtrando-se como facas sobre o mar caribe:

### ***Anotações de viagem. Janeiro-Fevereiro 2018.***

*I*

*O excesso de bondade não é bondade, disse. E pode ser que tenha razão.*

*II*

*Atravessei um rio, o campo e a cidade. Passei duas migrações. Que nação tem o esquecimento? E o pânico? No ônibus para Montevidéu um senhor largo me observa. Devo ter cara de estranha ou estrangeira. Pluma em perda de conhecimento.*

*III*

*Deambulo. A sala vazia do aeroporto, os da manutenção lustrando a estática e a brancura sob o clima gelado do ar-condicionado central. Uma imagem do desespero acalma, a língua enrolada de quem sofre de ansiedade pelas horas que virão.*

#### IV

*Arremesso as palavras, me despreocupo. Poderia ser qualquer coisa, caso renuncie o meu nome. Ninguém me conhece. Não sei que magia, que invocação funesta pratico sozinha com dedos lassos e mau hálito. Que coisa será, a esta hora, o meu rosto, o trapézio afundado de meus ombros?*

#### V

*Como portar o coração do ser amado? Em que o espaço côncavo do corpo? Detrás dos joelhos, no arco do pé sobre o mármore?*

#### VI Noite

*Um homem come em frente a uma partida do Barça. Uma janela deixa lustres de cristal antigo sobre minhas costas. Na esquina um sidecar, um Corvette, uma carroça com cavalo, uma moto, uma bicicleta e um Audi: todos parados no semáforo. Só em Havana vi semáforos. O trânsito é caótico nos povoados, mas se circula, funciona. Como a vida. Os palacetes alternam com casas semidemolidas. Os velhos mancos e amputados ao sol com morenas venusinas e nucas cruzadas por dreadlocks.*

#### VII Manhã

*Um pavão degolado decora a quadra do Estabelecimento de Saúde. A goiaba é brilhante. O sotaque te separa o cup do cuc. Todos são seus amigos para te colocar no táxi. Todos os chiados viram uma cachorra alienada. O Che está em todos os lados. Fidel é a publicidade do retrato da vitória. O partido imortal. O socialismo uma lança em chamas em um campo minado. A Internet é um ente capsular em sua fase inicial de réplica. Cuba é uma distopia viva, um caranguejo com jaqueta russa em uma praia brilhante, supostamente prístina. As formas do inferno e do éden são um estuário do qual ninguém escapa.*

#### VIII Madrugada

*A Internet fugiu: o wi-fi, o crédito e as janelas onde se vendem os cartões de telefone também. Minha primeira carta encahada, uma balseira digital. Dei voltas pelo bairro. Nada. Bati na porta dos estabelecimentos. Nada. A liturgia é esperar: no outro dia, no abrir dos estabelecimentos, no restabelecer da Internet, que se transmigrem os dados. Nosso cérebro pós-net sofre falhas de ansiedade, de angústia. O silêncio, a espera, a incerteza, a mensagem ainda por enviar.*

*Vive-se muito mais. As horas são profundas. Todos parecem estar contribuindo para o mosaico do céu. Enquanto isso há flores carnívoras crescendo por trás de meus ossos.*

*É 1:30 da manhã.*

*Provavelmente, o dia em que me deito mais tarde em toda a viagem. O reduzido das horas de luz golpeia o corpo. Tenho sono o tempo todo, embora às 7h levante e comece a didascália da jornada: a jovem se estende sobre os lençóis emprestados, abre a janela, se maravilha com a vista, diz – este é o sonho dentro do sonho que se esconde na ausência do real – se acomoda na camiseta, lembra a data. Depois a correria das atividades, de 10h às 21h sem parar. A Feira do Livro de Havana é impressionante: um castelo guardando a marca do mar na beira de suas costas e barrancos.*

*Leituras, painéis, música, leituras. Coisas soporíferas, outras resgatáveis, algumas abundantes. Anotações à margem, revistas para conseguir, intercâmbio de poemários, um livro que se foi à Itália.*

*IX Tarde*

*Há poetas machos, poetas críticos do favoritismo, poetas posers, poetas low profile, poetas. Há a sacralização da arte e a estetização dos estigmas. Ali estão os que vêm da bagunça e procuram festa, e os que fogem do alvoroço. Eu me afasto para pensar em você, em um certo grau de intimidade do vento úmido, os cachorros magros atigrados e um café forte.*

*X Coda*

*Passou o dia e conto: quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira. Sábado e o périplo de táxi avião pânico avião pânico dormir aeroporto táxi ônibus barco. Voltar.*

*Aprendo algo, compreendo pouco, escuto muito. Trato de fazer meu jogo, meu bem, minha oferenda ao tempo.*

*Mais uma vez intuo que cada livro que nos marca é apenas o cume tocado pelo raio do sol, de uma montanha em sombras. Essa*

leitura que nos comove tem a força do tempo sedimentado nos olhos de quem a escreve. Em um diálogo espírita junto as minhas mãos: *Willa Cather você tinha razão. Não basta uma boa história para mover um mundo.*

\*\*\*\*\*

*“O poeta traduziu ao concreto um tema psicológico bem geral: haverá sempre mais coisas em um cofre fechado que em um cofre aberto. A comprovação é a morte das imagens. Imaginar sempre será maior que viver”* (Bachelard: 1975: 122).

Quando lemos, o brilho do cofre nos domina, o seu raio dourado imanta a nossa testa. Há algo na obra que nunca cessa de se revelar e esse fogo nos mantém atento. Essa experiência de ausência, de inacessibilidade do todo que, por sua vez, é um gozo íntimo e insubstituível.

Passo horas observando. Há um pacto no olhar com o mistério dos objetos que me rodeiam. Tento ler os sinais, em uma tentativa de confabulação com a existência.

Para mim, há na tundra uma espécie de mitologia. São vários os motivos: porque é um bioma inóspito, onde surpreendentemente crescem muitíssimas flores que suportam o extremo que as árvores não suportam. Então, essa relação ilusória entre condição, aparência e vitalidade guarda o mistério do insurgente: está povoada de animais selvagens, noturnos, solitários, predadores e, também, de clãs. Há uma potência raivosa em seus movimentos e hábitos. Fico hipnotizada com a existência de coisas pequenas, mínimas como os líquens, os musgos e com a escala de incomensurável extensão do solo permanentemente gelado. Gosto de ficar no páramo e ver o que acontece, de deixar o tempo passar, de fazer uso do silêncio e do ruído que as ferramentas elementares oferecem, de descobrir que matéria-prima ele guarda para mim.

Conjuro que há algo para mim nessas árvores, algo com meu nome, um alimento único para este corpo. Então, deverei comer e fazer de sua substância algo para outros. Um amuleto protetor, um poema, minha obsessão convertida em obra, uma ponte trabalhada para que outro passe, de lado a lado, do rio e olhe o cofre misterioso lá de cima. Assim a experiência do prazer da leitura: converter-se em águia, traçar as fugas e encontros no alto, no alto. E, ao longe, algo brilha e, quando mais nos aproximamos, mais se afasta. E, contudo, aí estamos: extasiados, um pouco mortos, um pouco vivos diante dos sinais do mundo.

## Referências

BACHELARD, Gastón. *La poética del espacio*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2004

CATHER, Willa. El arte de la ficción. *Ensayos*. Buenos Aires: Monte Hermoso, 2018.

HERZOG, Werner. *Del caminar sobre hielo*. Buenos Aires: Entropia, 2015.

PIGNATARO, Gabriela. *Tundra*. Buenos Aires: AñosLuz, 2018.

**Tradução: Felipe Gonçalves Carneiro**

**Revisão técnica da Tradução: Jorge Lucio de Campos.**

**“Além da leitura”:  
“leitores reais” em condições  
de compartilhamentos de leituras**

*Eliane Testa*<sup>1</sup>

Da leitura era preciso tirar outra sabedoria.

*Conceição Evaristo*

Mais do que nunca necessitamos de livros,  
mas eles também necessitam de nós.

*George Steiner*

eu queria apenas chamar atenção para o fato de  
que, lendo com frenesi obras variadas, muitos leitores  
se dedicam, na realidade, a uma atividade vital,  
mesmo que não estejam sempre conscientes disso.

*Michèle Petit*

Este texto visa oferecer algumas reflexões sobre as práticas indissociáveis de leitura e de escrita advindas principalmente do projeto intitulado *Além da leitura*, que foi desenvolvido na Universidade Federal do Tocantins (UFT), de 2017 a 2018, e coordenado pelos professores doutores Eliane Testa e João de Deus Leite. As impressões-reflexões aqui propostas se darão a partir da

---

<sup>1</sup> Professora doutora da Universidade Federal do Tocantins (UFT)/Câmpus Araguaína, do Curso de letras e do Programa de Pós-graduação em letras: ensino de língua e literatura (PPGL).

seguinte questão: “O que é compartilhar leituras?” Mas, antes de expormos algumas ideias sobre ela, destacamos que o título deste texto toma de empréstimo à estudiosa francesa Annie Rouxel<sup>2</sup> o termo “leitor real”, um conceito de leitor também utilizado por ela. Mas por que o escolhemos pelo viés dessa autora? Porque Rouxel (2013) vai considerar a realidade múltipla das leituras dentro “[...] de uma concepção que se interessa pela reconfiguração do texto pelo leitor real [...]” (ROUXEL, 2013, p. 208). Outrossim, o sujeito leitor está no centro desse processo e é possível falar de uma condição de leitura desencadeadora de uma relação viva com o texto e de um tipo de interpretação engajada. Rouxel reconhece a subjetividade do leitor como uma parte fundamental do processo de elaboração semântica e nós também.

Antes de tentarmos responder à questão suscitada no parágrafo anterior, gostaríamos de ressaltar uma hipótese: a de que a trajetória-existência do projeto *Além da leitura* (realizado de 2017 a 2018) só se sustentou em virtude dos diferentes modos de compartilhamentos das leituras com seus dinâmicos e moventes dispositivos de interação e de integração. Assim, acreditamos que estes (os quais discutiremos mais à frente) são os responsáveis por nos revelar um conjunto de experiências mobilizadoras de processos singulares e coletivos de reconfigurações dos textos pelo leitor (ou pelos leitores), além de garantir uma gama complexa de interações e (re)construções de sentido nas práticas leitoras e nas da escrita em ato. Porém, voltando à questão norteadora do primeiro parágrafo, apesar de termos ciência da complexidade que ela implica, poderíamos dizer, a princípio, que compartilhar leituras é um modo de objetivar pensamentos (de torná-los visíveis, por meio da voz, da palavra). Contudo, para além da situação mais concreta desse processo, que é o da materialização do pensamento, ainda poderíamos dizer que compartilhar leituras

---

<sup>2</sup> Além da pesquisadora Annie Rouxel, outros autores, a exemplo de Michel Picard em seus ensaios *La lecture comme jeu* (1986) [“A leitura como jogo”] e *Lire le temps* (1989) [“Ler o tempo”], seguem essa abordagem teórica em que há uma centralidade no “leitor real”.

é um modo de reativar as (re)apropriações do texto pelo sujeito leitor em uma condição “real”.

Por isso, ao nos depararmos com essas reativações e (re)configurações voltadas para resignar o texto, somos capazes de perceber os encontros efetivos (e afetivos) dos leitores com os textos/obras. Tais encontros expressam, por exemplo, um caleidoscópio de referências da relação leitor-autor-obra. Roland Barthes ([1981]2004, p. 38) defende que o leitor “[...] é um criador virtual [...]”. Mas, não seria o leitor também um (re)criador “real” em situação de troca e de circulação? Importante notar também as relações de cumplicidade do leitor e seus modos de operar ativamente a leitura. Afinal, em múltiplas perspectivas, os dispositivos de compartilhamento são um campo plural, aberto às ideias de circulação, de encontro, de interação e de integração.

Nesse campo plural o sistema da leitura faz com que venham à tona diversos ecos de leitura e, ainda, o desejo de dar forma à experiência leitora. Além disso, os compartilhamentos de leituras promovem a possibilidade de os sujeitos reviverem a obra literária lida, de rememorá-la (dentro de um jogo mnemônico complexo, comumente tramado de lembrança-esquecimento), de restabelecerem seus efeitos, por meio dos diferentes movimentos de interação psíquica/corporal, de circulação cultural (estamos cercados de referências culturais) e de diferentes encontros, como defende Michèle Petit (2009, p. 139): “[...] o ato de *dividir* [grifo nosso] é inerente à leitura como a todas as atividades de sublimação”. O que seria esse “dividir” senão o ato de compartilhar?

Assim sendo, os momentos de compartilhamento de leituras possibilitam a reconstituição das vias da leitura com seus diferentes *timings* e ritmos em que o corpo se constitui como uma presença viva, dinâmica e, conjuntamente a isso, a configuração de um espaço pulsional, pois existe um “corpo pulsional” (BURGARELLI, 2005, p. 18) presente nas demandas dos sujeitos leitores/falantes/escreventes.

Compartilhar é ainda um modo de integrar os sujeitos-leitores, de levá-los a diferentes processos comunicativos, visando uma (re)apropriação da cultura escrita. Ademais, os modos de funcionamento do “compartilhar” servem tanto para (re)criar ou para reforçar sociabilidades multiformes quanto para potencializar contextos coletivos significantes do falar e do ouvir. Destarte, além de visualizarmos algumas questões que envolvem a coletividade (o grupo de leitores), conseguimos identificar variadas experiências que indiciam a intimidade de cada leitor (mesmo na coletividade, este não perde a sua singularidade/unicidade). Essas intimidades, quando comunicadas por meio de diferentes discursos (conscientes ou inconscientes), tornam-se uma materialidade capaz de revelar ou de recuperar a identidade de um leitor. Em vista disso, a partir das intimidades de um leitor, conseguimos verificar o quanto este, em seu percurso de leitura, é capaz de aderir ou de habitar um texto (uma obra literária) e tornar-se criticamente autônomo.

Observamos que o leitor em suas singularidades/unicidades tem o direito de exprimir o seu prazer ou o seu desprazer em relação a uma obra lida. Consequentemente, a partir de uma rede móvel (que vai muito além das palavras) caracterizada por múltiplas conexões e interações (inter)personais, o compartilhamento de leituras é capaz de promover uma gama de intercâmbios, vivências, reconhecimentos intersubjetivos, construções de sentidos, etc. Quando os sujeitos leitores falam do texto lido, voltam a lê-lo, como defende Cecilia Bajour (2012): “[f]alar dos textos é voltar a lê-los” (BAJOUR, 2012, p. 23). Por esse motivo, “falar” dos textos lidos pode expressar um duplo estado de aparição: o de um dizer; e, ainda, o da retomada da leitura como uma instância concretizadora do percurso do leitor e da memória. Logo, podemos verificar nesse processo os vestígios das (re)apropriações do texto pelos sujeitos leitores, bem como perceber como ele é reconfigurado.

Então, cada leitor tentará traduzir os gestos de uma cooperação integradora/entrelaçadora que é a leitura, esse fenômeno complexo diante da complexidade do mundo e dos

agentes envolvidos no ato de ler, ato que contém expressões singulares e coletivas nas inter-relações comunicativas, como aponta Claudio de Paiva Franco (2011):

A leitura é concebida como uma atividade complexa e dinâmica. A *complexidade* do sistema de leitura é justificada pela existência de múltiplos agentes (leitor, autor, texto, contexto social, contexto histórico, contexto linguístico, conhecimento de mundo, frustrações, expectativas, crenças, etc.) que se inter-relacionam durante o ato de ler. Essa complexidade, aliada à *abertura* do sistema, contribuem para a *dinamicidade* do sistema de leitura (FRANCO, 2011, s/p; grifos do autor).

Todo esse fluxo de comunicação e de informações, que se dá na dinâmica da complexidade, abre espaço para multidimensões em que cada parte e todos os elementos interagem, como propõe Franco (2011). É muito instigante pensar o sistema de leitura como uma rede aberta, composta por picos e nós, interações, conexões, trocas e fluxos de imprevisibilidade. Além disso, Franco (2011) fala de um leitor que sofre um tipo de “efeito borboleta” (FRANCO, 2011, s/p) e depende das condições iniciais do processo de leitura. Essa concepção de leitura implica ainda, pelo viés da complexidade, a noção de um ser humano igualmente complexo. E o papel do leitor vai se complexificando, à medida que ele participa ativamente do processo de leitura e o percurso desta pode ocorrer de modo desordenado e não linear, levando muito em consideração também as experiências que se dão no ato da própria leitura.

Mas, de volta ao “Falar dos textos [...]”, de Bajour (2012), acreditamos que esse movimento do “falar” – verbo que podemos associar ao ato de compartilhar ou de dividir (PETIT, 2009) – consegue ancorar e, ao mesmo tempo, fazer emergir novamente as ressonâncias do texto, trazendo à baila os índices de uma implicação subjetiva e de uma experiência singular. Ambas as implicações estão imbuídas da natureza da emoção estética (naturalmente já transfigurada). Do mesmo modo, supomos que

não é somente o dizer, o “falar”, que está presente nos signos integradores de um grupo de leitores, mas que também existe uma escuta sensível que paira no espaço da convivência. Tudo isso vai engendrar diferentes cartografias de leituras e escritas.

Essas cartografias, por sua vez, levam-nos a refletir acerca dos compartilhamentos de leituras, já que se estruturam sendo delineadas pela complexidade e pelo levantamento dos movimentos advindos das ações de leitura e de escrita. Assim, essas topografias estão sujeitas à expansão e à inescotabilidade do olhar ou de suas significações. Por esse motivo, as cartografias apresentadas, neste ensaio, tendem antes a serem exercícios abertos em um permanente estado de devir, opondo-se, por conseguinte, a representar um modelo fechado de sistematização de leitura e escrita. Logo, parecem estar sempre dispostas a novas percepções, (re)interpretações, (re)impressões, (re)apropriações, (re)encontros, reconfigurações textuais e (re)construções de sentidos, vivências e devires.

## **1. Percursos de leitura: a palavra compartilhada e os estados de fruição**

Os percursos de leitura efetivados pelos compartilhamentos de leituras podem ser vistos como um tipo de contato-contágio, constituídos que são por várias formas de comunicação (dentre as quais, o silêncio do texto não pode ser desconsiderado). Notamos que nessa condição (ou situação) de compartilhamento, a palavra compartilhada se sobressai como um modo de envolvimento e entrega, passa a alimentar o ser por inteiro, desencadeando no sujeito um entrelaçamento de potência e de vontade ou uma disposição a múltiplas trocas em que estão em jogo as inter-relações dos diferentes atos de leitura. Contudo, pelas nossas experiências com o projeto de leitura, constatamos que estas últimas se dão por meio de um fenômeno de natureza complexa, uma vez que nas interações há semelhanças (convergências de pontos de vista), mas existem também as dessemelhanças

(divergências de pontos de vista), permeando todo o processo que envolve as ações de um grupo de leitores. Por isso, nesse espaço coletivo – que o grupo mantém e (re)significa de modo contínuo – por meio dos compartilhamentos de leituras, observamos que a fala (a voz de cada um) é um dizer único e particular, mas, ao mesmo tempo, faz parte de um todo maior presente nessa rede de leitura construída por diferentes mecanismos. Essa visão de trocas por meio de compartilhamentos acaba por integrar também uma noção de democracia, como bem lembra Bajour (2012, p. 25):

[A] democracia da palavra compartilhada implica, ao contrário, o encontro intersubjetivo *de vontades que aceitem o outro em sua diferença* [grifo nosso] e estejam dispostas a enriquecer a vida, a leitura e a própria visão de mundo com essa diferença, mesmo que não concorde com ela.

Segundo a referida autora, os leitores se enriquecem com as diferenças (com pontos de vista divergentes/dissemelhantes) e com a palavra (com)partilhada. Assim, são os encontros intersubjetivos o que comumente faz emergirem transformações na consciência, imbuídas de novas sensibilidades e experiências. Pensando nesse modo de dinamicidade de compartilhamento de leituras, rememoramos um fato ocorrido em um dos nossos encontros: foi quando uma leitora-participante do projeto confessa, de modo natural, não ter gostado da obra lida, que era *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Se não levássemos em conta a condição democrática da leitura em grupo ou da “palavra (com)partilhada”, teríamos dificuldade em aceitar tal revelação (em especial, pelo fato de Lispector ser considerada uma grande escritora da literatura brasileira). Logo, aceitar o “não gostar” (ou o desprazer) do outro é uma postura de mudança de crenças e passa a ser também um ato democrático.

Lembremos o que ressalta Rouxel (2013, p. 208): “Toda e qualquer leitura literária é a criação de um texto singular por um leitor singular”. Assim, o que notamos na revelação dessa leitora-

participante do projeto foi que a sua leitura singular/única, em seu percurso leitor e de subjetividade, implicou um fenômeno de identificação e reconfiguração textual. A escritora russa, Marina Tsvetáeva (2017) coloca, a propósito, que “ninguém é obrigado a amar, mas quem não ama é obrigado a saber, primeiro, do que não gosta; segundo, por que não gosta” (TSVETÁEVA, 2017, p. 78). Seguindo a esteira do pensamento-lição de Tsvetáeva, o leitor, no fundo, “sabe” o porquê do seu “não gostar” (ou do seu desprazer ou repulsa) por uma determinada leitura/obra.

Assim sendo, o direito de “não gostar” de uma determinada obra literária (mesmo sendo ela canônica ou de um escritor renomado) faz parte da subjetividade do leitor que, em vias de trocas democráticas, tem a “coragem” de revelar ou marcar sua posição de sujeito autônomo e singular. Além disso, essas trocas vão ajudando a construir uma “comunidade de leitores” (para usar um conceito de Rildo Cosson, 2017, p. 36) em que a coletividade também determina por vínculos afetivos o (com)partilhar e o processar leituras.

Acreditamos que se um determinado livro conseguir imprimir em nós (em vistas da sua recepção ou do seu efeito catártico) uma sensação negativa (disfórica) capaz de desencadear uma dor psíquico-física, pelo fato de, por exemplo, plasmar, de modo vívido, uma identificação com um personagem (ou personagens), a nossa tendência seria (in)conscientemente afastar ou negar o lido; em consequência se instauraria o “não gostar”. Por isso, poderíamos supor que esse desafeto ou rejeição da obra lida seria para salvar-nos a nós mesmos? Acreditamos que sim. Tal fato acontece em virtude dos mecanismos de identificação que se perspectivam vitalmente/afetivamente/gestualmente na interação entre o leitor e o texto.

Para Langlade (2013, p. 36): “O discurso do leitor inscreve em uma teoria ou uma moral as *reações subjetivas que experimentou no decorrer da leitura: fascinação, rejeição, perturbação, sedução, hostilidades, desejo, etc.* [grifo nosso]. Só

que, mesmo diante das diferentes reações subjetivas, o leitor é capaz de mudar com o tempo, pois suas experiências de mundo, de vida e de sociabilidades podem sofrer alterações. Não haveria “filosofia” mais sábia que a proferida por Luís de Camões, em um dos seus notáveis sonetos: “Mudam-se os tempos, mudam-se as *vontades* [grifo nosso], / muda-se o ser [...] / todo o mundo é composto de mudança / tomando sempre novas qualidades [...]” (CAMÕES [TORRALVO], 2011, p. 125).

Onde lemos “as vontades” leiam-se também “os afetos”. Desse modo, diante do percurso de um leitor, as relações “conflituosas” entre este e obra literária podem mudar com o passar do tempo. À força do tempo, muda o próprio leitor – o de hoje (agora/presente) não será o de amanhã; fatalmente não o será, pois como teria afirmado Heráclito de Éfeso (s/d): “não se banha duas vezes em um mesmo rio”, do mesmo modo que não se lê um livro, igualmente, duas vezes. O processo de maturidade de um leitor também integra o seu complexo percurso de leitura marcado por mecanismos temporais e fases da vida. Por conseguinte, em seus anos mais maduros, o leitor, como defende Italo Calvino (2009 [1991]), terá reencontros com a obra lida porque a idade madura proporcionará a ele uma revisitação do livro. Vejamos, a seguir, o que este último (2009 [1991], p. 17) diz a respeito:

deveria existir um tempo na vida adulta dedicada a visitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permanecem os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento novo.

Se o reencontro com uma obra imprime mudanças em nós é porque esta gera uma situação nova “um acontecimento novo” e tal reencontro, acreditamos, poderá ser tão impactante quanto o primeiro encontro. Dessa maneira, reler um livro é sempre um constructo feito de ritmos temporais e de “novos” acontecimentos em perspectivas de ressignificações. Se relermos uma obra na

maturidade, é muito provável que esse contato/contágio fará surgir, em nós, novos itinerários de incursões de leitura desencadeadores de deformações ou dilatações do texto/obra. Além disso, ler ou reler uma obra pode tornar-se um ótimo respiro na existência, além de garantir a ela uma sobrevivência, sendo que toda obra literária depende de uma saída das suas virtualidades.

Além do mais, a atividade de participação ativa/afetiva do leitor forma um elo de reações contínuas, moventes e expansivas, inserido dentro de uma rede complexa feita de conexões e interações. E o que pode fazer com que um leitor se engaje ou se incorpore, de modo mais vivo e dinâmico, se fundindo profundamente à obra, é o seu estrato conotativo/imaginativo. O leitor empírico pode habitar uma obra literária e fazer dela um tipo de ancoragem para a ampliação da sua imaginação ou de suas percepções.

Para Santaella (1998), “perceber é estar diante de algo no ato de estar, enquanto acontece” (SANTAELLA, 1998, p. 19). Nesse sentido, a leitura é um acontecimento. O leitor ativo vê-se munido de forças psíquicas e energias vitais que o auxiliam nos diferentes processos de encontro (ou reencontro) com a obra. Sobre esses movimentos perceptivos, Maurice Merleau-Ponty (2003) afirma que há, em torno da percepção, diferentes “[...] circuitos sensório-motores [...]” (2003 [1964], p. 21) que servem para nos arranjar internamente diante de comportamentos perceptivos.

Fernando dos Santos Andrade (s/d, p. 41), em um ensaio intitulado “Manual rápido de leitura”, publicado na Revista *Discutindo Literatura* (ano 1, n. 2), explica que “[a] essa capacidade de organizar as sensações dá-se o nome de percepção, habilidade mental diferente da própria sensação. A atividade da percepção é intensa: afinal, os cinco sentidos produzem informações diferentes [...]”. Dessa forma, somos capazes de reunir dados, de formular ideias, de organizarmos a tal “realidade”, a partir das nossas percepções. Tudo isso, dentro de um processo bastante complexo, sendo a complexidade uma das características do pensamento; o

próprio cérebro, como sabemos, é um sistema complexo, mas também autoorganizador.

Nessa medida, como a percepção (ou a construção de sentidos) não é algo alheio a nós, somos imersos nesses “circuitos sensório-motores” (MERLEAU-PONTY, 2003). Em consequência, frente ao fenômeno dinâmico da leitura, surgem valores, ideias, crenças e novas experiências de vida. Para Bajour (2012, p. 26): “Os textos literários nos tocam e nos questionam acerca de nossas visões sobre o mundo e nos convidam a perguntarmos-nos como viveríamos o que é representado nas ficções”. Por esse motivo, é legítima a leitura do “não gostar” (ou do desafeto ou da antipatia particular), como já discutido anteriormente neste trabalho.

Assim sendo, a (re)apropriação do texto pelo leitor acaba por levá-lo a diferentes estados psíquicos que desencadeiam atrações e/ou rejeições (simpatias ou antipatias). Porém, cremos que isso se daria mais pelo investimento afetivo do que pelo questionamento do “valor” estético da obra. Todo esse processo está dentro de um estimulante exercício de escuta e conversação com o texto, que é uma “[...] condição necessária de um diálogo com o outro, graças à diversidade das recepções de uma mesma obra” (ROUXEL, 2013, p. 23). Assim, parece-nos que a diversidade de recepções pode levar o leitor a irrupções da sua própria subjetividade e as reações que aparecem em sua consciência (ou no seu espírito) circunscrevem ou desenham marcas de efeito de leitura.

Para Petit (2009),

as leituras abrem espaço para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, de um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito (PETIT, 2009, p. 32).

Ao refletirmos acerca do que afirma a autora, pensamos a leitura como um dispositivo psíquico, cultural e de “autonomização” (que seria tornar os sujeitos autônomos, criticamente). Assim, no horizonte de expectativas dos sujeitos leitores, percebemos haver uma

disposição para a intersubjetividade, de modo a também constituir uma simbolização da (re)construção deles próprios e isso é algo potencialmente vivo e significativo, expressão de forças vigilantes, mas, às vezes, misteriosas também. Na experiência leitora muitas coisas sinalizam para as dimensões psíquicas que podem nos fugir, especialmente quando enunciadas em determinados contextos socioculturais.

Numa mesma perspectiva, abre-se outro horizonte em relação ao leitor: a dos possíveis desejos ou demandas em busca de liberdade. Mas, em que circunstância se daria essa liberdade? Talvez no processo de reconstrução de si mesmo no qual os repertórios de leitura estão além das palavras.

A atuação da leitura na vida das pessoas, especialmente em tempos de repressão, insegurança, incerteza e crises sociopolíticas, financeiras, etc., pode significar uma forma de resistência a toda sorte de adversidades. O próprio ser humano é cercado em sua existência por conflitos e/ou crises, como aponta Petit (2009, p. 33): “[...] Mas, em algum momento da vida, cada um de nós é um “espaço em crise”. Em decorrência disso, o ato de ler (ou o gesto leitor) pode operar modos de regulamentar a vida, a própria sobrevivência. Se compreendermos essa regulamentação em termos de possibilitar a criação de poderosas linhas de fuga a leitura, por sua capacidade de estimular a criatividade e a inventividade, faz-nos sobreviver (porque é um tecido resistente aos infortúnios). Logo, a leitura pode nos potencializar ou empoderar, especialmente, a literária que nos traz a força, a vitalidade, a energia, o encantamento ou desencadeia um tipo de espiritualidade para conseguirmos enfrentar as crises sociais que são sempre humanas, demasiadamente humanas. Sendo assim, ler significa também como acabou de ser dito, um modo de resistir às adversidades, sejam de que ordem elas forem. Contudo, para isso acontecer, os leitores têm que se dispor aos processos dialógicos implicados em todos os atos de leitura.

Além da disposição dos leitores, que implica um gesto potente destinado à resistência e à expansão psíquico-física, as

leituras (com)partilhadas também estabelecem vínculos afetivos entre os participantes de um grupo de leitura (mesmo que não nos demos conta disso, mesmo diante de relações conflituosas) em que o valor da escuta vai implicar uma metáfora para o ouvido “afi[n]ado” e, como tal, esse ouvido-escuta estaria aberto sensivelmente, em termos de disponibilidade para o(s) outro(s). Esse ouvido “afi[n]ado” é perceptivamente aguçado e voltado para esmiuçar os enunciados e os discursos dos leitores.

Ainda, ao observamos o *modus operandi* do grupo “Além da leitura”, identificamos desnudamentos psíquicos enunciados pelos vínculos dos leitores com as obras lidas (numa ação de viver/experienciar a obra). E essa capacidade de o leitor vincular-se à obra pode “nascer/surgir” do signo de seu engajamento psíquico, ou seja, de sua íntima relação com ela, em face do reconhecimento de seus significados. Contudo, sabemos que há diferentes instâncias interagindo nessa relação, mas acreditamos que todas contemplam estados irrepetíveis. Por isso, no ato da leitura existem naturalmente condições e combinações, como diz a Tsvetáeva (2017, p. 172): “Há ferrolhos que só se abrem graças a cada combinação de números [...]”. Aproveitando-nos da proposição desta autora, poderíamos dizer que, metaforicamente, o texto seria o “ferrolho” e o leitor “cada combinação de números”, e a leitura a entrega, a aceitação, a vontade, a razão, a sensibilidade, a consciência, etc. Todos esses elementos juntos destinam-se-iam a concretizar a *performance* leitora, podendo esta, aliás, ser efetivada por estranheza ou afinidade. Além disso, os participantes-leitores do projeto em questão, posicionando-se perante a obra literária acabam consequentemente evidenciando os seus modos de ler o mundo também.

Ademais, os encontros do grupo foram igualmente sustentados pelos desejos de interação e de diálogo, por impulsos fundamentais para a existência de um grupo que acaba marcando e/ou reativando um espaço privilegiado – a “posição dos sujeitos leitores” (PETIT, 2009, p. 32). Portanto, conseguimos com o projeto “Além da leitura” criar um lugar de privilégio, de

arvoramentos e de prazer para nós, os participantes-leitores. Assim, a realização desse projeto de leitura e escrita contou com uma intensa e consistente potência de ação, constituída por dinâmicas vivazes e participativas, além de resultar (para aqueles que desfrutaram mais tempo do projeto) estrategicamente num alargamento da autonomia para a construção de sentidos e num aprofundamento das práticas de letramento literário.

O que cada participante-leitor comunicou para si e para o outro se conserva impresso no corpo e na memória nos quais o sensível e o intelectual estão ligados sem prejuízos de valor. Cada leitor do grupo (participante do projeto) demonstrou ter o seu ritmo-*input* e o seu corpo agenciado de um modo. Cada corpo-leitor expande-se à medida que frequenta e/ou habita a obra literária ou a cada atividade leitora. Nessa circunstância, novos circuitos corporais incidem além dos horizontes de expectativas e de desejos daqueles que entram em contato/contágio com a obra literária. Como indaga, a seguir, Roland Barthes (2012):

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de idéias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu *ler levantando a cabeça?* [grifo nosso] (BARTHES, 2012, p. 26 )

E o que poderia ser esse “levantar a cabeça”? Um devaneio, um além-palavras, um transbordamento, uma suspensão, um delírio, uma multiplicidade simultânea de sentidos, um entrever, uma pausa para deixar o deleite/prazer/gozo falar mais alto? Seria tudo isso ou nada disso? Talvez esse movimento para o alto (ascendente) vislumbre algo acima de nós, para além da comunicação ordinária, da leitura que os olhos fazem, porque “[...] não há verdade objetiva ou subjetiva da leitura, mas apenas verdade lúdica” (BARTHES, 2012, p. 29). O lúdico (o mundo ficcional), o cooptar da imaginação torna-se uma instância incontestavelmente necessária ao corpo. Desse modo, levantar os olhos, “a cabeça” do livro, é conseguir elaborar atravessamentos,

transbordamentos, desdobramentos plurais e sensíveis, em busca de instantes de prazer/gozo.

Os participantes do projeto, de modo cooperativo em suas disponibilidades de escuta sensível e democrática, estabeleceram modos de não tornar a palavra uma “verdade” imperativa (autoritária/única). A coletividade mobilizou essa demanda a partir do cara a cara, da comunicação oral, dos atos de presença (da voz, do físico, das dinâmicas dos discursos e das argumentações). Cada leitor(a) apresentou/(com)partilhou a sua maturidade de leitura, legitimando os múltiplos discursos e/ou os diferentes pontos de vista. Vejamos, a seguir, para exemplificar fragmentos dos relatos de três participantes-leitoras:

Percebe-se que o projeto torna-se uma experiência bastante sociável e espontânea. A abrangência de todos os conhecimentos dos participantes é tão fantástica, traz um conhecimento de mundo: por exemplo, o participante “A” tem um grande domínio em História e sabe explicar o que se passava naquela época retratada na obra, ou o “B”, que sabe destacar referências e apontar intertextualidades com obras clássicas, análises que chocam com experiências vividas, etc. Acredito que foi uma trajetória importante e essencial para cada um aprimorar mais o senso crítico e melhorar a interação leitor-obra (Andréia Leodoro).

Ser participante do grupo “Além da leitura” é poder dizer a sua opinião, saber discutir sobre vários assuntos. É ouvir o outro, ter ideias parecidas ou distintas e estar entre amigos (Andressa Carvalho).

Conversar sobre livros, debater, descobrir visões diferentes sobre o(s) mesmo(s) livro(s) lido(s) é trocar impressões de uma forma tão leve e natural que eu me interessei em ser participante do grupo “Além da leitura” (Thais Oliveira).

Trata-se a *fortiori* de um aprofundamento na interação humana. Podemos afirmar que toda(o)s a(o)s participantes-leitor(a)es do projeto apresentaram potencialidades de expressão e de

comunicação frente ao texto literário, foram atuantes nas diferentes ações, engajaram-se energeticamente no grupo e que a maioria conseguiu fazer um movimento de imersão singular (e íntima) e coletiva num esforço comum para efetivar o letramento literário.

Ademais, não poderíamos deixar de falar que a leitura da literatura é exigente, por ser esta uma arte que exige um “ato de atenção”, requerendo, às vezes, da(o) leitora(o) uma contemplação mais profunda, ou uma ação de mergulho, ou uma reflexão mais elaborada. Porém, dar à leitura literária a atenção “necessária ou particular” que ela demanda não é coisa que aconteça da noite para o dia, como bem lembra Leyla Perrone-Moisés (2016, p. 251) ao afirmar que a “[...] leitura é questão de treino”. “Treino” não apenas no sentido escolarizado da literatura (ou de um investimento pedagógico e/ou estético), mas, sim, por força de uma resistência ou de uma disposição corporal, “um dispor-se” (que pode significar também um deixar-se ser possuído pelas obras ou pela imensidade de suas paisagens estéticas), em que o tempo e o compromisso estão em jogo. Só assim poderá haver frutificações, ramificações, expansões de corpos dispostos à paixão pelos livros/leitura.

Sabemos que a leitura é uma prática cultural tanto quanto psíquica e que uma e outra se reforçam mutuamente. Assim sendo, a leitura literária é capaz de alcançar resultados transformadores, uma vez que é um caleidoscópio de contatos ativos e de atos de resistências (no plural).

Todavia, não somos capazes de delimitar todas as contribuições do projeto, pois ele envolveu muitos agentes de modo a construir inúmeras pontes de saberes e prazeres, “[...] pois não há limites temporais ou espaciais para o mundo feito de palavras – o exercício da liberdade que nos torna humanos” (COSSON, 2017, p. 25) na experiência com a literatura.

*A priori*, essa ideia de nos tornarmos mais “humanos” não é de hoje que vem sendo promulgada. Antonio Candido (2012, p. 23), em seu ensaio intitulado “O direito à literatura” (2017, [1988]),

p. 177), defende que a esta última “[...] é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente”.

Desse modo, ao refletirmos acerca do que defende Candido (2012), a literatura seria um direito para ampliar as nossas capacidades intelectuais e afetivas, sendo por isso um bem indispensável. Contudo, isso não significa que nos tornaremos humanos “melhores” ou mais “bonzinhos”, mediante o acesso à literatura, mas esta seria capaz de nos proporcionar um aprofundamento na nossa própria dimensão humana e no nosso viver. Além do mais, sabemos que a dimensão humana carrega em si todos os impasses e os contrários do existir, assim como ocorre na própria dimensão literária que contém uma dialética própria, pois a literatura “[...] não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo porque faz viver” (CANDIDO, 2017, p. 25). Nesse sentido, a literatura faz viver e reviver a nossa própria natureza (transfigurada ou não), permitindo que a nossa capacidade de ver e de sentir se expanda.

## **2. Além dos muros da universidade: a leitura em seu papel social e democrático**

O projeto “Além da leitura”, que partiu do desejo de um grupo de alunos do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína (Cimba), tornou-se, ao caminhar, consciente do seu papel, destinando-se (ou dispondo-se) a também ir além dos muros da universidade.

Por isso, algumas ações do projeto foram de circulação. De fato, em seu começo, não sabíamos bem como iríamos fazer isso, mas como as coisas são dinâmicas e moventes e vão acontecendo numa rede de relações, começamos (por convites) as nossas andanças pela cidade. Estas, por assim dizer, conseguiram assegurar diferentes

relações de conversação com “leitores aprendizes” e com “leitores formados” (para usarmos dois conceitos de leitor de COSSON, 2017, p. 14). Para exemplificar, tivemos encontros nas escolas da rede pública de ensino, em instituições de ensino superior e um evento num parque público da cidade.

Ressaltamos que essas ações carregam em si uma postura ideológica sobre o modo de pensar a literatura, a leitura literária e os leitores; uma que reforça e reitera a ideia de que leitura literária mobiliza diferentes construções sociais: “[...] talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 2017, p. 177) e passa a representar (e ser vista) como um incentivo à formação (criação) de comunidades de leitores.

Por meio das nossas andanças em variados espaços da cidade, diferentes diálogos surgiram e nos enriqueceram muito e, mais do que exercícios de reflexões literárias (ou de conversas literárias), tais interlocuções significaram potentes experiências para a vida e para a fruição da arte. Nessa circunstância, de múltiplos encontros e/ou diálogos, como afirma Bajour (2012, p. 67), “[...] todos nós, leitores, crescemos com as leituras dos outros, e isso também se transmite. Na conversa literária, uma chave se enriquece com as outras chaves”. Em consequência, todos os “sujeitos-chave”, seja do ponto de vista individual/particular, seja do ponto de vista coletivo/colaborativo, manifestaram, por um lado, uma poderosa abertura para a reorganização de suas visões e percepções de mundo e, pelo outro, referendaram uma atuação transfigurativa e comunicativa de estruturas psíquicas em que as experiências sentimentais, subjetivas e expressivas aparecem mais organizadas.

Gostaria de fazer aqui uma ressalva: eu, autora deste texto, também escolhida para coordenador o projeto, destaco que participei ativamente de todas as ações do grupo e, mesmo atuando há anos como professora de literatura, tentei garantir uma maneira de me afastar do didatismo ou da verve do “especialista” (se é que há alguma em mim), para exprimir as minhas “chaves de leitura”, de modo a não me preocupar com intelectualismos e, muito menos, com

esquemas de análises formais. Além disso, destaco que o grupo teve acesso tanto a livros impressos quanto aos disponíveis na internet, já que a rede *web* funciona como uma biblioteca de fácil acesso e de rápida circulação.

Ainda sobre o aspecto de se coordenar um projeto desta natureza, digamos que não é uma missão fácil (se alguma coisa na vida é), pois indubitavelmente surgirão àqueles que se encontram nessa condição de coordenador receios quanto às formas de intervenção ou de mediação. Ao mesmo tempo, acredito que seja natural a presença de conflitos e tensões nas trocas de ideias e na convivência em grupo. Isso parece contraditório, mas não é, principalmente, se levamos em conta a trajetória de um projeto que tem a literatura como um meio de convivência. No entanto, tenho uma hipótese sobre o êxito de um projeto de leitura: creio que ele seja um modo de operar escutas, diálogos e uma intensa disposição para com o próximo (ao mesmo tempo, para consigo mesmo). Ora, essa última condição (que poderíamos devidamente chamar de “doar-se”) consiste, do ponto de vista desta discussão, num empenho para assegurar comunicabilidades afetivas, instituindo o valor do outro alheio ao nosso.

Todavia, isso não significa dizer que todos os projetos de leitura garantam êxito dessa forma, pois cada projeto tem suas particularidades e peculiaridades e as diferentes etapas de sua construção podem requerer um tempo subjetivo próprio e outros meios de existir. No caso específico do nosso projeto de leitura, determinados ajustes do grupo só ocorreram à medida que os participantes-leitores foram compreendendo (vivenciando/experienciando) reflexivamente que as escutas, os diálogos e, sobretudo, o “estar” disponível às mudanças, implicariam o (con)viver em grupo e com o decorrer do projeto, a resistência coletiva/colaborativa tornar-se-ia mais intercomunicativa e solidária.

### **3. Os modos de registrar as ações-vivências do projeto “Além da leitura”**

Como registrar as situações ou cenas de leitura literária vividas por um grupo de leitores? Desde o início, essa foi uma questão para o grupo. Por isso, criamos um *blog* (<http://clubealemdaleitura.blogspot.com.br/>) para servir de plataforma de registro das nossas práticas de leitura e escrita. A partir dele, disponibilizamos e socializamos as nossas “chaves de leitura”. Nesse *blog* (ativo até o momento da publicação deste ensaio), os olhadores-leitores podem ver/ler/sentir os vestígios sensíveis dos nossos encontros-debates, frente àquilo que foi possível levar de textualidade.

Com efeito, por meio de palavras-imagens, construímos com traços “singulares e peculiares” (porque se refere apenas a esse grupo específico) as marcas significantes daquilo que chamamos de cartografias de leitura e escrita. Ademais, a internet é uma poderosa plataforma de acesso e de circulação, uma ferramenta que permite muitas formas de interatividade e, com esse *blog*, conseguimos, no mínimo, incentivar e promover novas leituras literárias (vide comentários de seus visitantes) também.

Isto posto, poderíamos levantar outra questão: o que um grupo de leitores é capaz de fazer? Diante das muitas respostas e perspectivas, sem dúvidas, uma resposta nos parece de suma importância: ele é capaz de engajar outros leitores. Só por esse motivo a existência de qualquer grupo de leitura para nós é louvável. Assim, comunidades de leitores podem significar uma orientação alentadora para a situação da leitura literária no Brasil, principalmente pensando em seu lugar na escola e nas políticas públicas de incentivo à leitura. Em vista disso, construir (formar) círculos de leitores pode ser uma estratégia para se efetivar o engajamento de sujeitos não leitores literários.

Além disso, parece-nos necessário que a imaginação esteja no escopo do círculo (ou grupo) de leitores, pois “[a]ntes de mais

nada, a leitura é cocriação. Caso o leitor não tenha imaginação, não há livro que valha” (TSVETÁEVA, 2017, p. 65). Ora, para que os livros valham a pena ser lidos, é preciso que haja um investimento na imaginação dos sujeitos. Devemos reiterar que a leitura literária é capaz de operar transformações em amplos níveis. Lembremos que muitos escritores consagrados revelaram e/ou citaram autores que, em algum momento da vida, fizeram da leitura literária uma arma de combate aos seus dramas pessoais. Há quem não goste dessa ideia de “cura” pela literatura. Ora, antes de qualquer coisa, acredito que cada um possa tomar a literatura para si, da forma que mais (ou melhor) lhe convier.

Por fim, encerro este breve texto texto, mas sem pretensões de esgotar esses apontamos sobre o que viria a ser o “compartilhar leituras”, pelo fato de ser esse um tema tão instigante quanto complexo. Por isso, elaboro as minhas considerações finais com as palavras de um dos participantes-leitores do projeto “Além da leitura”. Ouçamos, a seguir, o que ele tem a nós dizer:

E o que é mais importante, a literatura não precisar ser lida por especialistas, mas sim pelos corajosos que não tem medo de enfrentar o inesperado e o desconhecido. Parafrazeando *Telmah*, personagem de Pedro Bandeira<sup>3</sup>, gosto dos livros incompletos que deixam frestas e possibilidades, para que eu possa reescrever e submergir nos delírios que é reinventar história (Jherllison Monteiro).

Portanto, sejamos corajosos e aceitemos os riscos e as provocações das leituras literárias. Por isso, ao lermos qualquer obra literária, que vejamos primeiro, como disse o *Telmah*, de Pedro Bandeira, se ela é capaz de produzir brechas, respiros e deliciosos delírios de (re)invenção. Se for, guarde-a ritualmente nessa caixa louca que se chama coração.

---

<sup>3</sup> Da obra “Agora estou sozinha”, de Pedro Bandeira, data da primeira publicação: 1988.

## Referências

- ALMEIDA, Aureliana A. D. Para além de palavras, construções de sentidos no ato de ler: complexidade e cognição. In: *Língua portuguesa e literatura no livro didático: desafios e perspectivas*, SILVA, Simone Borges da; PEREIRA, Júlio Neves (Orgs.). Campinas: Pontes, 2018.
- BARTHES, Roland. *O grão da voz*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BURGARELLI, Cristóvão G. *Linguagem e escrita: por uma concepção que inclua o corpo*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. Edição especial. São Paulo: Penguin, 2009.
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2017.
- FRANCO, Claudio de P. Por uma abordagem complexa da leitura. In: *Ensino de leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital* (2011). Disponível em: [http://www.claudiofranco.com.br/textos/franco\\_ebook\\_leitura.pdf](http://www.claudiofranco.com.br/textos/franco_ebook_leitura.pdf). Acesso em: 03 Fev. 2019.
- MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide L. de. (Orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. Trad. Amaury C. Moraes [et al]. São Paulo: Alameda, 2013.
- SANTAELLA, Lúcia. *A percepção: uma teoria semiótica*. São Paulo: Experimento, 1998.
- TORRALVO, Izeti F.; MINCHILLO, Carlos C. (Orgs.). *Sonetos de Camões: sonetos, redondilhas e gêneros maiores*. Cotia: Ateliê, 2011.
- TSVETÁEVA, Marina. *O poeta e o tempo*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. Belo Horizonte: Âyiné, 2017.

## **A leitura literária e a sua transmissão em diferentes espaços na cidade: itinerários do grupo “além da leitura”**

*João de Deus Leite*<sup>1</sup>

O inconsciente é a política.  
*Lacan*

### **Introdução**

Neste texto, construiremos uma reflexão em torno das experiências que vivemos no processo de transmissão da leitura literária, em diferentes espaços institucionais na cidade de Araguaína/Tocantins, considerando as atividades do Grupo “Além da Leitura” nos anos de 2017 e de 2018. Para tanto, filiados aos pressupostos da Psicanálise freudo-lacaniana, vamos interrogar as nossas práticas: de que maneira a transmissão da leitura literária empreendida pelo grupo toca a dimensão política do inconsciente? Não podemos perder de vista que a leitura que nos interessou, no grupo, é aquela elaborada pelos participantes a partir de sua relação com as obras literárias. Não nos ocupamos da realização de análises pautadas em teorizações da crítica literária, por exemplo.

Cabe destacar que o intuito do grupo foi muito mais construir um espaço sócio-simbólico de acolhida e de amparo institucional em que a tomada da palavra pudesse se estabelecer

---

<sup>1</sup> Professor doutor da Universidade Federal do Tocantins (UFT)/Câmpus Araguaína, do Curso de Letras, do Programa de Pós-graduação em letras: ensino de língua e literatura (PPGL) e do Programa de Pós-graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire).

sem as coerções características de outras instâncias do espaço acadêmico. O tipo de leitura literária em jogo, então, é aquela em que o leitor se apropria da obra, fazendo o que Paulino e Walty (2005), na esteira de Lejeune (1975), concebe como “pacto ficcional”. Nesse pacto, autor e leitor, vinculados à obra literária, são marcados por outras enunciações. A ficcionalização da realidade, por meio da linguagem, estabelece-se dos dois lados: do lado do autor e do lado do leitor. O Grupo “Além da leitura” figurou como um espaço a mais para essa ficcionalização, a depender do leitor, e/ou como o único espaço, também dependendo do leitor.

A Psicanálise convocada irá nos ajudar a entender, primeiro, a natureza do vínculo que sustenta a relação entre os onze participantes do grupo e, segundo, a relação destes com a leitura literária na esfera pública. Por ser um grupo de leitores, cujo foco é a experiência de elaboração que cada um constrói, assumir a palavra e por os sentidos construídos em circulação é sempre um ato político. Na esteira psicanalítica, esse ato deve ser entendido como os modos possíveis de se inscrever os sintomas (individuais ou coletivos) na cultura; o que pressupõe o fato de que esses sintomas foram nomeados e trabalhados pela linguagem. É político, no sentido lacaniano, pois implica uma renúncia das relações destrutivas, pelo sujeito, para que, no campo do social, algum tipo de relação outra se dê. Acolhe-se aquilo que advém do outro, reconhecendo-o na sua diferença.

Sendo assim, não podemos nos esquecer de que as práticas de leitura e de escrita, em geral, são um modo aceitável e institucionalizado, na cultura, de se lidar com os sintomas. É sabido que muitos leram e escreveram para não morrer. Essa prática perpetua-se, independentemente do tempo e dos envolvidos, pois, antes de ser algo de uma cultura em específico, é algo da relação do homem com a linguagem. Se particularizarmos as práticas de leitura e de escrita formais, por exemplo, vamos perceber que se trata de um modo possível de ancoragem dos

sujeitos em certos espaços da cultura. A sociedade, com as institucionalizações dos espaços, demanda certas condições, para que os sujeitos participem da produção e da circulação de sentidos.

A Universidade, culturalmente, é um desses lugares em que os sintomas são trabalhados e canalizados, insabidamente, de maneira a se produzir saber. O tipo de vínculo, nesse espaço, está em função da produção. Do meio de uma série de práticas acadêmicas, os participantes do grupo em questão se juntaram para constituir aquilo que a Psicanálise em tela denomina de “laço social”. Conforme ainda veremos, neste texto, esse laço é estruturado pela linguagem, pois ele é uma construção psíquica e nunca pressuposto. Um dos pressupostos da Psicanálise que nos interessa é que há uma passagem da nossa condição de ser biológico para sujeito, tendo a linguagem como fundamento. Por isso, esse laço é uma construção; e as relações humanas passam a ser significadas na e pela linguagem.

Esse grupo foi formalizado, como projeto de extensão, no âmbito da UFT, com vigência de um ano (2017-2018), sob a coordenação dos Professores Eliane Cristina Testa e João de Deus Leite. Contudo, o grupo de acadêmicos do Curso de Letras e de História já se reunia para a interlocução sobre diferentes obras literárias. Na condição de projeto de extensão, a agenda de trabalho do grupo contou com encontros periódicos para a interlocução em torno de obras literárias, selecionadas a partir do desejo dos membros. Com base na composição de uma lista de obras literárias indicadas, procedíamos à definição da obra foco da interlocução. Procedíamos, também, ao convite a um mediador, que deveria ser externo ao grupo. De modo igual, o nome do mediador era definido em reunião, respeitando a decisão do grupo.

Desde obras literárias clássicas até obras contemporâneas, foram postos em circulação, no grupo, dezesseis textos literários, como podemos perceber na seção “Cartografias de leitura e de escrita” deste livro. É que a cada encontro algum membro do grupo tinha a tarefa de elaborar um texto escrito, produzindo uma

síntese das discussões. Em geral, nesse texto, deveriam ser contempladas as temáticas abordadas pelos participantes da interlocução, bem como alguns fragmentos da obra lida, dada a indicação pelos participantes no próprio dia da interlocução. Tais textos, após uma vista d'olhos dos coordenadores das ações do grupo, eram postados no *blog* <http://clubealemdaleitura.blogspot.com>. Dadas as possibilidades da ferramenta *blog*, junto ao texto, ficou decidido que sempre haveria fotos de capas da obra literária, pois as obras são reimpressas a cada tempo, e fotos dos participantes, registrando o dia da interlocução.

Além de o convidado externo expressar a sua leitura, recorrendo ou não a fragmentos da obra, os membros do grupo, também, expressavam a leitura empreendida por cada um. A tomada da palavra pelos participantes sempre foi assegurada pelo grupo, pois o princípio era acolher e respeitar a transmissão literária advinda do outro. A questão que se colocou ao grupo era: quem se propõe a transmitir a leitura literária precisaria lidar, permanentemente, com aquilo que denominaremos de sublime e de abjeto. Sustentar-se, como grupo, é encontrar maneiras simbólicas (e aceitáveis) para o trabalho com os sintomas (individuais e/ou coletivos), conforme já destacamos neste trabalho.

Estamos concebendo, por sublime, o tipo de produção discursiva em que o leitor se mostra fascinado com a obra literária e, a partir desse fascínio, engaja-se, na obra, produzindo leituras, supostamente, ilustres, bem-vindas e/ou esperadas. Já abjeto refere-se à produção discursiva, com qual se marca e expressa-se uma ruptura com o ilustre, o bem-vindo e/ou o esperado. Jogamos com os termos “sublime” e “abjeto” para marcar a perspectiva de que nem todo encontro com a obra literária, para dizermos do foco deste texto, é pleno e bem-sucedido. Se esse encontro é, acima de tudo, psíquico, uma divisão (ou clivagem, para usarmos um termo

comum à Psicanálise em tela) não é um defeito. Ao contrário, é a nossa condição.

Os membros do grupo, até para passar pela experiência de transmissão da leitura literária entre si, realizaram um conjunto de encontros no âmbito da própria UFT. Primeiro, buscamos amparar a nossa relação, institucionalmente, e extrairmos desse amparo aspectos que nos sustentaram na mesma instância discursiva: lidar e ressignificar as relações entre os membros, pois os impasses são próprios do lugar de quem assume a palavra na esfera pública. Entendermo-nos, como grupo, significa suportar o lugar do encontro e do desencontro.

Neste texto, interessa-nos, mais de perto, as atividades de transmissão realizadas fora da Universidade Federal do Tocantins (UFT)/Câmpus Araguaína – Unidade Cimba, considerando os convites que recebemos de outras instituições, a saber: Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, com duas visitas; Centro Universitário Instituto Tocantinense Presidente Antonio Carlos – UNITPAC, com uma visita; Escola Estadual Vila Nova, com uma visita; Parque Cimba, com uma ação integrada com professores da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (EMVZ), do próprio câmpus da UFT, em Araguaína.

Vamos conceber essa transmissão fora do espaço acadêmico da UFT, nunca plena nem bem-sucedida, como fruto do engajamento dos membros do grupo com os (não) saberes postos em circulação na esfera pública. A saída do lugar de origem (familiar) é sempre estar numa relação com o diferente (estranho). A leitura literária e a sua transmissão, do modo como o grupo engendrou as suas (im)possibilidades, tocam o inconsciente como política, como vimos destacando neste texto. É que, diante do (não) saber inconsciente, produz-se uma inscrição das relações no campo da cultura, assegurando a instauração do laço social. Ainda não tendo as garantias da transmissão da leitura literária, os membros do grupo se lançaram ao movimento pela cidade, tendo a acolhida da palavra que advém do outro como ponto de aplicação.

## 1. Do laço social em jogo

À luz de fundamentos da Psicanálise freudo-lacanianana, vamos enfocar essa acolhida entre professores e acadêmicos a partir da perspectiva do “laço social”. É que, para haver (im)possibilidade de transmissibilidade entre membros do grupo e outros, o laço social é condição necessária, embora a sua constituição seja contingente. A contingência do laço, isto é, o fato de ele não ser controlável e ser passível de se alterar, uma vez já constituído, é marcada pelo fundamento de que somos constituídos pelo inconsciente. Dizer que há inconsciente significa que somos constituídos por um não saber que segue operando efeitos em nossas identificações. É, por isso, que construímos laços com uns e com outros não.

A teoria psicanalítica sobre o inconsciente mostra-nos que o laço que estabelecemos com o mundo e com o outro não é natural. Se assim o fosse, teríamos uma relação automática, vivendo, meramente, na base do instinto. Bastaria qualquer alimento para matar o instinto de “fome”, pois a nossa carência seria de ordem biológica apenas. Trata-se, ao contrário, de um laço social, pois este é construído pela linguagem. Esta, por seu simbolismo em funcionamento, elabora o mundo e o outro para nós. Nessa elaboração, não perdemos a nossa constituição biológica, pois há organismo. Contudo, passamos a investir no mundo e no outro de outra maneira, que não só pelo instinto. Sendo assim, a fome, já conotada em “apetite”, não é saciada por qualquer alimento. Há uma construção psíquica sobre o mundo e sobre o outro.

A linguagem dá o testemunho do psiquismo humano, pois é ela quem passa a nos situar no mundo e na relação com o outro. Ela passa a situar e a circunscrever os objetos na relação de satisfação para o sujeito. Na base desse (des)encontro entre objeto e sujeito, está um tecido de linguagem, caracterizando prazer e/ou dor. No âmbito da Psicanálise em questão, esse (des)encontro e os

efeitos dele no psiquismo humano são pensados a partir de um termo, que é “gozo”. Para o sujeito desejante, a sua condição de falante faz com que a mediação pela linguagem provoque algumas implicações. A relação de satisfação nunca é plena e bem-sucedida.

Na esteira freudo-lacianiana, é possível destacar que o vínculo humano causa sofrimento, tendo por fundamento a nossa disposição em investirmos ou não no laço social. Este só irá ocorrer, dada a capacidade de renúncia em querer destruir o outro; em querer reduzir o outro a objeto. Diante desse cenário humano, o laço social exige que alguém renuncie algo, para que o outro constitua-se, sustentando-se na mesma instância discursiva. Dito de outra maneira, as relações humanas demandam aparelhar o gozo com a tessitura da linguagem.

A vivência em grupo acentua a nossa relação com o outro, pondo em jogo as nossas identificações. A Psicanálise convocada tem um modo próprio de conceber “discurso”, tomando-o como articulado a “laço social”. Discurso, como laço social, é quando toda relação se sustenta na linguagem, de modo que esta (re)elabore a renúncia pulsional.

A formação do Grupo Além da Leitura, como projeto de extensão, põe em cena, então, o reconhecimento mútuo entre professores e acadêmicos, os quais foram enlaçados na mesma instância discursiva: ler textos literários e fazer chegar no outro a maneira como os textos foram lidos. A nossa integração ao grupo a *posteriori*, e por sermos professores de alguns dos acadêmicos, demandou alguns cuidados. Primeiro, o cuidado de não obturar a prática que eles já vinham tendo. O desejo de ler e de transmitir a leitura literária inscreve esses acadêmicos em outro tipo de relação com o curso de graduação. Não bastam os espaços formais oferecidos pela estrutura curricular do curso; não basta desenvolver iniciação científica, como é o caso de alguns. Há uma demanda que é deles que, ao fazer laço social, acaba por conectá-los, tendo a leitura literária como subterfúgio.

O segundo cuidado refere-se a nossa renúncia ao lugar de professor, como aquele que porta as insígnias do espaço formal de sala de aula: ministra aula, atribui nota, aprova ou reprova, a depender do desempenho do aluno etc. Éramos membros do grupo submetidos ao mesmo processo de escuta e de acolhida do tipo de leitura que fazíamos. No grupo, dependendo da demanda, assumíamos a função de coordenadores para, sobretudo, avançarmos em questões formais como, por exemplo, organizarmos a agenda de trabalho do grupo.

## **2. Itinerários do Grupo “Além da leitura” em Araguaína/TO**

A transmissão da leitura literária fora da UFT, para além de ser uma exigência da nossa condição de extensionistas, toca a instância do desejo dos envolvidos no grupo. Em reuniões para a acolhida ou não dos convites que chegavam até nós, os membros do grupo se engajavam, de pronto, na proposta de saída para além dos muros da UFT. O lugar de enunciação, no âmbito da própria UFT, configura-se como da esfera do familiar para o grupo. Já estavam adaptados com o cotidiano da instituição, sobretudo com os colegas de grupo. Todos os envolvidos já conviviam, no mínimo, há mais de um ano.

Assumir um lugar de enunciação além da UFT põe em cena enfrentar pontos que expressam a esfera do estranho. É que, à cada ação do grupo fora do espaço acadêmico, o público-alvo foi diferente. Desde alunos da educação básica (adolescentes e adultos), passando por alunos do ensino superior, até visitantes em geral do Parque Cimba, a leitura literária permeou por um grupo heterogêneo. A mesma lógica de acolhida e de respeito por aquilo que advinha do outro foi posta em prática pelo grupo em suas ações fora da UFT. Primeiro, é preciso acolher e respeitar para, em seguida, trabalhar ou não sobre a leitura elaborada; nunca no sentido de julgar se está “certo” ou “errado”. A nossa condição de leitores barra a sobreposição de leitura. O tipo de laço em questão

foi aquele que (im)põe a elaboração do saber como instância discursiva primeira.

Como já ressaltamos, neste texto, o compromisso do grupo é com a leitura literária e sua transmissão em diferentes espaços institucionais. Não podemos nos esquecer de que, no Brasil, há inúmeras políticas públicas que buscam assegurar o direito de leitura. É que a participação do cidadão, na sociedade, pressupõe transitar por diferentes práticas de leitura e de escrita, sejam elas formais ou não. E, pelo menos, os três lugares visitados (as escolas de educação básica e o centro universitário) têm por tarefa criar condições para o amparo daqueles que eles atendem. É, por isso, que a elaboração de saberes, nesses espaços institucionais, é relevante. Ademais, esse amparo para a ser alvo de monitoramento, até como tentativa de buscar reparos institucionais; em termos de políticas públicas, é o esperado no campo do social.

O Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) busca medir o nível de alfabetismo dos brasileiros entre 15 e 64 anos. A pesquisa que gera esse nível é realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), encomendada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela Organização Não Governamental Ação Educativa. Essa pesquisa, por meio de entrevista e de aplicação de testes, avalia habilidades e práticas de leitura, de escrita e de matemática, tendo como fundamento a aplicação às situações do cotidiano. Portanto, a pesquisa avalia a capacidade de ler, de escrever e de interpretar textos, ou seja, o nível de letramento da população enfocada no recorte de faixa etária. É avaliada, também, a capacidade de interpretar gráficos, tabelas, escalas, ou seja, o nível de numeramento dessa população.

A pesquisa sempre conta com 2.002 pessoas na faixa de 15 e 64 anos de idade, conforme destacamos anteriormente. Trata-se de pessoas que residem na zona urbana e na zona rural das diferentes regiões brasileiras. Consideremos, a seguir, uma passagem do “Relatório INAF Brasil 2018 – Resultados preliminares”, em que

são mencionadas informações metodológicas sobre a pesquisa. Eis a passagem:

São realizadas entrevistas domiciliares e a amostra é estratificada com alocação proporcional à população brasileira em cada região. Dentro de cada uma das regiões, são selecionadas amostras probabilísticas em três estágios (sorteio de municípios e setores censitários, por meio do método Probabilidade Proporcional ao Tamanho) e seleção de pessoas a serem entrevistadas por cotas proporcionais segundo sexo, idade, escolaridade e condição de ocupação. Os resultados são submetidos à Teoria da Resposta ao Item (TRI) para que se construa uma escala de proficiência. O estudo é organizado com base em um teste cognitivo e um questionário contextual. Os itens que compõem o teste de Alfabetismo envolvem a leitura e interpretação de textos do cotidiano (bilhetes, notícias, instruções, textos narrativos, gráficos, tabelas, mapas, anúncios, etc.). O questionário contextual aborda características sociodemográficas e práticas de leitura, escrita e cálculo que os sujeitos realizam em seu dia a dia. (AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTEGEGRO, 2018, p. 6).

Demograficamente, a amostra da pesquisa respeita a distribuição da população estudada nas regiões brasileiras. Desse modo, “43% vivem na região Sudeste, 27% no Nordeste, 15% no Sul, 8% no Norte e 8% no Centro-Oeste” (AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTEGEGRO, 2018, p. 9). Da amostra, 52% são mulheres e 48% são homens, distribuídos nas seguintes faixas etárias: “24% têm entre 15 e 24 anos, 23% de 25 a 34, 31% entre 35 e 49 anos e 23% entre 50 até 64 anos” (AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTEGEGRO, 2018, p. 9). No que diz respeito à situação educacional da população pesquisada, “37% declararam estar cursando ou ter cursado os anos iniciais ou finais do Ensino Fundamental, 40% o Ensino Médio e 17% a educação superior.” (AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTEGEGRO, 2018, p. 9).

Em 2018, o Inaf demonstra o seguinte cenário brasileiro: do total pesquisado, 8% está no nível “Analfabeto”; 22% está no nível “rudimentar”; 34% está no nível “elementar”; 25% está no nível “intermediário” e 12% está no nível “proficiente”, considerando os critérios de definição de cada nível pela metodologia do Inaf. Nessa medida, nesse ano em referência, 71% são classificados como “Funcionalmente Alfabetizados” e 29% são considerados como “Alfabeto Funcional”. Cumpre destacar que a margem de erro máximo é de 2,2 pontos percentuais, sejam para mais, sejam para menos.

Em consulta à Plataforma Pró-livro, encontramos uma menção que nos interessou mais de perto para a nossa discussão neste texto. É que, nas categorias “Alfabetizados Elementares” e “Alfabetizados Consolidados”, os números expressam que 30% e 37%, respectivamente, “leem em proporções similares livros de literatura por vontade própria” (PRÓ-LIVRO, 2019). No relatório do Inaf, não encontramos esses dados. Nessa plataforma, é ressaltado que um dos resultados a que se chega, a partir dos dados do Inaf 2018, é que o hábito de leitura está atrelado à escolaridade. Também, foi ressaltado que o contato com diferentes gêneros discursivos e suportes é o principal motivo de diferença entre os níveis de alfabetismo (“analfabeto”, “rudimentar”, “elementar”, “intermediário” e “proficiente”).

Recorrer a esses números do Inaf 2018 ajuda-nos a pensar que a formação de leitores de modo geral e, no caso das ações de nosso grupo, de leitor de obras literárias é ainda complexa e desafiadora em nosso país. Pela perspectiva do Inaf 2018, há problemas na formação de leitores competentes para a participação na vida em sociedade. Pela perspectiva de nosso grupo, há problemas no hábito em ler obras literárias, sobretudo se particularizarmos as famílias de camadas populares da sociedade com baixa escolaridade. À luz dos números constantes da Plataforma Pró-livro, podemos inferir que a tendência de se ler obras literárias pode estar para as famílias em nível de

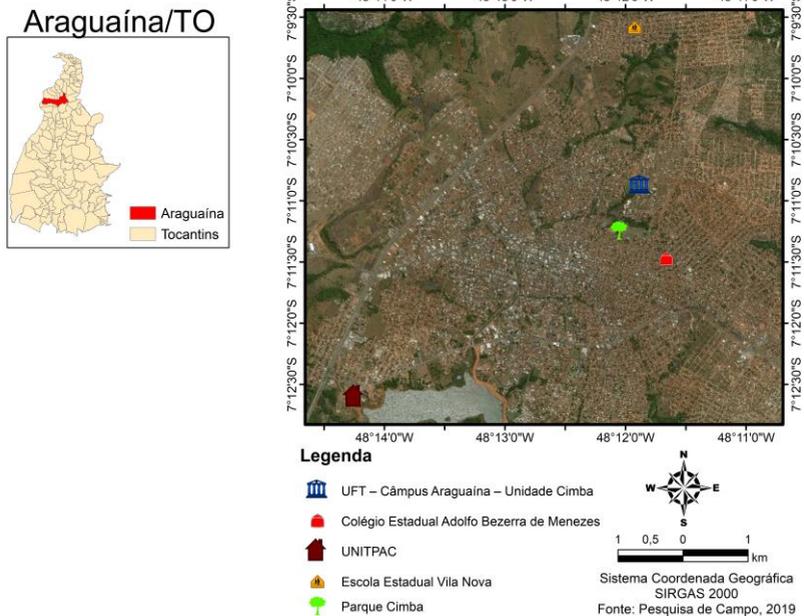
escolaridade em grau sempre crescente; no caso mencionado de “alfabetizados elementares” para “alfabetizados consolidados”.

Esses números ajudam-nos a considerar que o hábito de leitura (acesso e permanência a práticas de leitura, por exemplo) conta com uma transmissão geracional. O repertório é construído a partir do momento em que a relação entre leitor e objeto a ser lido se estabelece. Contudo, é preciso marcar a perspectiva de que não basta essa condição sociológica. Há uma condição subjetiva que intervém, definindo os rumos que essas práticas podem tomar. Como já ressaltamos, neste texto, o desejo vai engendrando as configurações possíveis para o modo como o sintoma (individual e/ou coletivo) ganha circunscrição na cultura.

As saídas dos membros do grupo por Araguaína cumprem a função de tentar produzir a identificação de outras pessoas com o hábito de se ler obras literárias. São sempre tentativas de intervir na esfera pública por meio da transmissão da leitura literária. Buscamos uma intervenção que levasse os diferentes participantes das ações do grupo a elaborar algum tipo de relação com a leitura literária, seja pela presença do hábito, seja pela ausência deste. E, diante dessa elaboração, procedemos à reflexão sobre as saídas possíveis para as demandas apresentadas, considerando a história de cada um. Cada leitor é marcado pelos meandros da cultura.

O mapa que se segue apresenta, de um lado, a localização geográfica de Araguaína, no estado do Tocantins e, de outro, a localização dos lugares em que desenvolvemos as ações de transmissão de leitura literária. Esse mapa foi gerado, usando-se imagem de satélite e dados coletados em campo nos dias de visitas. Vejamos, a seguir, tal mapa:

Mapa 01 – Itinerários do Grupo “Além da leitura” por Araguaína/TO.



O primeiro itinerário que vamos abordar foi em direção ao Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes. Fomos a esse Colégio 02 vezes para desenvolver ações. Com 1,7 quilômetros de distância da UFT/Câmpus Araguaína – Unidade Cimba, esse Colégio está localizado no setor São João, próximo à região central de Araguaína. São atendidos, em média, 1.700 alunos no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, no Ensino Médio e no Ensino Médio – Supletivo (Educação de Jovens e Adultos – EJA). No Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), o Colégio obteve 2,7 pontos em 2017, conforme consta do *site* do Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Esse índice é medido a partir de uma escala que vai de 0 a 10 pontos. Por meio de aplicação de prova sistemática, é avaliado o nível de proficiência dos alunos da quarta e oitava séries (quinto e nono anos, hoje) em Língua Portuguesa e em Matemática. O Ministério da Educação (MEC), por meio do INEP, é o responsável por essa política de

avaliação permanente da educação básica brasileira. A articulação entre proficiência obtida, dada a aplicação das provas sistêmicas, em larga escala, e aprovação escolar é que gera esse índice.

A média do município de Araguaína, no IDEB, em 2017, foi 5,1 pontos. De acordo com o documento “Resumo Técnico – Resultados do Índice de desenvolvimento da educação básica”, a região Norte do país conta apenas com 20 municípios com nota, no IDEB, igual ou superior a 6,0 pontos. No Tocantins, nesse documento, em 2017, 130 municípios tiveram o IDEB calculado pelo INEP. Desse total, 03 municípios obtiveram até 3,7 pontos na escala do IDEB, o que corresponde 2,3% do total. 76 municípios obtiveram de 3,8 a 4,9 na escala, correspondendo a 58,5% do total. 46 municípios obtiveram de 5,0 a 5,9 na escala, figurando 35,4% do total. 05 municípios obtiveram 6,0 ou mais na escala, representando 3,8 do total.

Esses números ajudam-nos a circunscrever o cenário complexo dos índices educacionais na região Norte, no estado do Tocantins e em Araguaína, para dizermos do município que nos interessa. Com todas as críticas que possamos ter à metodologia do IDEB, como por ser uma avaliação sistêmica em larga escala e que, por isso, apresenta um instrumento “prova” desalinhado da realidade de alguns alunos, uma questão parece ser certa: há muito o que fazer, em termos de políticas públicas que busque tornar a educação brasileira mais consistente. Há muito o que fazer, sobretudo, no que se refere ao hábito de leitura em geral dos brasileiros.

É, nesse sentido, que as ações do grupo no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes buscaram produzir efeitos. Sabemos que, frente à complexidade, os efeitos não são em larga escala. Filiamo-nos à perspectiva de que as intervenções possíveis e desejáveis são aquelas que priorizam os sujeitos na micro cena da escola. No dia 20 de março de 2018, os membros discutiram temáticas, elaboradas no momento da interlocução, tendo por base a obra literária “O Quinze”, de Rachel de Queiroz. No dia 16 de

maio de 2018, retornamos ao Colégio para outro momento de interlocução, com alunos, professores e gestores. Desta vez, os textos literários enfocados foram “Laços de família”, “Feliz aniversário”, “O jantar” e “O crime do professor de matemática”, de Clarice Lispector. Tais textos compõem a obra literária “Laços de família”.

A metodologia utilizada pelos membros do grupo, no primeiro dia, foi relatar um pouco a história do grupo e apresentar o *blog*. Em seguida, buscando uma interação primeira entre membros do grupo, alunos e profissionais da escola (professores, responsáveis pela biblioteca e gestores), lemos o texto “Circuito fechado”, de Ricardo Ramos. Após uma breve reflexão conjunta sobre esse texto, propusemos a elaboração colaborativa de um texto, que, inspirados em Ricardo Ramos, foi denominado de “Circuito aberto”. Ao anotar alguma palavra, no suporte com papel, o aluno deveria circunstanciar o porquê da palavra proposta por ele. Na sequência, passamos à interlocução em torno da obra literária “O Quinze”, de Rachel de Queiroz. No segundo dia de retorno à escola, também, procedemos à interlocução dos 04 textos de Clarice Lispector. Como articulado com os professores responsáveis pela biblioteca da escola, os alunos seriam incentivados a ler as obras literárias previamente. Nesses dias, percebemos que alguns leram e outros não.

Consideremos, a seguir, o comentário da professora Waldeny Berson de Sousa, postado por ela no *blog* do grupo. Ela é professora do Colégio em questão e esteve com o grupo na ação do dia 20 de março de 2018. Eis o comentário:

**Waldeny berson de sou**[sa](#)21 de março de 2018 05:42

Ontem, dia vinte de março de dois mil e dezoito, o colégio no qual trabalho teve a honra de receber acadêmicos da UFT acompanhados dos professores João de Deus e Eliane Testa para uma agradável noite literária, na biblioteca da unidade escolar. Nós, equipe da escola, ficamos encantados com o projeto

apresentado pelos universitários e, sentimo-nos motivados a realizarmos, com mais frequência, aulas de leituras interativas. Agradecemos à UFT pela oportunidade de conhecer e poder participar dessa ação de letramento tão importante e significativa ao processo de humanização e criticidade dos discentes.

O comentário expressa uma avaliação positiva da referida professora em relação à ação do grupo. Por meio de relações de adjetivação (“agradável noite literária”, “ação de letramento tão importante e significativa”, por exemplo) e de relações de adverbialização (“com mais frequência” e “[...] tão importante e significativa”), ela predica a ação do grupo, ressaltando a identificação dela com a metodologia adotada: uma interlocução pontual com cada aluno, escutando-o e acolhendo-o. Nos dizeres dela, esse momento é nomeado de dois modos: (1) “noite literária” e (2) “ação de letramento”.

Chamou-nos a atenção, nesse comentário, o apontamento de que a nossa ação os levou a querer mais “aulas de leitura interativas”, para usarmos os dizeres da professora. Esse apontamento expressa um efeito outro para a ação, pois, em uma primeira instância, o nosso intuito era a transmissão da leitura literária. Contudo, no jogo dessa transmissão, a professora se vê, responsabilmente, engajada na proposta. E, por isso, busca ressignificar outras práticas de sala de aula. À luz dos fundamentos da Psicanálise em questão, ela se vê enlaçada na mesma produção discursiva do grupo. Conforme abordamos, teoricamente, neste texto, discurso, como laço social, implica renúncia pulsional. No caso da professora, a sua produção discursiva deixa entrever um ponto de incômodo, relançando-a à (re)invenção.

Já, no final de seu comentário, após a denominação daquele encontro como “ação de letramento”, a professora se mostra constituída pelos sentidos de que a leitura literária humaniza e torna-nos mais críticos. E, na esteira de seu comentário, por essas consequências na vida do aluno é que aquela ação é “importante e significativa”. Nesse momento, a professora porta as insígnias de

um discurso existente sobre a leitura literária de que esta humaniza, conforme defende Candido (2012).

Gostaríamos de chegar à consideração de que, com base nesse comentário, os alunos não são significados como objeto sob o qual toda forma de relação estaria achatada. Ao contrário, eles são reconhecidos como portadores de demandas (individuais e sociais). Os alunos não são significados como sintoma (individual e/ou coletivo) da professora. Em sua renúncia, ela abre vias simbólicas para uma relação fundamental com eles. E essa renúncia implica, por exemplo, (re)pensar a própria prática de sala de aula em que a transmissão da leitura literária se apresenta de outra forma.

O segundo itinerário percorrido pelos membros do grupo foi até a Escola Estadual Vila Nova, que fica 3,1 quilômetros de distância da UFT/Câmpus Araguaína – Unidade Cimba; tal escola está localizada no Setor Vila Norte, em Araguaína/Tocantins. Esse itinerário foi realizado no dia 30 de abril de 2018, com o objetivo de traçarmos uma interlocução com alunos do 3º período do 3º segmento, da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A obra literária foco da interlocução foi “Triste fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto. O professor de Língua Portuguesa da turma, Davi Pereira, fez um trabalho prévio de leitura com os alunos no próprio espaço de sala de aula. Por serem alunos que trabalham o dia todo, essa foi a estratégia encontrada pelo referido professor, para que os alunos pudessem ler a obra em questão.

Essa escola atende, em média, 631 alunos, ofertando as seguintes modalidades de ensino: Ensino Fundamental – Anos finais; Ensino Fundamental e Médio Supletivos – Educação de Jovens e Adultos (EJA). No IDEB, em 2017, a referida escola ficou com 0,0 pontos. A informação que obtivemos é que não foram lançados, no sistema do INEP, os resultados das avaliações dos alunos do 9º ano escolar aplicadas nesse ano em referência. Dadas as chuvas intensas, em Araguaína, o número de alunos que foram fazer a prova foi insuficiente. Cabe destacar que tal escola não

oferece 4 série (quinto ano, hoje). Em 2015, conforme consta do *site* do INEP, a escola obteve 3,9 pontos.

A metodologia utilizada pelos membros do grupo foi muito próxima àquela adotada no primeiro dia no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes. Só não realizamos a atividade de construção colaborativa do texto “Circuito aberto”. O intuito maior era acolher a leitura literária desses alunos e, a partir delas, ir fazendo articulações com a leitura produzida pelos membros do grupo. É preciso ressaltar que, por ser EJA, a presença dos alunos na aula, em geral, não é constante. Nesse dia da ação, a turma estava quase completa, e a tomada da palavra por eles foi expressiva.

O terceiro itinerário trilhado pelos membros do grupo foi em direção ao Centro Universitário Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos – UNITPAC. Esse centro universitário está localizado no Setor Oeste, em Araguaína/Tocantins. Com uma distância de 6,4 quilômetros da UFT/Câmpus Araguaína – Unidade Cimba, no dia 06 de junho de 2018, reunimo-nos com acadêmicos do Curso de Pedagogia. A partir de uma roda de conversa, o objetivo seria a exposição do modo como cada um do grupo se constituiu leitor e, em seguida, a exposição de uma das obras literárias lidas no grupo. Após esse momento, passamos à interlocução com os acadêmicos presentes, para que eles, também, expusessem sobre como se deu o percurso de leitor deles. Estávamos interessados, ainda, no percurso deles como leitor de obras literárias. Em geral, a partir dos diferentes relatos dos presentes, a leitura literária está circunscrita à fase escolar da educação básica.

Esse centro universitário é uma das instituições superiores privadas que ofertam o curso de pedagogia em Araguaína. É sabido que a formação escolar dos alunos, nas séries iniciais, por exemplo, está a cargo dos profissionais habilitados nos Cursos de Pedagogia. A continuidade de formação desses alunos, como leitores em geral, passa pelo trabalho desses professores. E pelo fato de eles serem os

que fazem a iniciação de muitos alunos, no mundo da cultura letrada, o tipo de repertório do professor é muito importante. O grau de letramento do professor acaba sendo um aspecto relevante (não o único) da complexidade dos números que mobilizamos anteriormente.

Estamos chamando a atenção para o desafio de formação de leitores de obras literárias, também, no ensino superior. Não se trata de um desafio circunscrito à educação básica, pois, culturalmente, as práticas sociais de leitura, para dizermos do foco deste texto, não estão incorporadas ao cotidiano brasileiro. A depender do leitor, dada a sua história de vida, a relação com obras literárias é esparsa e fragmentada; ou mesmo esquecido em algum tempo da fase de vida do leitor. Consideremos, a seguir, o comentário da acadêmica de pedagogia Alaiany M, postado por ela no *blog* do grupo, a saber:

Unknown 6 de junho de 2018 21:20

Adorei a noite literária que tivemos na Unitpac!

Vocês me motivaram e despertaram meu desejo de ler literatura clássica novamente! Espetacular o trabalho de vocês.

Att

Alaiany M.

Responder

A materialidade linguística desse comentário dá mostras da avaliação positiva que a acadêmica produz acerca da ação do grupo no UNITPAC. Essa ação aparece nomeada por ela, como “noite literária”, cujos efeitos, segundo a acadêmica, foi motivação e reaparecimento do desejo em ler obras literárias clássicas. Em seu comentário, por meio do advérbio “novamente”, ela marca a ideia de que, em algum momento de sua vida, ela foi leitora de “literatura clássica”, para usarmos seus dizeres. E que, após a ação do grupo, esse desejo reapareceu. A acadêmica em questão conclui seu comentário, produzindo uma declaração elogiosa para destacar a sua visão sobre os trabalhos do grupo.

Como a nossa incursão, neste texto, está orientada pela perspectiva da transmissão da leitura literária, a tônica desse comentário deixa entrever o que destacamos anteriormente: a leitura literária vinculada a uma fase da vida do leitor. E que, por inferência, podemos salientar que, em geral, está presa à fase escolar do leitor. O recorte literário que a escola promove é, muitas vezes, o único a que o leitor tem acesso, a depender de seu percurso. A interrupção do percurso de leitura literária se efetivou em sua trajetória, por motivos que não temos acesso, pois a acadêmica não os explicitou. Contudo, após a ação do grupo, um incômodo se instaurou, a ponto, inclusive, de ela endereçar uma mensagem aos membros do grupo, por meio do *blog*.

Esse incômodo e o que a acadêmica acena em fazer com ele mostram efeitos do laço social se estabelecendo. É que ela se vê capturada na mesma instância discursiva em que o grupo se sustenta. A captura, nessa instância, pressupõe uma renúncia pulsional que demanda uma implicação dela em sua história de vida. O retorno à leitura literária, que ela marca como sendo a clássica, apresenta-se como sendo da ordem da (im)possibilidade para ela. E, talvez, por ser “clássica” demande ainda mais uma renúncia pulsional. O trabalho com o texto literário clássico reclama um engajamento outro do leitor; reclama uma identificação tal que pode por à prova a prática de leitura.

Embora seja um comentário apenas postado, a realidade que essa acadêmica deixa entrever é representativa do modo predominante como muitos leitores se constituíram, sobretudo em relação à leitura literária. No dia da ação, no jogo de interlocução com os demais acadêmicos presentes, a história de interrupção do percurso de leitura literária foi recorrente, conforme destacamos anteriormente. A despeito de ser uma instituição de ensino superior, o que nos levaria a supor uma relação mais acentuada com o hábito de leitura literária, por exemplo, as histórias narrativizadas apontam para uma rarefação desse hábito. Daí a necessidade de intervenção na esfera pública, tendo como ponto de

abordagem o sujeito com seus sintomas (individuais e/ou coletivos).

O nosso quarto itinerário foi em direção ao Parque Cimba (1,1 quilômetros da UFT/Câmpus Araguaína – Unidade Cimba) para promover uma ação integrada com outros professores da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (EMVZ), da UFT/Câmpus Araguaína. Esse parque está localizado no Setor Central, em Araguaína/Tocantins. Outras pessoas se juntaram a nós no dia 30 de novembro de 2018, como foi o caso do representante da Comissão de Direitos Humanos, da Ordem de Advogados do Brasil (OAB) – Seccional Tocantins, gestão 2015-2018, Siro Ferreira Fogaça. Essa ação integrada surgiu como maneira de por em discussão a temática do suicídio. É que, nos últimos dois anos, tem sido recorrente o número de acadêmicos e de servidores com sofrimento psíquico, culminando em tentativas e em sucesso, em alguns casos, no ato de suicídio.

Nesse dia, os membros do grupo montaram um estande, expondo obras literárias lidas pelo grupo, além de variados poemas impressos em folha A4 e dependurados na estrutura do próprio estande. Esses poemas contemplavam, por exemplo, a temática da vida. O intuito foi fomentar a escolha de poemas para ser lido e, em seguida, o participante deveria dizer o motivo da seleção do poema. Além das proposições de poema do grupo, houve casos de pessoas que recitaram poemas já decorados. O microfone esteve aberto a outras manifestações artísticas, como foi o caso de um casal e de um rapaz que cantaram músicas.

Como é um espaço público de passagem de muitos transeuntes, estiveram presentes outras pessoas, além daquelas já envolvidas na ação. Além disso, o Parque Cimba está localizado em um cruzamento de ruas e avenidas; o que significa dizer que essa ação atingiu, também, ainda que por pouco tempo, as pessoas que transitaram no cruzamento. A programação, neste dia, contou, ainda, com a apresentação da banda “The Norths”, uma banda

prestigiada na cidade, e de uma dupla. A cada atividade a temática do suicídio era posta em reflexão.

### **Considerações finais**

Ao longo deste texto, buscamos mostrar de que modo as ações do Grupo “Além da leitura”, no processo de transmissão da leitura literária, em Araguaína/Tocantins, dimensionam o inconsciente como política. Pensamos essa dimensão inscritos em pressupostos da Psicanálise freudo-lacianiana, particularizando o princípio de que a nossa relação com o outro é marcada por uma tensão própria do fato de sermos sujeitos do inconsciente. A depender da maneira como essa tensão é inscrita nas relações humanas, o laço social pode se acentuar ou se rarefazer. Dito de outro modo, o laço social está em função da maneira como os sintomas (individuais e/ou coletivos) ganham circunscrição na cultura. Esses sintomas se transmitem à revelia dos envolvidos. Neste texto, vimos que discurso, como laço social, implica uma maneira de se trabalhar essa tensão na e pela linguagem.

A Psicanálise em questão, por mais que ofereça um instrumental para se pensar a relação do sujeito com seu sofrimento psíquico, não deixa de lançar luz para a relação deste no campo do social. É que o vínculo com o outro, nunca natural, é construído a partir das bases que uma sociedade oferece. Os referenciais desse outro, que acaba por portar as insígnias do inconsciente, engendram algum tipo de relação. Não podemos nos esquecer de que os sintomas (individuais e/ou coletivos) são significados pela linguagem.

Os membros do Grupo “Além da leitura” investiram na relação dos sujeitos com a linguagem na esfera pública. A transmissão da leitura literária, embora não tenhamos condições de dimensionar o modo como ocorreu para cada um, toca na própria possibilidade de se transmitir os sintomas (individuais e/ou coletivos) por meio de narrativas. A leitura literária assume

esse lugar privilegiado, pois, com base nas obras literárias, a identificação com enredo, personagens, tempo, cenário, narradores, etc, pode se estabelecer. Eis uma implicação particular do sujeito com a obra literária.

Os itinerários percorridos, em Araguaína/Tocantins, em direção a 04 espaços sócio-simbólicos mostram que a cidade medeia a relação dos sujeitos com as instituições. Seja nas escolas de educação básica, passando por um centro universitário, até um parque, os sujeitos inseridos, nesses espaços, portam uma história com essas instituições. No campo do social, podemos pensar nos efeitos do (des)amparo discursivo dos sujeitos com essas instituições. Se é discursivo, interessa, então, como cada sujeito significa a sua relação com a instituição, o que abre vias para os sintomas (individuais e/ou coletivos). É, nesse sentido, que as ações do grupo foram empreendidas: como (im)possibilidade de que algum tipo de revezamento discursivo se desse, tendo a transmissão da leitura literária como dispositivo.

A partir dos dois comentários, no *blog* do grupo, e mobilizados por nós na seção anterior, vamos vendo o efeito do (des)amparo discursivo dos sujeitos funcionar. Uma professora da educação básica que, na sua relação institucional, é levada a estabelecer uma relação outra com as aulas de Língua Portuguesa. É que as instituições, em seu cotidiano, produzem contradições, dadas as condições de produção desse cotidiano. Essa contradição não pode ser lida no campo da moral, fazendo-se pensar em posturas certas e/ou erradas. Apostar na perspectiva do laço social implica considerar a elaboração dos sintomas (individuais e/ou coletivos). Ela mostra, em seu comentário, um ponto de incômodo, o qual a lança a buscar “com mais frequência, aulas de leituras interativas”, para usarmos os dizeres da professora.

O efeito do (des)amparo discursivo se apresenta, também, no comentário da acadêmica de pedagogia do centro universitário visitado. Tal curso, até pela estrutura curricular que tem, contempla disciplinas voltadas para a literatura infantojuvenil.

Novamente, é preciso ressaltar que não nos interessa o julgamento ancorados no campo da moral. Está em jogo a sua enunciação que aponta para o seu (re)lançar à leitura de “literatura clássica”, para usarmos seus dizeres. Os desdobramentos em si desses incômodos não nos são da ordem do observável, do verificável. Contudo, o que se apresenta como certo é que os sintomas (individuais e/ou coletivos) ganham circunscrição na e pela linguagem, significando as relações.

Para encerrarmos este texto, gostaríamos de ponderar que ir além dos limites do espaço acadêmico, investindo na transmissão da leitura literária pela cidade, é apostar na manifestação de emoções e de visão de mundo das pessoas. Fazer extensão, de nossa perspectiva, é intervir na esfera pública fora da universidade, com o compromisso da intervenção na prática local, na micro cena do cotidiano. É preciso acolher o outro e, com ele, forjar modos de (re)invenção, ainda que não saibamos os desdobramentos em si. É preciso, mais ainda, sair em itinerários pela cidade, pois é esta que situa os sujeitos no campo do social.

## Referências

- AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *Relatório INAF 2018 – Resultados preliminares*. São Paulo: Ação Educativa; IPM, 2018. Disponível em: [http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018\\_Relatório-Resultados-Preliminares\\_vo8Ago2018.pdf](http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relatório-Resultados-Preliminares_vo8Ago2018.pdf).
- PAULINO, Graça; WALTY, Ivete. *Leitura literária: enunciação e encenação*. In: *Ensaio sobre leitura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *IPL na Bienal: Inaf 2018 e Retratos da leitura no Brasil*. Disponível em: <http://plataforma.prolivro.org.br/ipl-na-bienal-inaf-2018-e-retratos-da-leitura-no-brasil/>.

## **A poesia de cordel em sala de aula: interligando os processos de leitura e escrita**

*Vilma Aparecida Gomes*<sup>1</sup>

*Claudia Goulart*<sup>2</sup>

### **Introdução**

As atividades com a poesia de cordel, que ora apresentamos, foram desenvolvidas no período de um ano letivo, ou seja, iniciamos os trabalhos com a poesia de cordel, em março, e a culminância dessas atividades com o referido gênero aconteceu no Recital de Poesias ao final do ano, na primeira quinzena de novembro de 2017.

Esse projeto foi elaborado pelos professores da Área de Língua Portuguesa da ESEBA/UFU e tem por objetivo valorizar a pluralidade cultural, a poesia e suas expressões artísticas. No período de desenvolvimento do projeto, os estudantes declamam poemas de autores brasileiros anônimos, consagrados e também poemas da autoria deles.

Esse momento de declamação de poesias, além de propiciar aos alunos a oportunidade de interação com o público, também possibilita a prática da declamação e da dramatização de textos poéticos. Essa prática contribui também para a desinibição do aluno no momento em que ele se coloca como “locutor, e não apenas como interlocutor”, nas práticas de linguagem oral. (GOULART, 2005, p. xiii)

---

<sup>1</sup> Professora titular da Escola de Aplicação (ESEBA), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

<sup>2</sup> Professora titular da Escola de Aplicação (ESEBA), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Nos Parâmetros Curriculares da Eseba/UFU (PCE), encontramos a seguinte explicação de como acontece a culminância do projeto Recital de Poesias ao final do ano:

como fechamento do trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo, realiza-se o Recital de Poesias, que reúne crianças, jovens, adultos e toda a comunidade escolar para socializar, declamar, dramatizar e cantar as experiências que eles tiveram com a poesia por meio, inclusive, da mistura do gênero poético e musical. (PCE- ÁREA DE LÍNGUA PORTUGUESA- 2017, p. 27-28).

As atividades que apresentamos neste artigo foram desenvolvidas com os alunos do 4º ciclo do ensino fundamental, ou seja, dos 8ºs e 9ºs anos do ensino fundamental, de acordo com o que propõe o Projeto Político Pedagógico da escola.

## **1. Ampliando o diálogo**

Uma das propostas do projeto “Recital de Poesias” é anualmente homenagear algum escritor da nossa literatura. Antes do início do desenvolvimento do projeto, a área, em consenso, escolhe qual escritor será homenageado.

Versiani (2007) afirma que a questão das escolhas literárias (autores e obras) é importante para o processo de amadurecimento dos jovens leitores porque o que a escola busca é a ampliação e o burilamento dos processos de recepção da leitura por parte deles. De acordo com a autora, “há uma tensão entre a circulação de produtos culturais que se sustentam por uma certa familiaridade com o gosto e aqueles que produzem outros parâmetros de julgamento de valor por leitores jovens (VERSIANI, 2007, p. 31).

Pensando na ampliação da circulação de produtos culturais de que a autora fala, os professores de língua portuguesa fizeram a opção por homenagear Luiz Gonzaga, poeta nordestino de grande reconhecimento nacional e internacional e, a poesia de cordel como um dos gêneros a serem trabalhados. Essa literatura teve suas origens na região nordeste, local de nascimento de Luiz Gonzaga e

foi escolhida justamente porque não pertence ao universo de escolha dos jovens leitores.

Feita essa apresentação inicial, passemos à descrição das atividades. Inicialmente, foi feita uma sondagem com os estudantes a fim de retomarmos conhecimentos pré-adquiridos sobre o significado de cordel. Muitos deles souberam responder objetivamente à sondagem, outros tiveram dificuldade em explicar o que era cordel. Apresentamos, então, um metacordel, ou seja, um trecho de um cordel que explica sobre a história desse gênero literário:

### O cordel em cordel - Bob Motta

[...]

O meu nome é Bob Motta,  
E eu tenho a satisfação.  
De fazer uma explanação,  
Do que eu tenho na memória,  
Dizendo em meus simples versos,  
Os quais eu metrifiquei,  
O que na mente guardei,  
Do cordel e sua história.  
Na Espanha e em Portugal,  
No século dezesseis,  
O cordel, digo a vocês, não era algo  
de novo  
Pois o mesmo enfatizava,  
Estórias e expedições,  
Falava das tradições,  
Ligadas ao povo.  
As narrativas e estórias,  
Na memória armazenadas,  
De pai prá filho, passadas,  
Do que ficara prá trás.  
  
Romances, guerras, viagens,  
Faziam parte das listas,  
Ode a mitos regionais.

Bem antes do surgimento,  
Da imprensa, do jornal,  
O Cordel era em geral,  
A fonte de informação.  
Os fatos mui relevantes,  
Ou passagens corriqueiras,  
Tinham de qualquer maneira,  
No Cordel, divulgação.  
Para chegar ao povão,  
Na Espanha e em Portugal,  
Dava um trabalho infernal,  
Porém, ficava bonito.  
O cordel, antes da imprensa,  
Era ao povo apresentado.  
Num trabalho elaborado,  
Em caderno manuscrito.  
Depois, pequenos folhetos,  
de estórias mirabolantes,  
eram presos em barbantes,  
por cada um menestrel.  
Ficavam assim expostos,  
Manhãs e tardes inteiras,  
Pelas barracas das feiras,  
Daí o nome, Cordel. [...]

Disponível em:

<http://recantodasletras.uol.com.br/cordel/684233> Acesso em 28 de abril de 2017

Foram discutidas oralmente algumas questões sobre a origem do cordel, quando foi criado, quais temas os cordelistas priorizavam em suas poesias, qual era a função dos cordéis naquela época, por que recebeu esse nome. Chamamos a atenção para algumas diferenças entre o texto em prosa e o texto em versos, apontamos a presença de estrofes, e de rimas, perguntamos se os estudantes perceberam marcas da oralidade presentes no poema e hipotetizamos sobre o registro presente nesse cordel, a fim de cotejarmos esse conhecimento com a leitura de outros cordéis.

A literatura de cordel, por pertencer ao universo da poesia popular nordestina, traz marcas da oralidade, de um registro coloquial próprio da linguagem do nordeste brasileiro e, por vezes, é visto com preconceito, com discriminação e tratado como algo de menor valor e importância. A fim de quebrar essa visão elitista e normativa da língua, que aponta como não padrão algumas formas variáveis da língua, em uso em diferentes regiões brasileiras, discutimos com os estudantes sobre como a sociedade valoriza (ou não) os diferentes falares de cada região brasileira. Outra reflexão feita foi se eles acreditam que essas marcas da oralidade existentes nesse gênero literário popular acarretam prejuízos ou estigmas à cultura brasileira.

Após esse preâmbulo, foi proposta uma oficina, comum a todas as turmas do 4º ciclo, com duração de dois horários, ou seja, de 100 minutos, por meio da qual começamos o trabalho de imersão dos estudantes na vida do autor homenageado. Depois desenvolvemos a proposta com a poesia de cordel por meio de atividades diversificadas com o texto poético, com o objetivo de analisar os elementos linguísticos e extralinguísticos mais significativos que, de algum modo, interferem na construção do sentido do texto.

Durante o desenvolvimento das atividades, priorizamos a recepção e a fruição do texto, a apresentação estética, a valorização dos elementos formais, culturais e linguísticos e o desenvolvimento da habilidade de leitura oral para chegarmos, ao final desta

proposta, à realização das atividades de produção de texto, por meio da retextualização.

Segundo Marcuschi (2003), a retextualização é um processo complexo, porque pressupõe a passagem de um gênero a outro. O cordel é um gênero mais próximo da oralidade e, por isso, ocupa um lugar fronteiriço importante nas práticas orais dos estudantes, porque possui rimas, repetições, linguagem informal, descontraída e lúdica. Essas características facilitam a inserção dos estudantes no trabalho com o gênero, nas manifestações da cultura popular brasileira e, em consequência, torna-se mais atraente a tarefa de escrever.

Nesse contexto, nosso ponto de partida foi a leitura do gênero narrativo “clássicos da literatura em cordel” para chegarmos à produção de cordéis.

Consideramos o cordel como narrativa cuja característica poética é fortemente marcada nos extratos da rima e da métrica e isso imprime musicalidade ao texto lido/declamado/cantado, ao mesmo tempo em que apresenta uma linguagem com traços linguísticos regionalistas do Nordeste e imbuída de um caráter popular (CARRIJO, GOULART, 2017). Ainda para essas autoras, a característica híbrida do gênero em questão (literatura, imagem e extratos musicais) configura-o como uma possibilidade exemplar de trabalho ao se tematizar, por exemplo, a leitura de cordéis com o objetivo de oportunizar ao aluno conhecer, valorizar e respeitar a multiculturalidade e a diversidade linguística inerentes ao nosso país, ou pensar sobre temas socialmente relevantes para a sociedade, mas que é, ao mesmo tempo, carregado de simplicidade e de sabedoria, típicas do povo nordestino.

Um trabalho assim pode favorecer a compreensão da beleza estética da poesia de cordel e a possibilidade de um rico debate sócio-cultural que os textos nos oferecem, contribuindo para a ampliação da oralidade e do letramento dos estudantes, práticas sociais importantes para o desenvolvimento do protagonismo cidadão.

## 2. Literatura e poesia de cordel: uma perspectiva

O início do trabalho com a poesia, no ano de 2017, foi com uma oficina a qual anunciamos aos alunos o autor que seria o homenageado no recital daquele ano, Luiz Gonzaga. Por meio do gênero biografia, foram apresentados os fatos mais importantes da vida de Luiz Gonzaga. Na oportunidade, os estudantes tomaram conhecimento de como esse autor se tornou um dos mais importantes compositores da música popular brasileira e ficou conhecido como o Rei do Baião.

Foram apresentados os dados mais importantes da vida dele (quando e onde nasceu e faleceu, como se deu a inserção dele na música e como ele foi responsável por disseminar em todo o país a cultura popular do nordeste, como o baião, o xaxado, o xote e o forró pé de serra. Dentro do trabalho com a biografia do Luiz Gonzaga, analisamos também as características das composições desse cantador, que retratam a pobreza, as tristezas e as injustiças do sertão nordestino. Após esse trabalho de imersão dos estudantes na vida do autor, foi exibido um vídeo de uma das canções que o eternizou: “Asa branca”.

Vídeo: Música Asa branca



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=IY-cgWPOjuQ> (Acesso em 18.mar.2019)

O segundo momento desse trabalho, foi a apresentação de um outro gênero: a letra da canção “Asa Branca”. Foi entregue uma cópia Xerox do texto para cada estudante da turma. A fim de envolvê-los nos embalos da melodia, da cadência e do tema presentes na música, todos foram convidados a cantar. No início, eles o fizeram timidamente, mas depois todos se empolgaram. Na sequência, fizemos uma discussão oral abordando o tema presente na canção.

Asa Branca

Luiz Gonzaga

Quando olhei a terra ardendo

Qual fogueira de São João

Eu perguntei a Deus do céu, ai

Por que tamanha judiação

Eu perguntei a Deus do céu, ai

Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha

Nem um pé de plantação

Por falta d'água perdi meu gado

Morreu de sede meu alazão

Por falta d'água perdi meu gado

Morreu de sede meu alazão

Até mesmo a asa branca

Bateu asas do sertão

Entonce eu disse, adeus Rosinha

Guarda contigo meu coração

Entoce eu disse, adeus Rosinha

Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas

Numa triste solidão

Espero a chuva cair de novo

Pra mim voltar pro meu sertão

Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos  
Se espalhar na plantação  
Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu voltarei, viu  
Meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu voltarei, viu  
Meu coração

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=IY-cgWPojuQ> (Acesso em 19.mar.2019)

Após esse trabalho, dissemos a eles que o nosso estudo sobre a poesia abordaria, especificamente, a poesia de cordel, em função de que esse gênero se desenvolveu, prioritariamente, no nordeste, região do então homenageado no Recital de Poesias do ano de 2017, Luiz Gonzaga.

Para encerrar a oficina, que teve duração de duas horas aulas, foi exibido um vídeo que reproduz a biografia de Luiz Gonzaga em forma de cordel. Após a exibição do vídeo, foi disponibilizada a todos uma cópia xerocopiada da letra do cordel biográfico de Luiz Gonzaga. Foi feita a leitura e a discussão da estrutura desse cordel. As turmas perceberam que todas as estrofes eram compostas por seis versos e que havia a presença de rimas. Vejam abaixo o vídeo e o cordel.

Vídeo 2: Biografia de Luiz Gonzaga contada em forma de cordel



Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=Va4FG-uCjnk>. (Acesso em 19.mar.2019)

LUIZ GONZAGA - O REI DO BAIÃO

Hoje acordei saudoso  
Do nobre Rei do Baião  
Que tanto alegrou o povo  
Da cidade e do Sertão  
Luiz Gonzaga é o seu nome  
E o apelido é Gonzagão

Gonzagão nobre poeta  
Da cultura popular  
No Brasil de Norte a Sul  
Fez sua estrela brilhar  
Cantando Xote e Baião  
Fez a sanfona falar

Na fazenda Caiçara  
Nasceu o Rei do Baião  
Cresceu tocando zabumba  
Mais tarde acordeão  
E pelo país inteiro  
Mostrou a dor do Sertão

Numa sala de reboco  
Dançou com o seu benzinho

Viu Asa Branca voar  
Partindo triste do ninho  
Mostrou o flagelo da seca  
E dançou Xote de mansinho

Por um amor proibido  
Luiz Gonzaga apanhou  
Revoltado com os pais  
O pé na estrada botou  
E sem saber o que fazer  
No exército se alistou

O "cabra da peste" Gonzaga  
Nordestino arretado  
Viajou pelo Brasil  
Ainda como soldado  
Mas no Rio de Janeiro  
O "cabra" ficou encantado

Pediú dispensa da farda  
E na zona foi tocar  
Solando acordeão  
Foi tentando se firmar  
Tocando samba e choro  
Não saia do lugar

Mas como um soldado bravo  
Luiz Gonzaga insistiu  
E num programa de calouros  
Despontou para o Brasil  
Quando a platéia de pé  
Empolgada lhe aplaudiu

Aos poucos Luiz Gonzaga  
Foi mostrando a Nação  
Com talento e humildade  
Como se canta Baião  
Conquistou ricos e pobres  
Na cidade e no sertão

Cantou com desenvoltura

Toada, xaxado e xote  
Aboio, chamego e baião  
No sudeste, sul e norte  
O fole da sua sanfona  
Somente calou-se com a morte

No ano oitenta e nove  
O Brasil entristeceu  
Quando o fole da sanfona  
De Gonzaga emudeceu  
Naquele dois de agosto  
O Rei do Baião morreu

Gonzagão deixou saudades  
No coração do Brasil  
Naquela manhã de agosto  
Quando daqui partiu  
Mas seu canto ainda ecoa  
Pelo céu azul anil

© **Magno R Almeida**

---

*Obra registrada na Biblioteca Nacional e protegida pela Lei 9610 de 19/02/1998.*

Disponível:

<https://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=45041>

(Acesso em 19. mar.2019)

Com essa atividade, encerramos a oficina. A atividade proposta em seguida foi uma pesquisa e a tarefa era a seguinte: O que é literatura e poesia de cordel? Qual a origem da literatura de cordel? Como a literatura e a poesia de cordel chegaram ao Brasil? Quais as características desse gênero? Como é a poética do cordel?

Os alunos apresentaram as pesquisas uma semana após a solicitação. Nessa aula, o objetivo era que os alunos socializassem as pesquisas feitas em casa sobre a história da literatura e a poesia de cordel. A aula foi bastante produtiva pela exposição feita pelos alunos sobre a pesquisa realizada. Durante a discussão, que foi muito interessante, os alunos participavam para acrescentar alguma passagem que porventura o colega não havia socializado. É

importante salientar que eles trouxeram informações significativas sobre a literatura e a poesia de cordel.

A turma pesquisou que literatura de cordel iniciou-se no século XVI, no período do Renascimento, momento em que a impressão dos relatos, que tradicionalmente eram feitos oralmente pelos trovadores, começou a se popularizar. No século XVIII esse tipo de literatura já era comum, e os portugueses a chamavam de literatura de cego, pois em 1789, Dom João V criou uma lei em que era permitido à Irmandade dos homens cegos de Lisboa negociar esse tipo de publicação. No início, a literatura de cordel também tinha peças de teatro, como as que Gil Vicente escrevia. Esta literatura foi introduzida no Brasil pelos portugueses desde o início da colonização.

Essas informações foram apresentadas pela turma para responder às perguntas: a) Qual a origem da literatura de cordel?

b) Como a literatura e a poesia de cordel chegaram ao Brasil?

Para responder à pergunta “O que é a literatura e poesia de cordel?” a turma pesquisou que a literatura de cordel é um gênero literário popular, é uma poesia popular que é impressa e divulgada em forma de folhetos. O nome literatura de cordel surgiu em função da forma como esses folhetos eram vendidos, em feiras, em bancas, e nos mercados. Esses folhetos, que são ilustrados em forma de xilogravura, eram pendurados em barbantes, cordas ou cordéis.

Quanto à segunda pergunta, “Como a literatura e a poesia de cordel chegaram ao Brasil?”, os alunos, por meio da pesquisas, informaram que foi no século XVIII que a literatura de cordel chegou a nosso país, período do início da colonização pelos portugueses, e aos poucos começou a tornar-se popular. De acordo com a pesquisa, os folhetos foram introduzidos no Brasil pelo cantador Silvino Pirauá e em seguida por Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista.

No início, quase todos os autores da literatura de cordel brasileira eram cantadores. Eles improvisavam os versos na hora que estavam cantando, viajavam pelas fazendas, vilarejos e pequenas cidades do sertão. Já os escritores desse gênero narraram as histórias de Lampião e de João Grilo, histórias de amor. Os folhetos até hoje são vendidos em lonas ou malas estendidas nas feiras populares, mais comum na região nordeste.

Em relação às perguntas “Quais as características desse gênero?” “Como é a poética do cordel?”, a turma pesquisou sobre as principais características da poesia de cordel, tais como: as ilustrações são em forma de xilogravura; é uma poesia que narra as tradições culturais regionais, contribuindo, assim, para a preservação do folclore; são folhetos baratos, por isso atingem um grande público, tornando-se um incentivo à leitura; nas narrativas da poesia, há sempre um herói que sofre; no final da história, o herói sempre vence.

Quanto à poética, a turma apresentou como a poesia de cordel é estruturada: quadra- uma estrofe de quatro versos; sextilha- uma estrofe de seis versos; septilha- uma estrofe de sete versos; oitava – uma estrofe de oito versos; quadrão – os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si; décima – uma estrofe de dez versos; martelo – estrofes formadas por decassílabos (esses são mais comuns em decassílabos e versos heróicos).

Sabemos que há muito mais informações sobre esse gênero literário, mas esse compilado traz as informações das pesquisas feitas pelos alunos. A principal fonte das pesquisas foi a internet.

Para ilustrar a pesquisa feita pelos alunos, foram exibidos três vídeos que contam a história da Literatura de cordel:

Vídeo 3 : Especial literatura de cordel – Globo Rural.



Parte 01. Especial Literatura de Cordel- Globo Rural

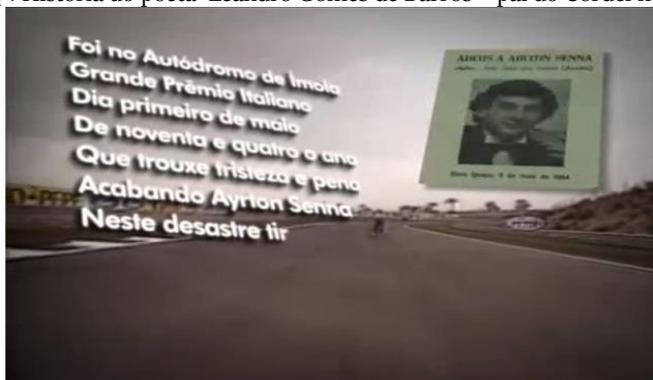
Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=intyRegGyiw> (Acesso em 19.mar.2019)

Nesse vídeo, a introdução feita pelo jornalista apresenta a literatura de cordel como uma das manifestações culturais mais complexas do Brasil. Há um alerta para o fato de parecer um “monte” de folhetos escritos em papel barato, como se tudo fosse a mesma coisa, mas não é tão simples assim: nenhum folheto é igual ao outro, o assunto pode ser um fato real, o perfil de uma pessoa ilustre, um repente, um duelo, uma história imaginada, uma obra requintada. Os jornalistas apresentam o cordel como uma mídia popular. E ainda dizem que o cordel “é o tataravô de todos os meios de comunicação.”

Após a exibição do vídeo, foi realizada uma discussão abordando os aspectos da literatura de cordel com base no conhecimento que a turma havia construído com a pesquisa.

Vídeo 4 : História do poeta Leandro Gomes de Barros – pai do Cordel no Brasil.



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Pv8x3ulR9RA> (Acesso em 19.03.2019)

Esse é um vídeo de aproximadamente 9 minutos em que é narrada a história de vida do poeta, contando como ele iniciou o trabalho de escrita mesmo não sendo iletrado. Após a exibição desse vídeo, os estudantes fizeram o resumo escrito do que eles absorveram após assistirem a apresentação.

Vídeo 5: O que é xilogravura



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=oWLKs4K6yEc> (Acesso em 19.03.19)

Esse é um vídeo de aproximadamente sete minutos que mostra o que é xilogravura e a partir de quando essa arte passou a

fazer para da ilustração dos folhetos de cordel. A exibição desse vídeo foi importante porque, ao final da proposta, os alunos produziram uma poesia de cordel com ilustração.

Após essa primeira exposição sobre a poesia e literatura de cordel, iniciamos as atividades sistemáticas de leitura, interpretação e produção de cordéis. A seguir, apresentamos o exemplo de uma proposta de leitura e interpretação de cordel utilizada nas oficinas.



**Nordestino, sim,  
Nordestinado, não**

Nunca diga nordestino  
Que Deus lhe deu um destino  
Causador do padecer,  
Nunca diga que é o pecado  
Que lhe deixa fracassado  
Sem condição de viver.

Não guarde no pensamento  
Que estamos no sofrimento  
É pagando o que devemos.  
A Providência Divina  
Não nos deu a triste sina  
De sofrer o que sofremos.

Deus o autor da criação  
Nos dotou com a razão  
Bem livres de preconceitos,  
Mas os ingratos da terra  
Com opressão e com guerra  
Negam os nossos direitos.

Não é Deus que nos castiga,  
Nem é a seca que obriga  
Sofrermos dura sentença,  
Não somos nordestinados,  
Nós somos injustiçados

Tratados com indiferença.

Sofremos em nossa vida  
Uma batalha renhida  
Do irmão contra o irmão,  
Nós somos injustiçados,  
Nordestinos explorados,  
Mas nordestinados, não.

Há muita gente que chora  
Vagando de estrada afora  
Sem terra, sem lar, sem pão,  
Crianças esfarrapadas,  
Famintas escaveiradas  
Morrendo de inanição.

Sofre o neto, o filho e o pai,  
Para onde o pobre vai  
Sempre encontra o mesmo  
mal,  
Esta miséria campeia  
Desde a cidade à aldeia  
Do sertão à capital.

Aqueles pobres mendigos  
Vão à procura de abrigos  
Cheios de necessidades,  
Nesta miséria tamanha  
Se acabam na terra estranha

Sofrendo fome e saudade.

Mas não é o Pai Celeste  
Que faz sair do Nordeste  
Legiões de retirantes,  
Os grandes martírios seus  
Não é permissão de Deus,  
É culpa dos governantes.

Já sabemos muito bem  
De onde nasce e de onde vem  
A raiz do grande mal,  
Vem da situação crítica  
Desigualdade política  
Econômica e social.

Somente a fraternidade  
Nos traz a felicidade,  
Precisamos dar as mãos,  
Para que vaidade e orgulho  
Guerra, questão e barulho  
Dos irmãos contra os irmãos.  
Jesus Cristo, o Salvador,  
Pregou a paz e o amor  
Na santa doutrina sua,

O direto banqueiro  
É o direito do tropeiro

Que apanha os trapos na rua.		E dentro de um país faz
Uma vez que o conformismo	Por isto, vamos lutar,	Um só povo bem unido,
Faz crescer o egoísmo	Nós vamos reivindicar	Um povo que gozará
E a injustiça aumentar,	O direito e a liberdade	Porque assim, já não há
Em favor do bem comum	Procurando em cada irmão	Opressor nem oprimido.
É dever de cada um	Justiça, paz e união,	ASSARÉ, Patativa do. <i>Ispinho</i>
Pelos direitos lutar.	Amor e fraternidade.	<i>e fulô</i> . São Paulo: Hedra,
	Somente o amor é capaz	2005. p. 38-41

Para orientar o trabalho de leitura e interpretação, apresentamos aos alunos algumas questões direcionadoras, vejamos:

1. Do que trata o texto "Nordestino, sim, Nordestinado, não"?
2. Explique o sentido dos termos "Nordestino" e "Nordestinado", conforme cordel lido.
  - 2.1. A palavra "Nordestinado" é uma criação do poeta. É possível imaginar qual teria sido o processo de criação dessa palavra? Comente.
3. Qual o ponto de vista defendido pelo eu lírico?
  - 3.1. A partir de qual parte do poema esse posicionamento fica explicitado?
  - 3.2. Quais os argumentos utilizados para a defesa dessa posição?
4. O que é possível saber sobre a vida do homem do Nordeste por meio desse poema de cordel? Comprove sua resposta, identificando os versos que justifica sua resposta.
  - 4.1. Como a sociedade enxerga o nordestino? Essa visão é a mesma do eu lírico? Explique.
5. O "sim" e o "não" que aparecem no título é uma oposição ou também pode ser entendida como um paradoxo. Essa ideia opositiva e ou paradoxal é sustentada ao longo de todo poema? Se sim, o que é oposto ou paradoxal?
6. Na 8ª estrofe, quando é dito "Se acabam na terra estranha/Sofrendo fome e saudade.", do que e de quem trata o eu lírico? Por quê?
7. A quem e ou a que o eu lírico atribuí a "culpa" pela situação do nordestino?
  - 7.1. Você concorda com essa posição? Argumente.
  - 7.2 Há algum momento no poema que o eu lírico mostra-se como uma pessoa instruída? Se sim, identifique.
8. No cordel é apresentada uma possível solução para a situação retratada. Qual seria?
  - 8.1 É possível identificar quais argumentos motivam o eu lírico a escolher essa solução?

8.2. A partir da possível solução apresentada pelo eu lírico, é possível pressupor algumas ideologias que perpassam sua constituição identitária. Comente sobre isso, descrevendo, ao mesmo tempo, como seria a imagem discursiva desse eu lírico.

9. O que está pressuposto pelos versos “O direito do banqueiro/É o direito do tropeiro”, na 12ª estrofe?

10. Esse poema pode ser considerado universal a partir de sua temática. Comente o porquê.

11. Ao ler o poema, você deve ter percebido o ritmo e a melodia construídos com a medida fixa dos versos (7 sílabas cada) e a presença de rimas. Em que elas ajudam o cordelista e o ouvinte do cordel?

12. Esse cordel, embora datado há algum tempo, pode ser considerado atual? Explique por quê.

Durante a leitura, os alunos perceberam que o cordel faz alusão aos preconceitos e às dificuldades vividas pelos nordestinos. Durante a discussão, eles perceberam que, ao usar “nordestino”, o poeta refere-se àquele que nasce no nordeste e o termo “nordestinado” refere-se à pessoa que nasceu no nordeste e está exposta a uma vida de sofrimento e exploração, ou seja, destinado ao sofrimento.

Há no poema um tom de denúncia contra a falta de compromisso da classe política com o povo nordestino. De uma maneira geral, os alunos perceberam que a leitura do poema exige do leitor inferências para perceber que é negada ao povo nordestino uma vida digna.

Após essa primeira parte das atividades, momento em que os alunos tiveram contato com história da literatura de cordel, conheceram autores e a estrutura de um poema de cordel, iniciamos outra etapa que foi a preparação para a declamação de poemas. Nesse sentido, foram exibidos para os alunos declamações de poemas pelo cordelista Bráulio Bessa.

Vídeo 6: Bráulio Bessa declama “Cordel dicionário”



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=npErliDE1xg> (Acesso em 20.03.2019)

Vídeo 7: Bráulio Bessa declama “Recomeço”



Bráulio Bessa - Recomeço 07/7/2017 Encontro com Fátima Bernardes

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=LCccxRghoxk> (Acesso em 20.03.2019)

Outro gênero também trabalhado na interface com o cordel foi o rap. O objetivo de se trabalhar com esses dois gêneros foi levar os estudantes a compreenderem as principais semelhanças e diferenças entre um gênero e outro em relação aos componentes linguísticos (vocabulário, registro linguístico, tema, ritmo etc.), contexto social em que cada um circula, região onde cada um predomina.

Para iniciar a aula, perguntamos aos estudantes se já tinham ouvido algum rap e se sabiam o que significava esse gênero musical. Muitos deles disseram gostar de rap, cantaram alguns

trechos de músicas conhecidas, mas não sabiam exatamente o que significavam as iniciais dessa palavra. Apresentamos, então, o texto abaixo e fizemos a leitura coletiva.

### **O que é o Rap e suas principais características**

O termo RAP significa *rhythm and poetry* (ritmo e poesia). O RAP surgiu na [Jamaica](#) na década de 1960. Este gênero musical foi levado pelos jamaicanos para os [Estados Unidos](#), mais especificamente para os bairros pobres de Nova Iorque, no começo da década de 1970. Jovens de origens negra e espanhola, em busca de uma sonoridade nova, deram um significativo impulso ao RAP.

O rap tem uma batida rápida e acelerada e a letra vem em forma de discurso, muita informação e pouca melodia. Geralmente as letras falam das dificuldades da vida dos habitantes de bairros pobres das grandes cidades. As gírias das gangues destes bairros são muito comuns nas letras de música rap. O cenário rap é acrescido de danças com movimentos rápidos e malabarismos corporais. O break, por exemplo, é um tipo de dança relacionada ao rap. O cenário urbano do rap é formado ainda por um visual repleto de grafites nas paredes das grandes cidades.

Fonte: <https://www.suapesquisa.com/rap/> (Acesso em 16.05.2017)

Durante a leitura, fomos parando e discutindo as características do rap e analisando as diferenças entre esse gênero e o cordel. Fizemos coletivamente um levantamento e fomos escrevendo na lousa os pontos trazidos pelos alunos:

- 1) Tanto rap quanto cordel podem ser improvisados e possuem rimas;
- 2) Ambos trazem forte apelo das questões sociais e políticas presentes em suas comunidades;
- 3) Surgiram em contextos diferentes, cada um com influências diversas e próprias da sua região;
- 4) O cordel é impresso em folhetos, pode ser declamado, tem rimas, informa, noticia fatos, narra histórias reais e imaginárias sobre preconceito, falta d'água, pobreza.
- 5) O rap é cantado, também tem rimas, aborda a vida sofrida dos moradores da periferia, as drogas, a violência e o preconceito.

- 6) Tanto no cordel quanto no rap os cantadores utilizam uma linguagem coloquial, às vezes cheia de gírias e “palavrões”, mas tem um objetivo, que é fazer uma denúncia social.

Para a realização da atividade seguinte, formamos um círculo no pátio da escola a fim de que iniciássemos uma roda de leitura. Oferecemos uma coleção de cordéis e muitas cópias de letras de música do cantor Gabriel, o Pensador. À medida que os estudantes iam lendo os cordéis e as letras de música, suscitavam muitas discussões sobre os temas ali presentes e cada um ilustrava o tema contando um caso que conhecia ou que havia ouvido ou lido/escutado nos jornais. Esse foi também um momento muito rico de troca de experiências sobre os mais diversos assuntos.

Após esse momento de troca e socialização das experiências de leitura, questionamos se eles gostavam do rapper Gabriel, o Pensador, e o que achavam dos raps que ele cantava. Muitos o conheciam, outros nunca tinham ouvido falar nele. Apresentamos-lhes, então, um vídeo em que Gabriel o Pensador fala um pouco sobre sua própria vida, de como se alegra com o *feedback* dos fãs e de onde tira o repertório para seleção dos temas que compõem suas músicas.

#### Vídeo 8: Entrevista com Gabriel o Pensador



Entrevista completa Gabriel O Pensador

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=7fk8paMCSUE#t=200> (Acesso em 15. 05. 2017)

Em seguida, selecionamos a música “Racismo é burrice”. Primeiramente a ouvimos, depois fizemos a leitura e discutimos alguns pontos.

Vídeo 9: Gabriel, o Pensador – Racismo é burrice



Gabriel o Pensador 1993 - 05 Lavagem Cerebral

430.332 visualizações 3,2 MIL 71 COMPARTILHAR SALVAR ...

Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=YtzkDf\\_bjI](https://www.youtube.com/watch?v=YtzkDf_bjI) (Acesso em 06. 04.2019)

### Racismo É Burrice Gabriel O Pensador

Salve, meus irmãos africanos e lusitanos, do outro lado do oceano  
O Atlântico é pequeno pra nos separar  
Porque o sangue é mais forte que a água do mar  
Racismo, preconceito e discriminação em geral  
É uma burrice coletiva sem explicação  
Afinal, que justificativa você me dá para um povo que precisa de união  
Mas demonstra claramente  
Infelizmente  
Preconceitos mil  
De naturezas diferentes  
Mostrando que essa gente  
Essa gente do Brasil é muito burra  
E não enxerga um palmo à sua frente  
Porque se fosse inteligente esse povo já teria agido de forma mais consciente  
Eliminando da mente todo o preconceito  
E não agindo com a burrice estampada no peito  
A elite que devia dar um bom exemplo  
É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento  
Num complexo de superioridade infantil  
Ou justificando um sistema de relação servil  
E o povão vai como um bundão na onda do racismo e da discriminação  
Não tem a união e não vê a solução da questão

Que por incrível que pareça está em nossas mãos  
Só precisamos de uma reformulação geral  
Uma espécie de lavagem cerebral

Racismo é burrice

Não seja um imbecil  
Não seja um ignorante  
Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante  
O quê que importa se ele é nordestino e você não?  
O quê que importa se ele é preto e você é branco  
Aliás, branco no Brasil é difícil, porque no Brasil somos todos mestiços  
Se você discorda, então olhe para trás  
Olhe a nossa história, os nossos ancestrais  
O Brasil colonial não era igual a Portugal  
A raiz do meu país era multirracial  
Tinha índio, branco, amarelo, preto  
Nascemos da mistura, então por que o preconceito?  
Barrigas cresceram, o tempo passou  
Nasceram os brasileiros, cada um com a sua cor  
Uns com a pele clara, outros mais escura  
Mas todos viemos da mesma mistura

Então presta atenção nessa sua babaquice  
Pois como eu já disse racismo é burrice  
Dê a ignorância um ponto final  
Faça uma lavagem cerebral

Racismo é burrice

Negro e nordestino constroem seu chão  
Trabalhador da construção civil conhecido  
como peão

No Brasil, o mesmo negro que constrói o seu  
apartamento ou o que lava o chão de uma  
delegacia

É revistado e humilhado por um guarda nojento  
Que ainda recebe o salário e o pão de cada dia  
graças ao negro, ao nordestino e a todos nós  
Pagamos homens que pensam que ser  
humilhado não dói

O preconceito é uma coisa sem sentido

Tire a burrice do peito e me dê ouvidos

Me responda se você discriminaria

O Juiz Lalau ou o PC Farias

Não, você não faria isso não

Você aprendeu que preto é ladrão

Muitos negros roubam, mas muitos são  
roubados

E cuidado com esse branco aí parado do seu  
lado

Porque se ele passa fome, sabe como é

Ele rouba e mata um homem

Seja você ou seja o Pelé

Você e o Pelé morreriam igual

Então que morra o preconceito e viva a união  
racial

Quero ver essa música você aprender e fazer

A lavagem cerebral

Racismo é burrice

O racismo é burrice mas o mais burro não é o  
racista

É o que pensa que o racismo não existe

O pior cego é o que não quer ver

E o racismo está dentro de você

Porque o racista na verdade é um tremendo  
babaca

Que assimila os preconceitos porque tem  
cabeça fraca

E desde sempre não pára pra pensar

Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe  
ensinar

E de pai pra filho o racismo passa

Em forma de piadas que teriam bem mais  
graça

Se não fossem o retrato da nossa ignorância

Transmitindo a discriminação desde a infância

E o que as crianças aprendem brincando

É nada mais nada menos do que a estupidez se  
propagando

Nenhum tipo de racismo - eu digo nenhum  
tipo de racismo - se justifica

Ninguém explica

Precisamos da lavagem cerebral pra acabar  
com esse lixo que é uma herança cultural

Todo mundo que é racista não sabe a razão

Então eu digo meu irmão

Seja do povão ou da elite

Não participe

Pois como eu já disse racismo é burrice

Como eu já disse racismo é burrice

Racismo é burrice

E se você é mais um burro, não me leve a mal

É hora de fazer uma lavagem cerebral

Mas isso é compromisso seu

Eu nem vou me meter

Quem vai lavar a sua mente não sou eu

É você

Fonte: Disponível em:

<https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/72839/> (Acesso: 15.05.2017)

Na sequência, entregamos-lhes o texto digitalizado e realizamos a leitura em voz alta, de preferência, ritmada e com a cadência necessária para o texto fazer sentido. Cada um foi falando um verso do poema e depois cantamos todos juntos. O diferencial foi que pausamos o vídeo em alguns trechos para a turma continuar cantando, fazendo-os ficar mais soltos para a atividade seguinte.

Em seguida, fizemos alguns questionamentos e abrimos para o debate a fim de que a turma apontasse outras observações em relação à música: Perguntamos:

- a) Por que o autor deu esse nome à música e quais são os tipos de preconceito abordados pelo rapper?
- b) Por que ele inicia a música citando os “irmãos africanos e lusitanos”?
- c) Qual é a crítica que se faz nessa música?
- d) Quem o rapper critica?
- e) Por que ele critica essas pessoas?
- f) Você já ouviu falar do Juiz Lalau e do PC Farias?
- g) Quem vocês imaginam que sejam?
- h) E Pelé? Quem é?
- i) Quais são as marcas de oralidade presentes no texto?
- j) Por que vocês acham que o texto utiliza o registro informal?

Ainda sobre o tema do preconceito, exibimos o cordel de Bráulio Bessa para discutirmos os pontos de vista de um rapper e de um cordelista sobre o mesmo assunto.

Vídeo 10: Preconceito: Se não der para ser amor, pelo menos seja respeito



Preconceito - Se não der para ser amor, pelo menos seja respeito.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Lga79yTKq60> (Acesso em 18.05.2017)

Após ouvirmos a declamação do poema de cordel por Bráulio Bessa, iniciamos uma conversa contemplando as seguintes questões:

- 1) O que vocês acharam do poema? Gostaram?
- 2) De qual problema social o cordelista fala nesse poema?
- 3) Vocês perceberam algumas semelhanças no conteúdo temático entre este poema e a letra da música de Gabriel o Pensador?
- 4) O que leva as pessoas a serem racistas?
- 5) O que você acha que pode fazer para conscientizar as pessoas a sua volta sobre as questões abordadas pelos autores?

A fim de encerrarmos as atividades de leitura e passarmos para a segunda parte do trabalho, a produção escrita, apresentamos aos estudantes a coleção “Clássicos em Cordel”. Essa atividade foi realizada em duplas, da seguinte forma: cada dupla escolheu um título dos clássicos de cordel que sugerimos para leitura, eram vinte e quatro livros diferentes, tais como: Os miseráveis, A escrava Isaura, O Corcunda de Notre Dame, dentre outros, vejam no link:



[https://www.google.com.br/search?ei=oM2TXIzIOPmx5OUPzvKWgAM&q=Coleção+clássicos+em+cordel&oq=Coleção+clássicos+em+cordel&gs\\_l=psy-ab.3..33i2](https://www.google.com.br/search?ei=oM2TXIzIOPmx5OUPzvKWgAM&q=Coleção+clássicos+em+cordel&oq=Coleção+clássicos+em+cordel&gs_l=psy-ab.3..33i2)

Os estudantes dos 9º anos, além de terem lido os Clássicos do Cordel, estavam desenvolvendo um trabalho paralelo em sala de aula sobre o realismo mágico nas obras de Edgar Allan Poe e leram vários contos, tais como: O Gato Preto, Os fatos do caso do Sr. Valdemar, O barril de amontilado, O mistério de Marie Roget, Willian Wilson dentre outros. O objetivo foi incluir todas as leituras feitas durante o período na atividade de produção do cordel e deixar os estudantes livres para escolherem o livro que gostariam de retextualizar.

O desenvolvimento dessa atividade de leitura ocorreu em sala de aula, quando as duplas se reuniram e fizeram a leitura do cordel escolhido e dos contos de Edgar Allan Poe. No dia seguinte, utilizamos duas aulas para as duplas apresentarem o resumo oral do cordel e dos contos de Poe ou de outro livro que porventura o estudante tivesse acabado de ler.

Quem já havia lido o clássico, fez algumas observações sobre as diferenças encontradas a partir da retextualização da narrativa clássica para o cordel.

A última atividade dessa proposta foi a produção de um texto representativo do enredo do cordel, em um dos seguintes gêneros: uma notícia, uma HQ, uma Charge, uma animação etc. Essa atividade foi realizada em casa e entregue na aula seguinte.

Na sequência da atividade com a literatura de cordel, as duplas deveriam escolher uma poesia, dentre a variedade de cordéis lidos previamente, para uma apresentação oral da análise textual, ou seja, da estrutura do cordel, enredo e linguagem. Para encerrar essa atividade, a dupla declamou o cordel de que mais gostou, paramentada por um figurino adequado ao gênero estudado e realizando uma performance oral acentuando a melodia e a cadência presentes nos poemas de cordel.

A leitura e a retextualização da história dos livros lidos foi realizada em casa. As turmas encaminharam a primeira versão do texto escrito para o e-mail das professoras. Foram feitas as sugestões de reescrita e enviados de volta para que os estudantes fizessem a reescrita do texto. Terminada a reescrita, os estudantes encaminharam novamente os textos ao e-mail das professoras para apreciação final.

Depois dos cordéis prontos, iniciamos a última etapa das atividades com a poesia, que aconteceu no terceiro trimestre, ou seja, de setembro a dezembro. As duplas deveriam, a partir da leitura de um livro de literatura, escolhido por eles, fazer a retextualização da história em forma de folheto de cordel em capa de xilogravura. Como não foi possível a construção da capa por xilogravura, porque na escola não havia o material necessário, as capas foram construídas por isogravura<sup>1</sup>, que é uma técnica mais simples, barata e fácil de ser construída pelos alunos.

No dia marcado para a oficina, cada dupla levou uma bandeja de isopor (aquela que vem com alimentos do supermercado); lápis preto; tesoura sem ponta. O material de uso coletivo foi fornecido pela escola, como: folhas de papel sulfite brancas ou coloridas, tintas guache de diversas cores e rolo pequeno.

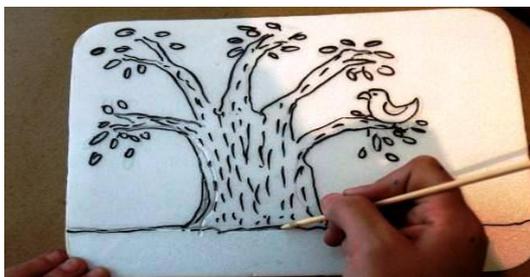
---

<sup>1</sup> Inspirada da xilogravura, a isogravura é uma técnica adaptada cujo suporte é o isopor ao invés da madeira. Os estudantes foram orientados a realizar as ilustrações com base no enredo das narrativas lidas. Finalizadas, foram distribuídos os materiais para a realização das isogravuras. A impressão da ilustração no isopor e a respectiva pintura foram feitas pelos próprios alunos durante as aulas de Língua Portuguesa.



[http://obviousmag.org/archives/2014/02/tecnica\\_de\\_como\\_fazer\\_xilogravura\\_com\\_isopor.html](http://obviousmag.org/archives/2014/02/tecnica_de_como_fazer_xilogravura_com_isopor.html)

A turma recortou as bordas da bandeja, pois era preciso usar a parte plana. Em seguida fizeram o desenho que, na visão deles, melhor representava o enredo do cordel. No momento de elaborar o desenho, os estudantes foram orientados a afundar a ponta do lápis no isopor para fazer a “impressão” do desenho. Outro aspecto importante que fez parte das orientações foi adverti-los para a necessidade de tomar cuidado ao escrever, pois as letras ficam invertidas quando se vai fazer a “impressão” da imagem no isopor. Veja o exemplo:



[http://obviousmag.org/archives/2014/02/tecnica\\_de\\_como\\_fazer\\_xilogravura\\_com\\_isopor.html](http://obviousmag.org/archives/2014/02/tecnica_de_como_fazer_xilogravura_com_isopor.html)

Depois dessas etapas, os alunos viraram o isopor na folha de papel e fizeram pressão sobre a placa para transferir o desenho. Precisa retirar o isopor com cuidado para não borrar o desenho. Esperaram secar e ficou pronto. Vejam um exemplo:



[http://obviousmag.org/archives/2014/02/tecnica\\_de\\_como\\_fazer\\_xilogravura\\_com\\_isopor.html](http://obviousmag.org/archives/2014/02/tecnica_de_como_fazer_xilogravura_com_isopor.html)

Na continuidade das atividades, a turma montou o folheto de cordel com a capa e no dia do recital de poesia, esses cordéis foram colocados na entrada do anfiteatro onde foi realizado o recital.

Apresentamos a seguir, exemplos de cordéis produzidos por estudantes do 4º ciclo. Vejam:

### **Branca De Neve**

Era uma vez uma princesa  
Que vivia a cantar  
Sempre fazia isso  
Para sua aldeia encantar  
A rainha então foi ao espelho  
Para lhe perguntar.

"Quem é a mais bela do castelo?"  
E ele afirmou  
Que chamava-se Branca De Neve  
E a rainha magoou  
Chamou o caçador  
E uma ordem ela deu.

Tire a vida dessa princesa  
Que a mais bela serei eu  
O caçador foi ordenado  
Mas não obedeceu.  
Os amigos da aldeia  
Encontraram Branca De Neve.

Um feitiço a rainha preparou  
A princesa se enganou  
A maçã envenenada  
A deixou desmaiada  
Ao ver a princesa dormindo  
O príncipe logo a beijou.

Ao sentir esse beijo  
Branca De Neve se acordou  
Os dois muito apaixonados  
Viveram felizes um bocado  
Dali à diante  
Foram sempre apaixonados.

Giulia e Maria Eduarda – 8º ano/2017

Essa dupla retextualizou a história da Branca de Neve porque, na época do desenvolvimento das atividades com a poesia de cordel, duas estagiárias do Curso de Graduação em Literatura

da Universidade Federal de Uberlândia/Ileel/UFU estavam desenvolvendo oficinas com a turma sobre o revisionismo nos contos de fadas, as autoras desse cordel, então, ficaram empolgadas e decidiram escrever sobre o conto “Branca de neve”.

Vejam outro exemplo:

### **Sherlock Holmes**

O seu pensamento é profundo  
Se houve melhor ninguém soube  
É o maior detetive do mundo  
Seu nome é Sherlock Holmes

Seu método é dedutivo  
Observa tudo com calma  
E com Watson seu amigo  
Encontra a pista que falta

É uma máquina pensante  
Que vê os detalhes de tudo  
E um roubo de diamante,  
Se resolve em um instante.

Pra relaxar toca violino  
E com muita habilidade  
Pois tocar o deixa tranquilo  
Para descobrir a verdade

Mas ele tem um rival  
Que entende sua arte  
Esse homem é do mal  
É o professor Moriarty

Livros quadrinhos e cinemas  
Já contaram sua história  
É em todos já foi tema  
Sua carreira de glória!

Elementar Sherlock Holmes!

No 9º ano, em função do trabalho com os contos do Edgar Allan Poe, as turmas escolheram realizar a retextualização a partir dos contos lidos ao longo do desenvolvimento do conteúdo sobre o realismo mágico. Vejam alguns textos retextualizados da turma do 9º ano:

### **Conto “William Wilson” - Edgar Allan Poe**

Preste muita atenção na história que vou contar,  
Peço que fique entre nós esse segredo a se guardar,  
Havia um rapaz com uma grande peculiaridade,  
Ele via sempre outro com sua cara, tamanho e idade,  
Os dois gostavam muito de brigar,  
Pois sempre tiveram o mesmo nome a compartilhar.

Certa noite em meio à escuridão,  
O garoto decide visitar seu vilão.  
Assim que chega lá fica incrédulo ao ver  
Que ele não é quem diz ser,  
Determinado a fugir,  
William decide para Oxford ir...

Muitos anos se passaram,  
E eles se reencontraram,  
William se surpreende ao ver que o seu vilão voltara a ser quem era,  
E teme o começo de uma guerra,  
Sendo assim, ele foge pelo mundo para não ter que encontrá-lo,  
Só não se sabe quando é que seu último suspiro será roubado.

E foi em Roma o encontro tão esperado,  
William se vê cara a cara com o seu rival,  
E todo o seu sentimento é revoltado,  
Eles apanham as espadas e se preparam para o confronto final,  
Com um movimento William dá o seu golpe fatal,  
E percebe que o tempo todo era ele o seu próprio mal...

Maria Clara Alves Matos – 9º ano/2017

### **Conto “O mistério de Marie Roget” – Edgar Allan Poe**

Sobre uma moça assassinada  
Que após dias não encontramos nada

Fomos eu e Dupin seguir pistas  
De um mistério sem fim seríamos analistas.  
Nas margens do Rio Sena  
Encontraram pertences de uma garota pequena

Gritos ouvidos por amigos distintos  
Roupas rasgadas sem nenhum sentido  
A luta com o assassino fora motivo  
Para tal desfeita com a vida da menina

O afogamento antes investigado  
Fora finalmente solucionado.  
Mas o assassino procurado  
Jamais foi encontrado.  
Gabriela Rodrigues e Thalita Segalla – 9º ano/2017

### **Conto “O Barril de Amontillado” – Edgar Allan Poe**

Na Itália havia dois homens  
obcecados por vinhos  
um deles era Fortunato  
que sofreu uma vingança  
pelo narrador  
que foi muito injustiçado.

Em uma tarde de carnaval  
o narrador chamou Fortunato  
para provar seu vinho mais saboroso  
que se localizava na catacumba de seu castelo tenebroso  
lugar onde eram guardados corpos mortos  
nas tumbas úmidas daquele lugar escabroso.



Chegando lá  
eles beberam muito  
Fortunato ficou bêbado  
mas estava muito contente.  
O narrador, por sua vez, aproveitou  
e o prendeu com correntes



Após esse acontecimento o narrador o emparedou  
a vingança que ele tanto queria  
finalmente se concretizou.  
Essa vingança foi muito forte e  
Fortunato ali ficou  
até o momento de sua morte.

Lucas Caixeta e Christyann Messala – 9ºano/2017

Os estudantes apresentaram certa dificuldade para elaborar o poema de cordel, principalmente em função da métrica exigida por tal gênero, mas após a revisão da primeira versão escrita feita pelas professoras, a maioria conseguiu. Analisando esses poemas apresentados, percebemos que as duplas conseguiram estabelecer coerência textual à medida que construíram os personagens e o enredo do cordel.

Além disso, observamos que os poemas possuem conexão sequencial, pois na primeira estrofe, eles apresentam os personagens; em seguida as complicações e conflitos e, finalmente,

o desfecho, ou seja, ficou patente que eles conseguiram assimilar os elementos peculiares de uma narrativa.

Outros aspectos que mostram que houve uma relação de implicação com a escrita do cordel, contidos nesta produção textual, estão representados pela presença de recursos macroestruturais de ordem semântica<sup>2</sup>. Além de os alunos se preocuparem em apresentar um título coerente com o assunto abordado, o poema contém todos os elementos da narrativa. Outro cuidado que as duplas tiveram ao escrever o poema foi em relação à estrutura do poema de cordel, o mesmo número de versos em cada estrofe, a presença de rimas, importante recurso para a musicalidade e a cadência dos versos.

### **Considerações finais**

Diante do acima exposto, cabe-nos agora fazer algumas considerações sobre o projeto desenvolvido. Ao desenvolver o presente artigo, mostramos que o trabalho com a poesia de cordel é uma possibilidade metodológica eficaz para o ensino da leitura e escrita, levando em consideração a riqueza da poesia de cordel tanto em relação a sua estrutura como em relação às temáticas que são abordadas e à variação linguística.

Durante as discussões dos textos que foram realizadas no período de desenvolvimento do projeto, analisamos que a poesia de cordel possibilita ao aluno um diálogo mais livre com a sua imaginação, o que possibilitou com mais facilidade antecipações de expectativas e inferências para construção do sentido do texto.

Nas análises que fizemos dos poemas chamamos a atenção dos alunos para o fato de que em relação ao ponto de vista linguístico, o texto de cordel retrata características tipicamente

---

<sup>2</sup> Macroestrutura, na concepção de Van Dijk (2004), é uma estrutura subjacente abstrata: a forma lógico-semântica que representa um texto como uma unidade completa; é um constructo abstrato. Ele diz que a interpretação e a produção de um discurso só pode ser coerente, se as sentenças e os atos de fala são organizados nessa estrutura hierárquica mais alta.

nordestinas e brasileiras que denunciam uma realidade social. Por isso, esse gênero é considerado popular, suscitando, às vezes, preconceito no meio escolar, sobretudo por causa do registro linguístico predominante, que é a forma popular com que os cordelistas, ou seja, os poetas do povo, relatam seus dramas, seus sentimentos e sua forma de pensar.

Como já mencionado anteriormente, este projeto, cuja ênfase em 2017 foi para a poesia de cordel, foi realizado no âmbito do Recital de Poesias, que é um projeto desenvolvido pelos professores da área de Língua Portuguesa da Eseba/UFU.

Os professores da Área de Língua Portuguesa entendem que no momento em que os alunos são imersos no mundo da poesia, eles vão aprendendo o que é som, ritmo, rima, musicalidade e outros aspectos intrínsecos ao gênero poético que nos sensibilizam para o sentir. A poesia pode possibilitar aos alunos viajar pelo mundo da imaginação, da criatividade e também construir o seu mundo de sonhos, por meio da melodia, da arte e da linguagem.

Ao final do ano, esse trabalho de leitura, de imersão no mundo poético, de declamações e dramatizações dá visibilidade ao evento Recital de Poesias, que é o momento em que os alunos do 2º, 3º e 4º ciclos e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) socializam poemas e músicas escolhidos por eles para declamar e cantar para toda a comunidade presente no evento.

## Referências

ABREU, M. *História dos cordéis e folhetos*. Campinas, SP. Ed. Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. P. 73-108.

GOULART, C. *As práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino*. (Dissertação de Mestrado. Orientadora: Anna Christina Bentes). IEL/Unicamp, 2005.

LIMA, L.F. & GONÇALVES, J.N. A Literatura de cordel em sala de aula: uma reflexão sobre a experiência no estágio de literatura no ensino fundamental. V *ENID- Encontro de iniciação científica à docência da*

UFPB, 2015. Disponível em: <[https://editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/TRABALHO\\_EV043\\_MD1\\_SA9\\_ID1801\\_3107201513\\_3925.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/TRABALHO_EV043_MD1_SA9_ID1801_3107201513_3925.pdf)> Acesso em 07.abril.2019.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, A. C; GOULART, C. O cordel: uma proposta inter e transdisciplinar de estudo sobre o Brasil. In: *Seminário Regional de Educação Básica: Ensino, Pesquisa, Políticas Públicas*, 2017. *Anais do evento*. Uberlândia, MG, 2017, p. 71-73.

VAN DIJK. T. A. *Cognição, Discurso e Interação*. 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

VERSIANI, Z. Escolhas literárias e julgamento de valor por leitores jovens. In: PAIVA, A. et al. (Orgs.) *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007

## Material consultado

Área de Língua Portuguesa Eseba - UFU. O projeto Recital de Poesias. In: PCE- Plano curricular da Eseba. Uberlândia – Mg, 2017. P. 27-28.

## Links vídeos

Vídeo 1: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IY-cgWPojuQ>>. Acesso em 18.03.2019.

Vídeo 2: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Va4FG-uCjnk>. Acesso em 19.03.2019>.

Vídeo 3: Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=intyRegGyiw>> Acesso em 19.03.2019

Vídeo 4: Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=Pv8x3ulR9RA>> Acesso em 19.03.2019

Vídeo 5: Disponível em : < <https://www.youtube.com/watch?v=oWLKs4K6yEc>>  
Acesso em 19.03.19

Vídeo 6: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=npErliDE1xg>>  
Acesso em 20.03.2019

Vídeo 7: Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=LCccxRghoxk>>  
Acesso em 20.03.2019

Vídeo 8: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7fk8paMCSUE#t=200> (Acesso em 15. 05. 2017)

Vídeo 9: Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=YtzkDf\\_bciI](https://www.youtube.com/watch?v=YtzkDf_bciI)  
(Acesso em 06. 04.2019)

Vídeo 10: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lga79yTKq60>  
(Acesso em 18.05.2017)

**Além da leitura**

**Cartografias de leituras e de escrita**



4RO

## “A hora da estrela”, de Clarice Lispector

**Chaves-de-leitura:** velhice; família; relação de poder

Olá, pessoas!

No último dia 02/06, o grupo “Além da Leitura” discutiu em seu encontro o livro “A hora da estrela” (1977), de Clarice Lispector. Obra que conta a história da alagoana Macabéa contada passo a passo pelo escritor Rodrigo S.M., alter - ego da própria Clarice Lispector, de um modo que permite aos leitores buscar acompanhar o seu processo de criação.

A nossa convidada especial para esse encontro foi a professora Maria Eleuda de Carvalho, doutora em Literatura Brasileira e docente no curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína.

Primeiramente, a nossa convidada nos falou um pouco das suas opiniões sobre a obra “A hora da estrela”, pontuando o que esta obra representava para ela. Para o debate no grupo, era a terceira vez que a convidada se reencontrava com esta obra.

Nessa releitura, a convidada destacou que “A hora da estrela” é permeada de musicalidade em grande medida. Tanto que o fragmento selecionado pela convidada encontra-se na dedicatória da obra. Além disso, a convidada destacou algumas características, tais como:

- "Deboche" da autora em desdenhar da sua própria obra;
- A musicalidade dentro da dedicatória;
- Indecidibilidade

“Pois dedico esta coisa aí ao antigo Schumann e sua doce Clara que são hoje ossos, ai de nós. Dedico-me a cor rubra e escarlata como o meu sangue de homem em plena idade e portanto dedico-me a meu sangue. Dedico-me sobre tudo aos gnomos, anões, sílfides e ninfas que me habitam a vida. Dedico-me à saudade de minha antiga pobreza, quando tudo era mais sóbrio e digno e eu nunca havia comido lagosta. Dedico-me à tempestade de Beethoven. À vibração das cores neutras de Bach. A Chopin que me amolece os ossos. A Stravinsky que me espantou e com quem voei em fogo. À “Morte e Transfiguração”, em que Richard Strauss me revela um destino ? Sobretudo dedico-me às vésperas de hoje e a hoje , ao transparente véu de Debussy, a Marlos Nobre, a Prokofiev, a Carl Orff, a Schoönberg, aos dodecafônicos , aos gritos rascantes dos eletrônicos.”

No decorrer da discussão, a convidada e outros membros do grupo fizeram alusão a outros textos literários, como “O espelho” e “A teoria do medalhão”, de Machado de Assis. A convidada também notou um elenco de títulos que estão na própria obra (A hora da estrela). Sendo alguns presentes na história como frases. A professora Eleuda fez menção a esse elenco de 12 títulos para marcar a sua “chave-de-leitura” para a obra em questão que é a: “Indecidibilidade”.

Após uma série de diálogos e interlocuções, o grupo foi demonstrando, a partir de fragmentos da obra, como “A hora da estrela” foi afetando o percurso de leitura de cada membro, que foi sendo partilhado de forma deleitosa.

### **Fragmentos da obra “A hora da estrela”, para apreciação dos leitores.**

“Ela sabia o que era desejo – embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso, que subia do baixo ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía. Ficava então meio nervosa e Glória dava água com açúcar.”

Macabéa - “Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe havia morrido os pais de febre ruim no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas.

Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo.”

“Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça.

Desculpai-me essa morte”

Esperamos que vocês tenham apreciado os pontos desse encontro.

Postado por [Além da Leitura](#) às 19:04



2

**“Pai contra mãe” e “Missa do galo”,  
de Machado de Assis**

**Chaves-de-leitura:** Sobrescritos do amor (no conto “Pai contra mãe”) e O silêncio como mecanismo de sedução (no conto “Missa do galo”)

Olá, pessoas!

Este mês, as obras escolhidas são de Machado de Assis, em comemoração ao seu aniversário de 178 anos.

No dia 23 de junho de 2017, o grupo "Além da Leitura" reuniu-se tendo como convidada a professora Naiane Vieira dos Reis, doutoranda do programa de Pós-graduação em Letras e Literatura da UFT, com a finalidade de debater dois contos do Machado de Assis, a saber: “Pai contra mãe” e “Missa do galo”.

O debate foi mediado por Bhryan Gama Barbosa, acadêmico do curso de História, da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus de Araguaína. A interlocução foi iniciada a partir de perguntas motivadoras lançadas ao grupo pelo debatedor.

A convidada destacou que o movimento de (re)leitura de Machado de Assis a levou a se deparar com a faceta sempre irônica do autor em questão. Em relação ao conto "Pai contra mãe", a convidada ressaltou que " o conto tem a narrativa do egoísmo, por cada personagem está lutando pelos seu interesse. Clara e Cândido querem ter um filho. A tia quer que não seja ameaçada a sua situação financeira."

A convidada em interlocução com o grupo, fez algumas incursões nos contos, destacando alguns pontos:

- A crueldade humana no conto "Pai contra mãe";
- A fidelidade da personagem "Conceição" no conto "Missa do galo";
- A resistência da escrava no conto "Pai contra mãe";
- O silêncio como mecanismo de sedução entre "Conceição" e "Sr. Nogueira" no conto "Missa do galo".

### **Alguns fragmentos das obras para apreciação dos leitores:**

"No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona. -- Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus". ("Pai contra mãe")

"O amor traz sobrescritos." ("Pai contra mãe")

"A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folhade-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras." ("Pai contra mãe")

"--Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser". ("Pai contra mãe")

"E não saía daquela posição, que me enchia de gozo, tão perto ficavam as nossas caras." ("Missa do galo")

"Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir." ("Missa do galo")

"O teatro era um eufemismo em ação." ("Missa do galo")

"Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre." (Missa do galo)

Postado por [Além da Leitura](#) às 20:31



## “O cortiço”, de Aloísio de Azevedo

**Chave-de-leitura:** a exploração do homem pelo homem

Olá, pessoas!

No último dia 30/07/17, o grupo " Além da Leitura" discutiu em seu encontro o livro "O Cortiço", de Aluísio Azevedo.

Esse autor pertencente ao movimento naturalista, na obra citada trabalha a essência humana usando como instrumento a aglomeração de diversas classes sociais em uma habitação coletiva, buscando explorar a própria degradação humana.

O debate foi mediado por Edmaira Eduardo da Silva, acadêmica do curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins / Câmpus Araguaína.

A primeira interlocução foi feita a partir da construção do Cortiço e do papel ambíguo desse cenário de contrastes sociais: o cortiço como espaço, local onde se passa a história e o cortiço como personagem principal.

Logo em seguida, os participantes discutiram outros pontos como:

- A rivalidade entre João Romão e Miranda (Burguesia contra Nobreza).
- O desenvolvimento dos personagens.
- A caracterização imaginária da identidade brasileira e a contraposição da identidade portuguesa.
- A visão negativa do ser humano.
- Os temas polêmicos presentes na obra.
- O surgimento das favelas.
- Considerações finais sobre a obra.

## **Alguns fragmentos da obra “O Cortiço”, para apreciação dos leitores:**

" E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco."

" Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas."

"Não era a inteligência nem a razão o que lhe apontava o perigo, mas o instinto, o faro sutil e desconfiado de toda fêmea pelas outras, quando sente seu ninho exposto."

" O rumor crescia, condensando-se; o zum-zum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra."

Postado por [Além da Leitura](#) às 10:45



## “O conto da ilha desconhecida”, de José Saramago

**Chaves-de-leitura:** persistência e desejos

Olá, pessoas!

No dia 17 de Outubro de 2017, o grupo “Além da Leitura” se reuniu para mais um encontro/ debate; desta vez a obra apreciada foi 'O Conto da Ilha Desconhecida', do autor (escritor) contemporâneo José Saramago.

Autor de uma escrita muito peculiar (particular), Saramago foi um importante escritor português, ganhador de vários prêmios importantes, entre eles o Prêmio Nobel de Literatura e o Prêmio Camões. A partir das diferentes perspectivas de leitura, somos levados a propor aproximações de temáticas do cotidiano com a obra em questão. Encontramos temáticas que abordam uma feroz crítica da desigualdade social.

O debate foi mediado por Luís Eduardo Vitor de Castro, acadêmico do 8º período do curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins / Câmpus Araguaína.

A interlocução se deu a partir das inferências dos participantes a respeito do título do conto, o que serviu de mote para a discussão de como os participantes elegem uma obra para leitura própria, na qual foram levantados pontos como as características "extraliterárias" tais como: o título; sinopse da 4ª capa; editora; o resumo (comentário) da orelha etc.

Logo em seguida, os participantes discutiram outros pontos como:

- A força da personagem feminina (mulher da limpeza) na narrativa;
- O egoísmo do Rei;

- A persistência do protagonista (homem do barco) em busca dos seus sonhos;
- O barco como instrumento de efetividade dos sonhos;
- O que seria a Ilha Desconhecida para cada participante;
- A hierarquia de poder falha no castelo do Rei;
- O desejo como um dos temas principais no conto.

Alguns fragmentos da obra para apreciação dos leitores:

“Acordou abraçado à mulher da limpeza, e ela a ele, confundidos os corpos, confundidos os beliches, que não se sabe se este é o de bombordo ou o de estibordo. Depois, mal o sol acabou de nascer, o homem e a mulher foram pintar na proa do barco, de um lado e do outro, em letras brancas, o nome que ainda faltava dar à caravela. Pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma”

“Homem do barco: Sim, às vezes naufraga-se pelo caminho, mas se tal me viesse a acontecer, deverias escrever nos anais do porto que o ponto a que cheguei foi esse.

Capitão: Queres dizer que chegar, sempre se chega. Homem do barco: Não serias quem és se não o soubesse já”

“Homem do barco:

Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós.

Mulher da limpeza: Se não saímos de nós próprios, queres tu dizer.

Homem do barco: Não é a mesma coisa.”

“Homem do barco: Se não saís de ti, não chegas a saber quem és. Mulher da limpeza: O filósofo do rei, quando não tinha que fazer, ia sentar-se ao pé de mim, a ver-me passar as peúgas dos pajens, e às vezes dava-lhe para filosofar, dizia que todo o homem é uma ilha, [...]”



## “Dom Casmurro”, de Machado de Assis

**Chaves-de-leitura:** persistência e desejos

Olá, pessoas!

No dia 10 de novembro de 2017, o grupo “Além da Leitura” reuniu-se para mais um compartilhamento de leitura. Desta vez, a obra contemplada foi o grande clássico da literatura brasileira, “Dom Casmurro”, do escritor realista Machado de Assis (1839-1908).

A conversa foi mediada por Jéssika Lourrane Sirqueira Leal, acadêmica do 8º período de Letras/ Português, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus universitário de Araguaína/Unidade Cimba.

Neste dia, contamos com a presença do professor e escritor Orestes Branquinho Filho e do também professor e escritor José Fernandes Concesso. Destacamos que ambos são escritores participantes da Academia de Letras de Araguaína (ACALANTO).

Também houve uma performance realizada por Andreia Leodoro de Andrade, aluna do Curso de Letras/português. A partir do livro em foco, a referida aluna montou o monólogo da personagem Capitu.

"Aqui eu, Capitu, vista através de Bentinho como olhos presenteados pelo Diabo, olhos de cigana oblíqua e dissimulada, com essa descrição não há de reparar se algum dia fui injustiçada?

Ah! Pobre Bentinho com o seu coração e mente enciumado reside sombriamente a face de Hiago e como se não fosse muito, criara ilusões na sua cabeça, fazendo um pré- pensamento, um

juízo, como um louco juiz já bate o martelo, o olho assustado vendo a personalidade de Otelo.

Sofro com essa injustiça, com esse desatino que pouco a pouco vejo as parcas traçarem meu destino. Onde está o homem no qual me entreguei? Louco? Nosso matrimônio aah me da pena! Pois ao seus olhos sou vista como a própria Helena, não pela beleza ou sua Glória mas sim como a Helena causadora da queda de Tróia [...]”

Logo após a apresentação, a mediadora pediu para que os convidados e participantes descrevessem as suas experiências enquanto leitores e como apreciadores da leitura da obra Dom Casmurro. Por meio destes relatos destacamos os seguintes pontos:

- O autor começa pelo fim, para dizer o início da história;
- Incógnita sobre a traição;
- Ciúmes obsessivo de Bentinho;
- A história narrada em 1º pessoa;
- Intertextualidade com Otelo;
- A intenção do autor é não deixar claro algumas lacunas, para que o leitor possa tirar suas próprias conclusões.

Alguns fragmentos para apreciação do leitor:

"A alma é cheia de mistérios"

"Se a felicidade conjugal pode ser comparada a sorte grande, eles tiraram no bilhete comprado da sociedade"

"Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem"

"Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada"



## **“Somos todos extraordinários”, de Raquel Jaramillo Palácio**

### **Chave-de-leitura:** superação

Olá, pessoas!

No ano de 2017, no dia 04 de Dezembro, o grupo "Além da Leitura" reuniu - se para mais um encontro, com o foco no compartilhamento de leitura em torno da obra 'Extraordinário', da autora americana Raquel Jaramillo Palácio (2013).

Com uma linguagem acessível, a obra descreve momentos comoventes e descontraídos a partir dos olhos de um garoto de dez anos de idade, cujo personagem tem como nome August Pullman, que está presente em todo o percurso da narrativa. O enredo ainda traz à tona as temáticas da superação e da quebra de paradigmas, e de preconceito com o diferente.

A interlocução se deu a partir das inferências dos participantes a respeito de suas perspectivas quanto aos personagens e suas implicações em torno da personagem principal.

### **Alguns fragmentos para apreciação do leitor:**

"Os preceitos do Sr. Browne:

#### **SETEMBRO**

Quando tiver que escolher entre estar certo e ser gentil, escolha ser gentil. – Dr. Wayne W. Dyer"

#### **OUTUBRO**

Seus feitos são seus monumentos. – Inscrição em uma tumba egípcia"

**NOVEMBRO**

Não tenha amigos que não estejam à sua altura. – Confúcio"

**DEZEMBRO**

*Audentes fortuna iuvat.* (A sorte favorece os bravos.) – Virgílio"

**JANEIRO**

Nenhum homem é uma ilha. – John Donne"

**FEVEREIRO**

É melhor saber algumas perguntas do que todas as respostas. – James Thurber"

**MARÇO**

Palavras gentis não custam muito, e ainda assim conquistam muito. – Blaise Pascal"

**ABRIL**

O que é belo é bom, e o que é bom em breve será belo. – Safo"

**MAIO**

Faça todo o bem que puder, De todas as maneiras que puder, De todas as formas que puder, Em todos os lugares que puder, Em todos os momentos que puder, A todas as pessoas que puder, Sempre que puder. – Regra de John Wesley"

**JUNHO**

Apenas siga o dia e busque o sol! – The Polyphonic Spree, "Light and Day"

Postado por [Além da Leitura](#) às 07:54



CIRO

## “O quinze”, de Rachel de Queiroz

**Chave-de-leitura:** conflitos humanos

Olá, pessoas!

“O Quinze” é uma leitura de sensações!

No dia 20 de Março de 2018, o grupo "Além da Leitura" reuniu-se para mais um compartilhamento de leitura. Desta vez, a obra contemplada foi 'O Quinze', de Rachel de Queiroz.

Neste dia, o grupo dirigiu - se ao colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, a convite da direção do colégio e da biblioteca, visando à apresentação do projeto, como forma de incentivo à leitura.

Com uma linguagem acessível e atual, a autora trabalha em sua narrativa com a linguagem e os dizeres nordestinos, mas de forma leve, mesmo tratando de temáticas tão pesadas, como é o caso da seca, da miséria e diferentes conflitos humanos.

O debate foi mediado por Felipe Pereira Maranhão, acadêmico do 7º período do curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins / Câmpus de Araguaína. O mediador - participante foi lançando perguntas de modo que os participantes dialogassem contribuindo com suas leituras.

Por meio desses diálogos, o grupo destacou os seguintes pontos:

- A corrupção do governo;
- Relações dos personagens com a religião (crenças);
- O papel da mulher na sociedade;
- O percurso de personagem na narrativa;

- Foco na seca e na miséria e como elas afetam os personagens, o que não significa dizer que não há saída para cada um deles a seu modo.

### **Alguns fragmentos para apreciação do leitor:**

"E antes de se erguer, chupou os dedos sujos de sangue, que lhe deixaram na boca um gosto amargo de vida."

"Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude."

"CHEGOU a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas."

"CONCEIÇÃO passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazarentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia."

Postado por [Além da Leitura](#) às 09:27



4RO

**“Laços de família”, “Feliz aniversário”, “O jantar” e  
“O crime de um professor de matemática”,  
de Clarice Lispector**

Olá, pessoas!

No dia 16 de maio de 2018, o grupo " Além da Leitura" reuniu-se para mais um compartilhamento de leitura.

Nesta ocasião, retornamos ao Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes a convite da direção do Colégio e da Biblioteca, para contemplarmos os contos de Clarice Lispector: " Laços de família", "Feliz Aniversário", " O Jantar" e " O Crime de um professor de matemática".

Desta vez, os diálogos e relatos de experiência de leitura foram compartilhados entre participantes do grupo e alunos do Colégio, que apreciaram e comentaram os contos lidos.

A conversa foi mediada por Felipe Pereira Maranhão e Débora Aparecida da Silva Carvalho, ambos acadêmicos do 7º período do curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Câmpus Cimba.

Por meio desses diálogos, o grupo destacou os seguintes pontos:

- A família e o cotidiano;
- A complexidade da natureza humana;
- As relações frágeis e superficiais no âmbito familiar;
- O cuidado e o respeito;
- A(s) problemática(s) da velhice;
- As relações de poder e de empoderamento feminino;
- Olhar o outro e, ao mesmo tempo, olhar para si mesmo;
- A sensação de identificação com os contos;

- As projeções de leitura e de interpretação feito por meio dos títulos dos contos.

### **Alguns fragmentos dos contos para apreciação do leitor:**

"Agora estou bem certo de que não fui eu quem teve um cão. Foste tu que tiveste uma pessoa." "Mas possuíste uma pessoa tão poderosa que podia escolher: e então te abandonou".

*O Crime de um professor de matemática*

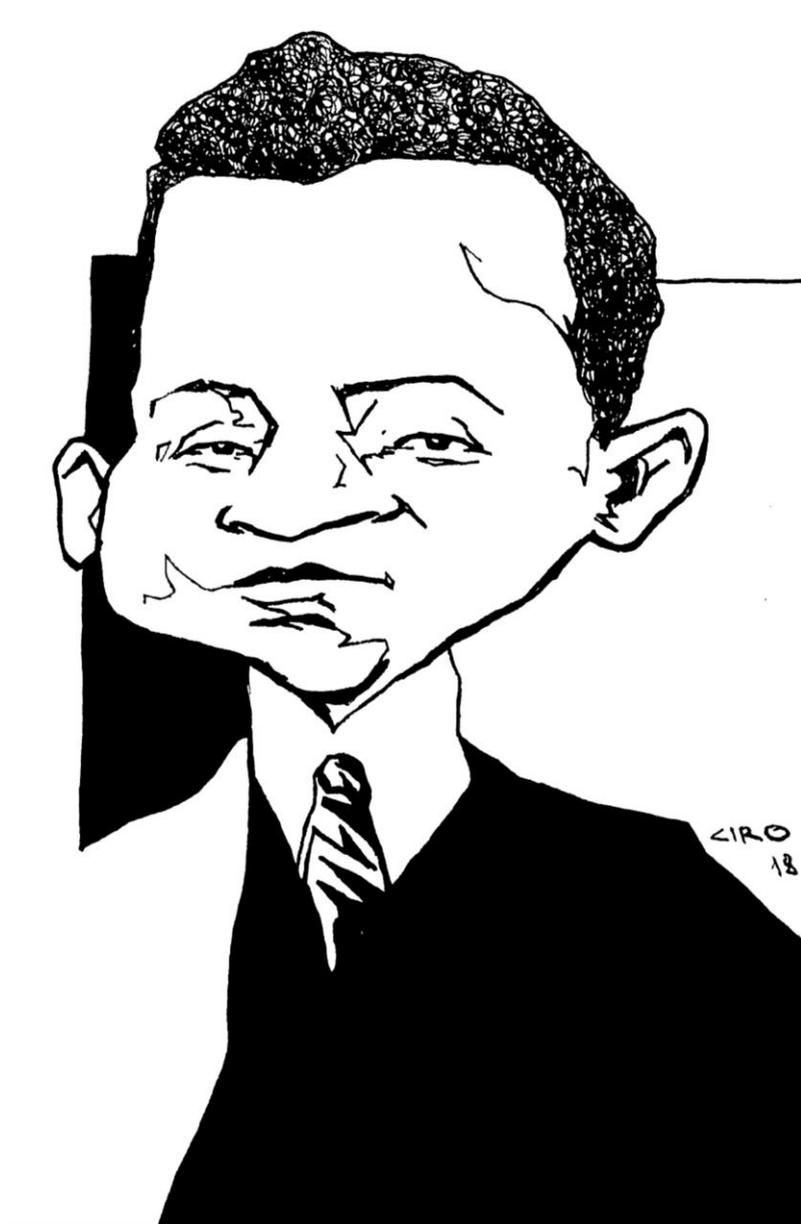
"A última luz da tarde estava pesada e abatia-se com gravidade sobre os objetos. As areias estalavam secas. O dia inteiro estivera sob essa ameaça de irradiação. Que nesse momento, sem rebentar, embora, se ensurdecia cada vez mais e zumbia no elevador ininterrupto do edifício. Quando Catarina voltasse eles jantariam afastando as mariposas. O menino gritaria no primeiro sono, Catarina interromperia um momento o jantar... e o elevador não pararia por um instante sequer?! Não, o elevador não pararia um instante. - "Depois do jantar iremos ao cinema", resolveu o homem. Porque depois do cinema seria enfim noite, e este dia se quebraria com as ondas nos rochedos do Arpoador".

*Laços de família*

"Mas eu sou um homem ainda. Quando me traíram ou assassinaram, quando alguém foi embora para sempre, ou perdi o que de melhor me restava, ou quando soube que vou morrer - eu não como. Não sou ainda esta potência, esta construção, esta ruína. Empurro o prato, rejeito a carne e seu sangue."

*O Jantar*

"E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado - sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa". *Feliz Aniversário*



## 9

### “Triste fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto

#### **Chave-de-leitura:** política

Olá, pessoas!

Nós últimos meses, o grupo Além da Leitura, a fim de expandir os círculos de leitura, transpassaram novamente os muros da universidade, dirigindo-se, desta vez, as instituições de ensino de todos os níveis, passando pela UNITPAC, a Escola Norte Goiano e a Escola Vila Nova. Falamos, em nossos diversos encontros, de leitura, de leitor e, principalmente, de literatura.

Neste último encontro, contemplamos a obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, do Romancista brasileiro Lima Barreto. A leitura dessa obra se mostra ainda muito atual, principalmente por todos os acontecimentos nacionais que vivenciamos nesse período.

Desta vez, antes de partirmos diretamente para as impressões sobre a leitura em destaque, nós participantes do projeto optamos por compartilhar, brevemente, o nosso percurso, como leitores em formação, atribuindo, geralmente, as inspirações de leitura a pessoas próximas que nos incentivaram a desbravar esse mundo de mistérios, de alegrias, de tristezas que é a leitura.

Nesse encontro, os alunos da escola fizeram-se presentes, contribuindo com suas impressões e as leituras da obra em questão e, juntos, levantamos os seguintes apontamentos, tomados, por nós, como chaves de leituras:

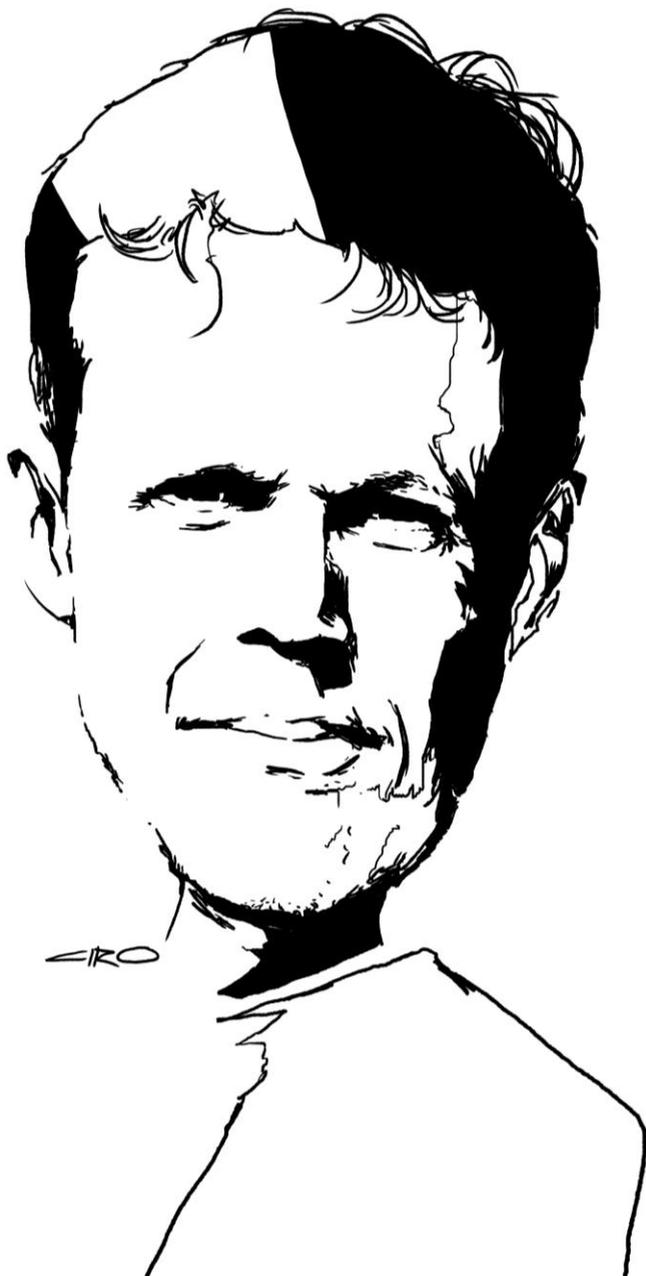
- A contemporaneidade da obra que ainda se faz tão marcante na sociedade de hoje;

- A desvalorização da cultura e das riquezas nacionais;
- A valorização da cultura estrangeira;
- Temáticas políticas.

Alguns fragmentos da obra para apreciação do leitor:

- “Quem uma vez esteve diante deste enigma indecifrável da nossa própria natureza, fica amedrontado, sentindo que o gérmen daquilo está depositado em nós e que por qualquer coisa ele nos invade, nos toma, nos esmaga e nos sepulta numa desesperadora compreensão inversa e absurda de nós mesmo, dos outros e do mundo. Cada louco traz em si o seu mundo e para ele não há mais semelhantes: o que foi antes da loucura é outro muito outro do que ele vem a ser após” (p. 57)
- "Não estava ali a terra boa para cultivar e criar? Não exigia ela uma árdua luta diária? Por que não se empregava o esforço que se punha naqueles barulhos de votos, de atas, no trabalho e no fecundá-la, de tirar dela seres, vidas – trabalho igual ao de Deus e dos artistas? Era tolo estar a pensar em governadores e guaribas, quando a nossa vida pede tudo à terra e ela quer carinho, luta, trabalho e amor..." (p. 73)
- “Para Dona Adelaide, a vida era coisa simples, era viver, isto é, ter uma casa, jantar e almoço, vestuário, tudo modesto, médio. Não tinha ambições, paixões, desejos. Moça, não sonhara com príncipes, belezas, triunfos, nem mesmo um marido." (p. 93)
- "Mas, como é que ele tão sereno, tão lúcido, empregara sua vida, gastara o seu tempo, envelhecera atrás de tal quimera? Como é que não viu nitidamente a realidade, não a pressentiu logo e se deixou enganar por um falar ídolo, absorver-se nele, dar-lhe em holocausto toda a sua existência? Foi o seu isolamento, o seu esquecimento de si mesmo; e assim é que ia para a cova, sem deixar traço seu, sem um filho, sem um amor, sem um beijo mais quente, sem nenhum mesmo, e sem sequer uma asneira!" (p. 235)

Postado por [Além da Leitura](#) às [05:10](#)



## “A morte do Bordado”, de JJLeandro

**Chave-de-leitura:** morte

Olá, pessoas!

No dia 18 de setembro de 2018, o grupo “Além da Leitura” se reuniu para mais um encontro/ debate, com o Escritor e Jornalista JJ. Leandro. Desta vez a obra apreciada foi 'A morte no Bordado'.

Autor de uma escrita muito peculiar (particular), JJ. Leandro jornalista e escritor. Autor dos livros, Quase Ave (poesia), Babaçulândia (História), A Morte no Bordado (Romance) e Memórias de Petelico (romance, no prelo) é um importante escritor maranhense, reside em Araguaína desde 1990.

Já recebeu outras duas premiações com seus livros: do Instituto Goiano do Livro como poeta inédito no Concurso Cora Coralina em 2002 e da Bolsa de Publicações Maximiano da Mata Teixeira em 2009 com A Morte no Bordado.

O debate foi mediado por Felipe Maranhão, acadêmico do 8º período do curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins / Câmpus Araguaína. Também contamos com a presença do escritor e poeta Orestes Branquinho Filho e o Professor e bibliotecário João Batista Carneiro.

A interlocução se deu a partir das inferências dos participantes a respeito do título do conto, qual foi sua inspiração para tornar – se escritor, sobre o tema para ele e o que tornou relevante sua escrita, entre outros assuntos.

Palavras do autor:

## Para o escritor J.J. Leandro “A leitura e a literatura caminham lado a lado”.

- O que o inquietou e o que o motivou para tornar – se escritor: foram as histórias que ouvia em sua cidade, das pessoas mais velhas e os acontecimentos da sua vida.
- “Literatura é comunicação”.
- A Morte no Bordado: é a expressão da própria sociedade temas que não são triviais ou comumente usados na literatura uma história mais informal do cotidiano.
- A história é a opressão contra a mulher. Ele acredita que sua narração aconteceu no século XX.
- A literatura é importante ser vista de diversos ângulos e viés não trabalhar só cânones, mas também com a contemporaneidade que alcance temas atuais.
- Ele não é do Pará e sim como ele diz “das barrancas do Tocantins”, e suas histórias são do povo de lá.
- Sua concepção de temas de livros é bem complexa, tem o costume de anotar vários temas e abrir várias pastas em seu computador e depois começa a escrever.
- Gosta de escolher nomes de personagens que tragam algum significado ou tenham algum impacto, nomes simples e de fácil acesso, nomes curtos e que possa trazer familiaridade, quanto a morte no livro ele considera como uma válvula de escape.

### **Alguns trechos da obra:**

“Ricoleta tinha muito medo de se tornar uma nova dona Carmen. Não o confessara à mãe por pena de acusar-lhe o fracasso. Mas era o que a fazia ter calafrios.

Estava decidida a ficar em Itaoca. Ainda que isso representasse um passo na direção da materialização de seu medo. Ficaria. E não para resgatar o seu casamento ou salvar as aparências - que não tinha mais ilusões com isso. Quiçá para urdir uma vingança. Se as promessas de felicidade frustraram-se, vingar-se-ia de quem lhe causara esse infortúnio. O que lhe restava na vida senão isso?" pg. 112-113

“Adalgisa limpava com Cleó o grande salão após o almoço. Algumas meninas lavavam roupas e louças na beira do rio, e outras passavam roupa a ferro em brasa no final do corredor”.

Postado por [Além da Leitura](#) às [10:39](#)



## **“Soroco, sua mãe, sua filha” e “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa**

**Chave-de-leitura:** loucura; solidão

Olá, pessoas!

O Grupo “Além da leitura” reuniu-se no dia 25 de setembro de 2018 para o último debate de leitura do grupo, tendo como convidada a professora Dr. Janete Silva dos Santos, docente da Universidade Federal do Tocantins, do curso de Letras (Licenciatura) e do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL). A finalidade do encontro foi debater dois contos do Guimarães Rosa, a saber: “Sorôco, sua mãe, sua filha” e “A terceira margem do rio.”

O debate foi mediado por Felipe Maranhão, acadêmico do curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus de Araguaína. A interlocução foi iniciada a partir de perguntas lançadas à professora e ao grupo.

A convidada destacou que a presença da oralidade está registrada na linguagem do autor. Ela ressaltou que “Guimarães Rosa se destaca mais na criatividade, ele criou sua forma, sua linguagem. O trabalho que ele faz com a linguagem é o diferencial dele”. Em relação ao conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, a convidada ressaltou que o trem do conto para ela é muito significativo, pois lembrou uma de suas próprias narrativas, na qual “O trem é personagem principal e que ninguém teve essa leitura antes.”, e que, no conto de Guimarães, “Quando o trem sai, tem um sentimento de partida e dor.”. “O trem leva tudo dele.” Em

relação ao conto “A terceira margem do rio”, a professora ressaltou que, “por conta das experiências de vida que eu vivenciei, a terceira margem é uma metáfora. Não se pode explicar.” Em seguida ela acrescenta “A fêmea é quem regia, numa sociedade machista.”

A convidada, em interlocução com o grupo, fez algumas incursões nos contos, destacando alguns pontos:

- “A sanidade de Sorôco dependia da loucura das duas. E com os amparos que desaparecem no trem essa sanidade acaba e dá a entender que ele também ficou louco”;
- “Essas coisas que estão ocultadas no conto “A terceira margem do rio” significa o silêncio.” “Não aparece detalhes”;
- “Ele faz esse tipo de fuga.” “É o único momento de reger a si mesmo” no conto “A terceira margem do rio.”

O grupo destacou os seguintes pontos:

- “O trem pode representar modernidade” “Lá na frente pode levar o homem à solidão e à loucura” no conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”;
- “Solidão no sentido de não ter passado e nem futuro, a mãe e a filha foram embora” no conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”;
- “Uma carga de sentimentos.” “Sentimento de solidão” no conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”;
- “Pobreza” “O vagão tinha grades, a família não tinha condições de pagar a primeira classe” no conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”;
- “A vertente é a necessidade de se manter longe” no conto “A terceira margem do rio”;
- “O autoconhecimento para entender a si mesmo” no conto “A terceira margem do rio”;
- “O filho está disposto a traçar o caminho do pai” no conto “A terceira margem do rio.”

Postado por [Além da Leitura](#) às [04:30](#)



## Relatos em foco

### Andréia Leodoro



De todas as competências culturais, ler é, talvez, a mais valorizada entre nós. Em nossa sociedade, a presença da leitura é sempre vista de maneira positiva e sua ausência de maneira negativa. Inúmeros são os programas e as ações destinadas a erradicar o analfabetismo, com este verbo mesmo, pois não saber ler é uma praga e o analfabeto uma espécie que ninguém lamenta a extinção. De um adulto, aceita-se o fato de não saber realizar com os números as quatro operações, afinal na hora do aperto há sempre uma calculadora à mão, mas não a falta da leitura

Rildo Cosson

Analisando de um panorama mais pessoal, o projeto *Além da Leitura* foi e continua sendo um impacto (no melhor sentido da palavra) bastante significativo para o molde do meu processo como leitora, pois, ao ler obras que víamos ligeiramente ao longo do período escolar, mostrou-nos um novo horizonte, uma nova interpretação em relação à narrativa. Um exemplo foi a experiência

de ler novamente *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, há mais de cinco anos, quando me encontrava no 3º ano do Ensino Médio, e a professora nos incumbiu de lermos a obra e, a partir dessa leitura, fazer uma resenha no valor de 3,0 pontos. Na época, eu não soube aproveitar e apreciar a obra como fiz ao longo do projeto. É um fato que o ato de ler é sempre algo renovador e que, ao fazermos um *remake* de uma obra já lida, esse ato abre vários questionamentos em torno não só do campo da Literatura, mas da Sociologia, da Filosofia, da História, etc. É algo interligado, e saber associar todas essas esferas importantes para a compreensão da obra é algo esplêndido, que agora tenho o deleite de apreciar etapas por etapas, neste projeto, tão essencial a ser mantido na Universidade.

Um dos pontos mais importantes do projeto *Além da Leitura* é o fato da liberdade que nós participantes temos para explorar a obra, é dado um prazo para realizar a leitura, fazer as anotações para o debate e elaborar questionamentos e levantar pautas importantes que cada um poderá fazer, expondo-as para os participantes nos momentos de compartilhamento de leitura; descrevendo dessa forma parece ser algo tão técnico e objetivo, mas durante essa exploração particular há muitas descobertas e aventuras pelas páginas.

O outro ponto é que, ao realizar todas essas ações anteriores, é que se percebe que o projeto torna-se uma experiência bastante sociável e espontânea. A abrangência de todos os conhecimentos dos participantes é tão fantástica, traz um conhecimento de mundo: por exemplo, o participante “A” tem um grande domínio em História e sabe explicar o que se passava naquela época retratada na obra, ou o “B” que sabe destacar referências e apontar intertextualidades com obras clássicas, análises que chocam com experiências vividas, etc. Acredito que foi uma trajetória importante e essencial para cada um aprimorar mais o senso crítico e melhorar a interação leitor-obra.

## Andressa Carvalho



Olá meu nome é Andressa e, hoje, eu quero contar para você como eu me tornei leitora na infância e ao longo do projeto “Além da Leitura”. É importante dizer que eu não sou uma leitora compulsiva, gosto de ler, e a leitura para mim é um prazer como qualquer outro na minha vida.

Meus pais não têm costume de ler, mas esse fato não prejudicou a minha formação de leitora, pois, na escola, eu sempre me esforçava para ir bem. Aprendi a ler com seis anos na escola. A professora levava livros para a sala de aula e deixava expostos no cantinho em cima de uma mesa. Foi assim que eu tive o meu primeiro contato com os livros. “A casa sonolenta”, de Audrey Wood, chamou a minha atenção pelas ilustrações e como eu ainda não sabia ler, apenas, folheava. Assim, eu posso dizer que esse livro foi a minha primeira leitura.

Na infância, eu sempre lia coisas aleatórias, tinha a liberdade de explorar a biblioteca da escola e trazia livros toda semana para casa, já que eu não tinha condições de comprar. No ensino fundamental, foi a época em que eu estava descobrindo o gosto

pela leitura, eu queria experimentar de tudo e não me prendia a um único estilo.

Na faculdade, eu tive o prazer de conhecer pessoas que amam a literatura e que estão sempre lendo. E a partir daí o meu gosto pela leitura foi crescendo, porque ao conviver com elas a minha curiosidade pelos livros aumentou. Quando soube do grupo de leitura, eu quis participar por gostar de ler e para interagir mais com os colegas.

Ser participante do grupo “Além da leitura” é poder dizer a sua opinião, saber discutir sobre vários assuntos. É ouvir o outro, ter ideias parecidas ou distintas e estar entre amigos. Os debates realizados por todos integrantes e convidados são transformadores, estimulantes e alegres. Além disso, eu aprendi muito com cada fala e reflexão emocionante sobre obras ou contos que me tocou profundamente.

Ler cada obra com sua particularidade foi vivenciar experiências, conhecer outros lugares, apegar-se ou detestar personagens, descobrir um mundo maior, dialogar com vários autores e desenvolver a criticidade. Assim, minha sugestão é que se leiam bons livros para incentivar a leitura e para fomentar a formação de clubes de leitores literários e, conseqüentemente, de bons leitores.

E, para finalizar, o grupo “Além da leitura” foi essencial na minha formação acadêmica e será um exemplo de iniciativa para outros alunos e, possivelmente, amantes da literatura.

## Anne Raytielle Moura da Silva



Não tenho boa memória nem uma história muito interessante para contar; tenho uma história de leitora comum, simplificada. Comecei a ler com seis anos de idade. A escrever, com quatro anos. Isso não faz muito sentido na minha cabeça, no entanto, foi assim que aconteceu. Isso eu sei com base nos relatos de minha mãe.

Falando de minha mãe, lembro-me dela lendo para mim durante as atividades escolares, ou seja, ela sempre foi minha inspiração, meu incentivo. Mesmo com a memória tardia que tenho, lembro-me, nitidamente, da calçada que eu sentava e da cadeira que ela ficava para vistoriar as atividades. Mesmo assim, não venho de família que gosta de livros, que gosta de ler, pelo contrário, para eles é uma obrigação. Lembro-me, vagamente, da pré-escola e da professora que até os dias atuais tenho contato; ela sempre foi um exemplo, um provável caminho a ser seguindo. A estimulação, desde pequena, foi algo fundamental na minha vida. Sou imensamente grata.

O amor pela literatura rompeu minhas estruturas sem pedir licença, desde muito cedo. Felizmente, nunca vi a literatura como

obrigação, quando as professoras de português passavam livros para eu ler, no ensino fundamental ou médio, pegava com grande alegria. Às vezes, era uma forma de conseguir pegar livros nas bibliotecas das escolas, sempre tive o desejo de ler todos os livros das bibliotecas. Sempre gostei de inventar histórias, de brincar de escola, de fazer contos, de escutar histórias; “O era uma vez” sempre fez sentido na minha cabeça, com isso não me lembro de ficar reclamando dos livros recomendado pelas professoras. Ler era um incentivo para inventar; demorar para completar as leituras nunca foi um costume, ler sempre foi uma fonte de prazer.

Terminei o ensino médio em 2012, iniciei a graduação, em Letras, em 2015; Letras sempre foi um desejo. Futuramente quero contagiar meus alunos, independente do grau, a amar a leitura, a viver a literatura. Sempre fui muito tímida e calada, demorava muito a me envolver com as pessoas e, assim, a arriscar amizades. Com o surgimento do grupo "Além da leitura", pude me reformular, transformar-me e viver cada dia mais apaixonada. Não há nada mais libertador que a literatura. Muda vidas, cria pessoas. Uma forma de se reconhecer, transformar-se. De viver!!!

## Bhyan Barbosa



Trocadilhos a parte, acredito que devemos pensar no hábito de ler de uma maneira mais profunda, “Além da leitura” no seu sentido prático. Creio que a leitura forneça ao seu praticante não somente um pequeno espaço de tempo de entretenimento, mas sim ferramentas que permitam uma melhor análise de seu contexto social, cultural, político, familiar, etc. Em outras palavras, a leitura constrói um ser humano mais crítico, mais politizado, e, portanto, mais apto para intervir na sua realidade. Um exemplo que me marcou, dentre as experiências que eu tive durante o período do projeto “Além da leitura”, foi o debate proporcionado a partir da leitura da obra “O cortiço”, de Aluísio Azevedo. A partir desse livro, várias temáticas importantes foram levantadas e debatidas, como o processo de urbanização brasileiro, o embate entre “burguesia” e “nobreza”, o papel do negro naquela realidade, características de uma suposta brasilidade, como a pobreza e a violência possuem uma relação de causa e de consequência, etc. Dessa maneira, o livro estende seu significado para além de palavras escritas em folhas, convertendo-se em um instrumento de construção de sentido para a vida das pessoas.

## Débora Carvalho



“Um leitor vive vidas antes de morrer, o homem que nunca lê vive apenas uma.”

George Martin

“Além da leitura”. Esse nome foi bem apropriado para o nosso projeto, pois queríamos ser mais que um grupo de meros universitários do curso de letras da UFT/Câmpus Araguaína. Amantes de livros, diríamos, até compulsivos, por livros com uma fome voraz de ler e de compartilhar nossas leituras entre tantas outras pessoas; dizer a elas que a leitura é vida, descobertas e prazer.

Minha vida foi sempre rodeada de livros, pois a minha mãe constantemente me incentivava a ler e a estudar, era ela que me dava livros começando pelos infantis lá na pré-escola. Lembro-me dos livros que abria e tudo saltava das páginas, fora aqueles exemplares que vinham munidos de disco de vinil, para ir acompanhando a leitura.

Partindo da ideia de leitor, minha concepção é bem simples: leia e verá o mundo com outros olhos, como salientava Paulo Freire (1980, p. 23) “Vista como um instrumento de poder, a

leitura vem através dos tempos assumindo seu papel na sociedade como um instrumento político, que é o de contribuir não somente como decodificadora de signos, mas formando indivíduos críticos capazes de interpretar sua realidade”.

Ao longo do projeto, pude ver obras que jamais pensei em ler um dia, conheci pessoas incrivelmente especiais que são extraordinariamente inteligentes e capazes de mudar o mundo. Lógico que em todo e em qualquer projeto enfrentamos situações boas e ruins, creio que este não tenha havido coisas ruins e, sim, alguns pequenos contratempos que graças aos nossos coordenadores foram resolvidos.

Só sei que minha vida ficou bem mais legal com essas leituras em conjunto e foi tão gratificante que vou sentir muita saudade de estar perto dessas pessoas incríveis que fizeram parte de minha vida.

## Edmaira Eduardo da Silva



Antes de iniciar falando sobre a minha trajetória como leitora, é importante ressaltar que não possuo atributos de boa memória e que a maioria das lembranças estão fragmentadas. Ressalto, ainda, que não possuo uma história tão interessante como a dos demais colegas. Não tenho lembranças específicas de quando essa trajetória se iniciou, portanto, os relatos serão contados, de acordo com a ordem de minha memória.

Antes de falar sobre um livro em específico, aquele que me despertou o interesse da leitura, preciso compartilhar certas sensações de leitura que tive, quando criança, e que, agora, parecem-me mais intensas. Por exemplo, posso citar o fato de quando eu queria me tornar determinado personagem do livro lido ou quando não conseguia dormir, porque tinha lido uma história de terror. Lembro-me, também, da sensação de quando faltava luz e minha avó contava histórias e eu ficava imaginando nos mínimos detalhes todas as fisionomias, os aspectos das casas, as situações possíveis para tornar real o relato de minha avó.

Nessa época, minha imaginação era muito fértil e, segundo relatos de familiares, eu possuía um caderninho de histórias

autorais, que eu inventava a torto e a direito sobre inúmeras coisas que eu não me recordo, mas que minha família adorava.

O primeiro livro que me vem à cabeça e que tenho certeza de ter lido até o fim foi o livro “O homem da máscara de ferro”, que agora não me recordo o nome do autor. De todo modo, eu precisava pegar um livro para apresentar na escola e peguei esse por acaso. Lembro-me que fiquei o final de semana inteiro, envolvida com a narrativa e com a imagem de um homem preso, com uma máscara de ferro que não saía da minha cabeça. Logo, depois, coloquei como objetivo de vida ler todos os livros que possuíam na biblioteca da escola. Obviamente, não consegui realizar meu objetivo de vida.

Mas me recordo que, no ensino fundamental e médio, sempre estava na biblioteca na hora do intervalo ou depois que as aulas acabavam. Eu sempre gostei de livros como muitas folhas, porque podia passar a semana inteira lendo antes de dormir e, em umas das minhas idas até a biblioteca, eu encontrei um livro muito grande, “A menina que roubava livros”. Quando fui assinar o caderno, a bibliotecária me perguntou quem tinha sido a professora que me botou para ler aquele livro daquela tamanho e eu disse que estava pegando, porque gostava.

Até hoje eu me lembro dessa história e da cara que a bibliotecária fez, eu não entendia o porquê de a leitura, para ela, parecer obrigação, enquanto, para mim, era diversão. Os livros daquela época foram transformados em séries e em filmes, que, atualmente, eu assisto antes de dormir. Lembrei-me, também, agora, que eu tinha um sonho secreto de ser bibliotecária, só pra passar o dia inteiro lendo.

Em 2013, formei no ensino médio e, em 2014, entrei na Universidade para cursar Física e, como não me identifiquei com o curso, resolvi fazer Letras, em 2015, e, definitivamente, foi a melhor escolha.

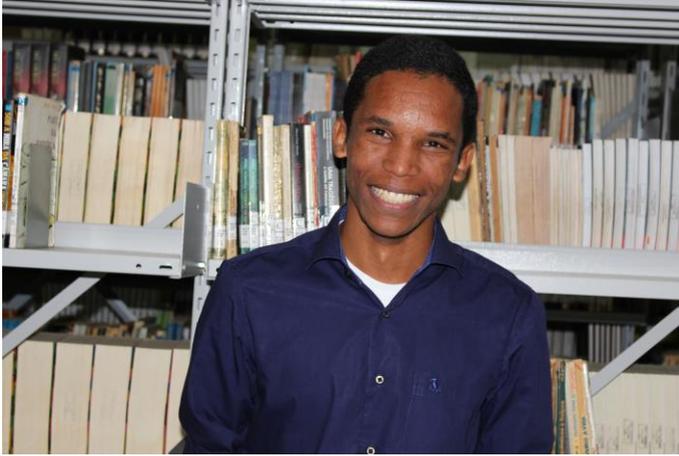
Encontrei um grupo de pessoas que, assim como eu, adoravam ler, mas que, na correria da universidade, não

conseguiam compartilhar suas leituras. Por meio dessa necessidade de compartilhamento, nasceu o projeto “Além da Leitura” e, desde então, reunimo-nos para fazermos o de que mais gostamos: ler e falar sobre nossas impressões e experiências de leitura.

Como disse no início do relato, a história não é tão interessante, mas é a minha história “não tão interessante”, que sempre, ao recordar-me, traz uma vastidão de boas memórias do tempo da minha infância. Para motivo de esclarecimento, nunca mais tive a oportunidade de reler o primeiro livro que tenho certeza de que consegui finalizar a leitura e, talvez, nunca consiga, porque quero lembrar daquela sensação que senti, quando criança.

Por fim, observando tudo com o olhar de uma mulher, hoje, com 21 anos, feminista, que durante todos esses anos foi moldando seu gosto pela leitura, só posso agradecer ao primeiro livro que consegui ler. Agradeço a minha professora a oportunidade, pois foi por meio do primeiro livro que vieram os outros.

## Felipe Maranhão



“Deixai-nos sozinhos, sem um livro, e imediatamente ficaremos confusos, vamos perder-nos; não saberemos a quem aderir, a quem nos ater, o que amar e o que odiar, o que respeitar e o que desprezar.”

Fiódor Dostoiévski

A prática da leitura é fundamental para a construção de um indivíduo com melhor senso crítico e é um importante instrumento para a sua inserção no âmbito social, cultural e econômico; uma prática elementar para o desenvolvimento e amadurecimento crítico, de qualquer cidadão, por motivá-lo para uma participação ativa e construtiva socialmente e contribuir para a sua formação ética.

Portanto, idealizar um projeto de incentivo à leitura literária e, posteriormente, de discussões coletivas fora para mim a concretização de um sonho e um dos primeiros passos para o meu amadurecimento, como leitor e acadêmico. Um trabalho que objetivou mostrar aos seus integrantes que a literatura é o melhor meio para se “remediar” as situações e/ou as adversidades da realidade e, também, para se compreender um pouco melhor os aspectos da natureza humana por meio da leitura dos textos ficcionais. Assim, privilegamos a leitura dos textos clássicos, por

acreditarmos que a literatura e os temas que a perpassam não se encerram em um determinado período literário, mas se “modifica” ao longo do tempo, continuamente, à medida que a sociedade e os seus sujeitos igualmente se modificam.

Em base individual, é notório o alargamento e o aprofundamento do meu conhecimento literário e cultural. Nossos encontro-debates e momentos de compartilhamento nos mostraram que mais importante do que o ato de ler é desenvolver um olhar crítico e sensível sobre o texto literário e que cada leitor, integrante do nosso grupo, construiu para si um universo ao se vê diante das histórias dos livros escolhidos. Cada um de nós, fez a sua “travessia individualmente”, mas respeitosamente dividimos com o(s) outro(s) os nossos sentimentos produzidos, durante o percurso de leitura.

A troca de olhares, de experiências e de usufruto da beleza de um texto literário ou da riqueza de recursos dele me proporcionaram prazer e fruição estética ao revisitar os textos pelas perspectivas dos outros participantes do grupo; aumentando a oportunidade de enriquecimento e acúmulo de experiências literárias.

A cada leitura, senti o quanto a literatura é o melhor antídoto para uma sociedade que está cada vez mais se esvaziando de conteúdo humano. Tendo ela a capacidade de engrandecer o interior do leitor e humanizá-lo, visto que somos o que somos a partir das histórias que nos contam. A leitura nos permite também construir a nossa trajetória de autoaprendizagem, pelo fato de que ela possibilita aos leitores ver e compreender a realidade de maneiras diferentes, bem como mudar a percepção sobre si mesmo e sobre aquilo que está ao nosso redor. Isso se dá justamente, por termos relacionado cada leitura com situações sociais, culturais e políticas da contemporaneidade, atualizando a obra a cada gesto de leitura.

As leituras desse projeto nos confrontaram, por explorarem as nossas dimensões mais íntimas, nossas crenças e incertezas, nossos conflitos interiorizados e expuseram nossos conceitos e atitudes diante da vida. As experiências de leitura nos tornaram leitores capazes de encarar a vida com melhores perspectivas já que “viver é perigoso”.

## Jherllison Monteiro



“E agora é hora de passar o bastão a vocês. Histórias não terminam com os escritores, por mais que eles tenham dado início à corrida. Então vamos lá. Sigamos em frente. Façamos um auê.”

Patrick Ness

Deixe-me lhe contar uma história da época em que comecei a transitar pelos mundos, vivendo muitas vidas em diferentes tempos e em vários seres. Por isso, que me sirvo do prazer da leitura de bom livro e da literatura, pois ela, como sendo uma obra de arte atemporal, nós metamorfoseia e nós transforma em pessoas conhecedoras de si mesmas e, por consequência, dos outros ao nosso redor; tornando-nos cidadãos mais críticos e conscientes de nossos papéis na sociedade.

Sendo assim, fazer parte de um grupo de incentivo à leitura e que ainda por cima é constituído por pessoas que compartilham da mesma paixão que a minha, por literatura, torna as leituras mais interessantes, pois podemos ver além de nossa própria visão, aprendendo a enxergar através dos olhos dos outros pontos e indagações, que jamais seriam percebidas ou até mesmo ignoradas.

Ajudar na idealização e na concretização desse projeto/grupo, expandiu o meu conhecimento e auxiliou o meu amadurecimento, como pessoa, que, em outras palavras, reinventou-me de um leitor ingênuo para um apreciador crítico, sensível e solidário. E, mais ainda, consciente do poder da palavra sobre a nossa existência. Reinterpretando aquele velho ditado que diz, “quem tem boca vai a Roma”, eu digo, “Quem tem um livro vai até onde os sonhos não chegam”.

A cada leitura, como nós somos seres mutáveis, assim como o tempo, somos confrontados com transformações, porque a literatura tem o poder de interrogar, de idealizar, de desestabilizar a nós leitores ao abrir a possibilidade de entendermos e vivenciarmos várias realidades. E o que é mais importante, a literatura não precisa ser lida por especialistas, mas sim pelos corajosos que não tem medo de enfrentar o inesperado e o desconhecido. Parafraseando *Telmah*, personagem de Pedro Bandeira, gosto dos livros incompletos que deixam frestas e possibilidades, para que eu possa reescrever e submergir nos delírios que é reinventar história.

Sinto-me na necessidade de agradecer a *Jules Verne*, que, na minha infância, possibilitou um mundo de viagens à lua, ao centro do planeta em aventuras no mar e nas ilhas com tesouros escondidos, que me inspiraram a ser o leitor que me tornei hoje; e ainda à literatura e ao grupo por tornar muitas tardes tediosas em momentos de risadas, de dramas, de aventuras e de reflexões. Agora, coloco em suas mãos, caros leitores, o desafio de fazer parte desse mundo de pessoas que conhecem o infinito sem sair da página de um livro.

## Thais Almeida



“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede.”

Carlos Drummond de Andrade

Inicialmente, alguns discentes do curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins/Câmpus Araguaína, que praticavam a “antropofagia” com livros literários, sentiram-se a necessidade em compartilhar suas experiências de leituras, bem como debater sobre a importância da leitura para construção do ser humano como ser pensante e crítico.

Na minha vida, os estudos sempre foram colocados em primeiro plano pelos meus pais, mas, infelizmente, venho de uma família que não tem o hábito de leitura literária. O meu contato com os livros inicialmente foi na escola, sendo motivado, notadamente, pelas minhas professoras de língua portuguesa. Elas selecionavam obras de uma determinada escola literária e nos “obrigavam” a ler, para, por fim, realizarmos um trabalho ou uma atividade sobre a obra; desencadeando, assim, para mim, um desinteresse com os livros literários.

Em meu percurso, na universidade, como estudante, fui convidada pelos membros do projeto “Além da leitura” para fazer parte do grupo de “antropofágicos de literatura”. Foi assim que comecei a minha caminhada de construção de leitora (amante) dos livros. A partir das vivências deste projeto, estou construindo uma ideia totalmente diferente sobre a perspectiva de leitura que havia construído durante minha vida até a chegada na universidade. Pude redefinir a minha concepção de leitura pelo envolvimento com o grupo, particularmente em um dos encontros, quando uma das professoras convidadas ressaltou que “A leitura é o alimento para nossa alma”, segundo as palavras da professora de literatura do Curso de Letras Dra. Maria Eleuda de Carvalho.

Honrada de poder participar de um projeto como este, com pessoas amantes de livros e com professores engajados nas práticas de leitura e de escrita, pude ler obras que não irei esquecer jamais. Agradeço ao grupo por ter tido paciência comigo e por não desistir de me ajudar nesta caminhada. Compartilharei os conhecimentos adquiridos durante nossos encontros e pretendo continuar a prática de leitura, agora com bel-prazer pela leitura. Gostaria que pudéssemos continuar com nosso grupo ao término do curso de Letras, proporcionando, assim, o acesso de outras pessoas à leitura literária, como foi proporcionado para mim.

## Thais Oliveira



A minha trajetória como leitora, por mais surreal que possa parecer, começou quando eu ainda era um serzinho dentro da barriga da minha mãe. Lembro-me do dia em que ela me contou que, quando estava grávida, sempre lia histórias e cantava para mim; isto não mudou com o passar dos anos. Lembro também de muitos momentos em que minha mãe lia historinhas para mim e meus irmão antes de dormir. Hoje, quando eu olho para trás, vejo que este fato trouxe uma grande influência em minha vida ao decorrer dos anos.

Filha de professora, cresci no meio dos livros e dos papéis. Porém, foi na escola que me tornei de fato uma leitora. Tive influências de professoras que nunca esquecerei. Na escola, ao participar de um concurso de escrita e ganhar um prêmio, ganhei minha primeira coleção de livros, eram livrinhos que contavam histórias de diversos animais. Isto só aumentou a minha vontade de ler cada vez mais. Sempre estive com um livro em mãos, eu lia muitos gibis, histórias em quadrinhos e livros pequenos. Aos onze anos, deixei os livros com poucas páginas e li meu primeiro livro

“grande”, “O meu pé de laranja lima”, de José Mauro de Vasconcelos; por influência de uma professora muito querida.

Desde então, os livros se tornaram, para mim, um refúgio. Principalmente na adolescência, quando eu sentia que não me encaixava neste mundo. Os livros se tornaram um lugar onde eu poderia ser quem eu quisesse, poderia ser diversos personagens, viver diversas aventuras e viajar para lugares que provavelmente eu nunca iria. O curso de Letras, surpreendentemente, deu-me amigos que compartilhavam da mesma paixão, livros. Foi por poder conversar sobre livros, debater, descobrir visões diferentes sobre o(s) mesmo(s) livro(s) lido(s) e trocar impressões de uma forma tão leve e natural que eu me interessei em ser participante do grupo “Além da leitura”.

No “Além da leitura”, eu pude ler livros que talvez eu não leria sem indicação, li e reli diversas obras que só me edificaram como leitora e acadêmica do curso de Letras. Os diversos livros lidos, os clássicos e os contemporâneos, constituíram-me além de leitora e acadêmica, como ser humano; por exemplo, os contos de Machado de Assis, que tratam de questões tão constitutivas da natureza humana. Proporcionou-me, também, poder incentivar outras pessoas, como de alunos da rede pública a universitários de pedagogia, a partir da minha experiência, a lerem mais livros e lembrá-los de como isso é importante em nossa formação, principalmente como cidadão.

Uma experiência que ficará marcada e servirá de influência para que mais pessoas possam descobrir o gosto pela literatura e pelo seu poder transformador.

## Relatos diversos

**Maria Eleuda de Carvalho** <sup>1</sup>

**Grupo “Além da Leitura”:** Como foi a sua experiência de convidado participante no projeto “Além da leitura”?

**Maria Eleuda de Carvalho:** Em primeiro lugar, fiquei feliz demais ao saber do interesse de um grupo de alunos em torno da leitura literária. Minha experiência foi altamente satisfatória, por saber que o tema ao qual me dedico há tanto tempo ainda faz sentido para as novíssimas gerações. E ainda mais pela oportunidade prazerosa de construir diálogos sobre uma das obras de Clarice Lispector das que mais gosto, “A Hora da Estrela”.

**Grupo “Além da Leitura”:** Como foi a sua reaproximação com a obra selecionada para o debate?

**Maria Eleuda de Carvalho:** Ao receber o convite, tive que reler o último romance de Clarice e descobri aspectos que não tinha observado em leituras anteriores. Foi revelador ler em conjunto.

**Grupo “Além da Leitura”:** O que você pensa sobre leitura/literatura?

**Maria Eleuda de Carvalho:** É a chave do tamanho, para fazer referência a uma obra de mesmo nome do incrível Monteiro Lobato: a literatura é um abre-te sésamo, é a poção de crescimento de Alice, é vida e é sonho.

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Brasileira e docente no curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Araguaína.

## **Naiane Vieira dos Reis** <sup>2</sup>

**Grupo “Além da Leitura”:** Como foi a sua experiência de convidado participante no projeto “Além da leitura”?

**Naiane Vieira dos Reis:** Foi muito enriquecedor, principalmente porque conhecia os componentes do grupo e por eles tinha imenso respeito e admiração. Além do mais, tive a oportunidade de dialogar num espaço onde todos estavam exclusivamente interessados em debater uma obra literária, fato praticamente inédito em minha vida. Observar todos voltados para a leitura do texto, interessados em construir sentidos para o lido foi absolutamente incrível. Voltei para a sala de aula revigorada. Ali havia um comum acordo de deixar o texto falar. Fiquei pensando: como, na condição de professora, posso fazer com que meus estudantes sintam-se tão apaixonados pela literatura dessa forma? Saí convencida de que é necessário haver mais projetos como o “Além da Leitura”, mas me vi diante de um paradoxo: o projeto precisa ser vivenciado por outras instituições de ensino, pois vi ali genuínas práticas de leitura; por outro lado, não pode ser imposto, mas deve surgir do franco desejo dos sujeitos de ler ainda mais, de se aproximar do texto sem as amarras que a escolarização nos impõe.

**Grupo “Além da Leitura”:** Como foi a sua reaproximação com a obra selecionada para o debate?

**Naiane Vieira dos Reis:** Eu conhecia apenas um conto dos dois textos de Machado de Assis selecionados. Fiquei tão abismada com a leitura de “Pai contra mãe” que o reli várias outras vezes. Não consigo me imaginar dando aula de literatura sem falar desse conto. Já “Missa do galo” era conhecido, mas sempre realizara leituras mais apressadas, aquelas que são para atender a planos de aula. Pela primeira vez, li com calma e pude ouvir outras leituras

---

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de língua e literatura.

sobre o texto. Foi uma espécie de leitura inaugural, pois fui lendo como que descobrindo o texto novamente.

**Grupo “Além da Leitura”:** O que você pensa sobre leitura/literatura?

**Naiane Vieira dos Reis:** Eu penso muitas coisas que às vezes até parecem contraproducentes para o ensino de leitura, por exemplo. A minha convicção, e até venho escrevendo sobre isso, é que a leitura de literatura tem um caráter utilitário. Acredito que a concepção de leitura para o bel-prazer, isolada do mundo, para a pura fruição estética embrenhou-se no imaginário popular e contribui para que muitas pessoas sintam-se impotentes diante do texto literário. Portanto, eu tenho uma posição de combate mesmo a esse conceito. Acredito que leitura serve, literatura serve para algo. Presentei uma prima com dezenas de livros de romance de banca de jornal, daqueles que tem estrutura pouco variável e não há exatamente um belo trabalho com a linguagem. Mas essa prima adora novelas que, ao meu ver, tem linguagem muito regular e estrutura pouco variável. Ela leu todos em pouquíssimo tempo e espalhou esses livros em seu grupo de amigas. Por um lado, essa minha postura pode ser lida como preconceituosa, que subestima a habilidade de leitura das pessoas. Mas vejo sob outra perspectiva. Como essa prima já se viu diante do texto literário e ficou muito envolvida, agora eu proporei para ela a leitura de outros romances, ainda atendendo aos temas românticos, de história de amor, mas agora com um notável trabalho com a linguagem. Ela gosta das histórias de amor porque se vê num casamento que falta justamente o cuidado, o afeto, o toque, enfim, atitudes românticas de lhes fazem falta. A leitura proporciona a ela viver no outro a história de amor que deseja. Essa sujeita não se achava competente para ler um livro de literatura. Acredito que a primeira barreira já foi rompida. Depois desse processo, apresentarei a ela obras que me fascinam pelo trato com a linguagem mesmo. Eu acredito que qualquer sujeito, em qualquer classe social, pode apreciar o

literário, mas entendo também que há um grande estigma sobre a literatura advindo das nossas desigualdades sociais. Nesse sentido, a literatura passou a ser um bem cultural exclusivo das classes médias e altas. Acredito que qualquer passo em relação a essa ruptura é válido. Para mim, a leitura serve para organizar a própria vida. E não precisa ser exclusivamente de literatura. Sou absolutamente fascinada por textos teóricos que me põem à prova, que me fazem observar os fenômenos sob outra perspectiva e enxergar além do lugar em que me situo. Há aí momento de pura fruição teórica para mim. Já a literatura, como já afirmei ser partidária do pragmatismo da leitura, me ajuda a organizar sentido para o mundo. Sempre que me vejo diante de algum grande conflito identitário, político, social etc., observo a literatura organizando esse emaranhado de eventos que eu sozinha não conseguiria atribuir sentidos. Assim foi, por exemplo, no ano de 2016, em que a leitura de “Ensaio sobre a Lucidez”, de José Saramago, me fez observar de forma mais lúcida mesmo o nosso cenário político. Atualmente, com a leitura de “1984”, o cenário de eleições parece pateticamente repetitivo, com a absoluta previsibilidade ensaiada por Orwell. Eu sei que sou o que a leitura fez de mim. A leitura, como aponta Candido, me compõe, define minha subjetividade. Ela serve para mim todos os dias, porque a literatura vai me mostrando os caminhos, dando sentidos, organizando o caos. Acho que precisamos adotar a postura de que a literatura serve para alguma coisa, nem que seja, como uma vez apostou uma propaganda do MEC, para flertar.

### Orestes Branquinho Filho <sup>3</sup>

**Grupo “Além da Leitura”:** Como foi a sua experiência de convidado participante no projeto “Além da leitura”?

**Orestes Branquinho Filho:** A iniciativa de discutir o fazer literário é sempre oportuna numa biblioteca escolar. Ter visto a espontaneidade, mesmo que nervosa, dos alunos do Col. Adolfo B. de Menezes em expor suas impressões sobre a obra trabalhada pelos alunos da U.F.T. foi uma boa surpresa. Surpresa maior foi saber que apesar de quase todos não serem leitores espontâneos, demonstraram interesse em conhecer mais sobre o livro “O Quinze” de Rachel de Queiroz, de “Vidas Secas” do Graciliano, que foi lembrado por também trazer o tema do êxodo nordestino, da seca e da morte e, por fim, dos contos selecionados para o próximo encontro, do livro “Laços de Família” de Clarice Lispector. Uma parceria como esta deveria ser realizada, pelo menos, uma vez por mês em nossa biblioteca, com o intuito de incentivar a visitação de professores e alunos ao nosso ambiente e também fazer surgir novos leitores.

**Grupo “Além da Leitura”:** Como foi a sua reaproximação com a obra selecionada para o debate?

**Orestes Branquinho Filho:** Nas escolas deste país, públicas ou privadas, a literatura em geral, e principalmente a prosa brasileira, é muito pouco ofertada. No meu caso não foi diferente. O que lia de literatura brasileira em prosa é o que havia nos livros de português: pequenos trechos de livros, um ou outro conto, escola literária, nomes de autores e obras, datas e locais... Resumindo, não li nenhuma obra da Rachel, da Zélia (apesar de tê-la conhecido), da Nélida, da Lygia, da Lia (a Luft, não a Testa!), mas, li e leio da Hilda, da Cora, da Henriqueta, da Orides e da Clarice. Entretanto, li as entrelinhas das leituras feitas aqui na

---

<sup>3</sup> Escritor e professor da educação básica pública de Araguaína.

biblioteca no dia 20/03/18, participei com perguntas e opiniões e tentei fazer um paralelo entre o drama conciso das linhas de Rachel e a literatura russa, que provavelmente ela leu. Acredito que tenha funcionado.

**Grupo “Além da Leitura”:** O que você pensa sobre leitura/literatura?

**Orestes Branquinho Filho:** Partindo do princípio de que “ler é um direito e não um dever”, deveriam ser criados e implementados mecanismos que diminuíssem os preços dos livros na base, ou seja, na fonte de origem do produto “livro”. Por que o mesmo livro custa no Brasil 57,00 reais e na Alemanha, depois da conversão, custa 16,80 reais? Hoje as gráficas, apesar de boa parte ter informatizado um ou outro setor da linha de produção, não acompanharam a evolução das edições, da linguagem, das ilustrações e dos projetos gráficos que ocorreram no mundo nas últimas décadas. Este mercado também tem que agir. A impressão que tenho é que as editoras são proibidas de investir em publicidade. Só vemos propaganda de livro literário em alguns nichos específicos: universidades, uma ou outra biblioteca, livraria (quando existe na região) ou quando há um lançamento de algum livro bissexto na cidade. Nesta ou em qualquer outra. E quando digo lançamento de livro é de livro literário e não livro de um pastor ou padre-artista, *personal trainer*, político ou alguma celebridade equivocada que acha que escreve e, pior ainda, que pensa que tem algo de útil a compartilhar. Quanto à literatura, creio que o professor deve indicar e/ou oferecer, sempre, literatura de qualidade. Mesmo que seja acessível, mas que tenha estofo, a que faz o leitor pensar, a que deixa a marca indelével do espanto da percepção daquilo que existe, mas que nunca havia se dado conta, o incrível do óbvio, “a descoberta das coisas que nunca vi naquilo que sempre olhei.”

**Francisco Neto Pereira Pinto** <sup>4</sup>

Há uma queixa generalizada no sentido de denunciar que ensinar literatura, sobretudo na educação básica, desde há um bom tempo no Brasil, tem se tornado uma tarefa tanto hercúlea quanto inglória. Na verdade, o descaso pela literatura, quando inserida no ensino, não é um fenômeno que se restringe ao Brasil, pois, como informa a crítica literária brasileira Leila Perrone-Moisés (2008), professores de outros países, tanto americanos quanto europeus, dão pistas de que a falência do ensino de literatura é um dado que cada vez mais se confirma por todo o mundo ocidental. É bom anotar que o desinteresse pela leitura literária não é fenômeno exclusivo da educação básica, mas, ainda de acordo com Perrone-Moisés (2006), também do nível superior, uma vez que se constata que considerável número de alunos dos cursos de Letras não gosta de ler e, neste sentido, acrescentaríamos também nossa preocupação para com professores em formação da área de Pedagogia, área na qual se insere o curso no qual atuamos em um Centro Universitário na cidade de Araguaína, norte do Tocantins.

Como parte de nossa estratégia para despertar o gosto pela leitura literária de nossos alunos, no dia 06 de junho de 2018, os professores Francisco Neto, Fábria Nascimento e Ana Paula, do curso de Pedagogia, do UNITPAC, com suas turmas de alunos, receberam, no auditório central, os professores doutores Eliane Testa e João de Deus Leite, da UFT, e seus alunos que integram o projeto de extensão sobre leitura literária. Na oportunidade, os alunos visitantes fizeram apresentações de leituras de obras literárias por eles realizadas, leituras que abarcavam narrativas canônicas e contemporâneas. A equipe de alunos leitores é composta por Andressa Duarte Carvalho, Anne Raytielle Moura da Silva, Débora Aparecida Dá Silva Carvalho, Felipe Pereira Maranhão, Thais Helena de Oliveira, Jherllison Monteiro Carvalho

---

<sup>4</sup> Escritor e doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de língua e literatura.

da Costa, Andreia Leodoro de Andrade e Bhryan Gama Barbosa, conforme se pode ver na foto 1.



Fonte: cedida pelos autores.

Na ocasião foram apresentados os romances *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, *Extraordinário*, de R. J. Palacio, e o conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis. Esse encontro foi importante porque deixou claro que as grandes obras literárias podem ser lidas por qualquer pessoa - seja especialista ou não. Para os alunos e alunas de pedagogia serviu como injeção de ânimo para também ingressarem de cabeça no mundo da leitura literária, uma vez que serão também formadores de leitores no futuro. Dizemos isso porque depois das apresentações várias alunas compartilharam conosco o desejo de também lerem algumas das obras apresentadas e também de começarem um percurso de leitura, inspiradas em nossos alunos convidados. Dito de outra maneira, sentiram-se tocadas, identificadas com o percurso relatado por cada um daqueles leitores e passaram a acreditar que também poderiam fazer o mesmo.

De nossa parte, experiências como essas nos confirmam que é pela via do significado, sobretudo, que se pode constituir a escola e a universidade como lugares favoráveis ao fomento à leitura

literária tendo em vista o leitor em formação deste novo século que, à diferença do de até meados do século passado, está mais inclinado a ler algo que acredita lhe guardar algum significado – o significado é pessoal, singular, e o sentido é coletivo, o mesmo para todos – do que engajar em leituras que, à primeira vista, fariam sentido simplesmente porque recomendadas pela escola e consagrada pela crítica. Acreditamos que o apelo feito ao leitor em formação de hoje vale mais pela indicação de um amigo, de um parente ou de um professor da sua preferência ou, ainda, pelos meios de comunicação, do que pelo peso que confere a uma obra a própria tradição. As escolhas de leitura, assim, orientam-se menos pelo sentido – leia-se: critérios estéticos, literários, legitimação pela crítica e academia, e mais pelo tocar, ressoar, significar, contagiar. Se o toca, o leitor se engaja. Se não o toca, ele declina. Este é um dos mais poderosos critérios que define o destino de uma leitura literária hoje. Nessa direção, a visita dos professores Lia e João, juntamente com seus alunos leitores, realizaram a transmissão de um desejo que, quem sabe, pode resultar em muitas boas leituras que, por sua vez, das quais jamais venhamos saber, se multiplicarão.

## Referências

PERRONE-MOISÉS, L. Ensino da literatura. In: NITRINI, S. et al. (Orgs.). Encontro Regional da ABRALIC (11. : 2007. São Paulo). *Literaturas, artes, saberes*. São Paulo: Aderaldo & Roths-child: ABRALIC, 2008.p. 13-22.

\_\_\_\_\_. Literatura para todos. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: USP, n. 9, 2006, p. 16-29.

## João Batista Carneiro de Araújo <sup>5</sup>

Transcrição realizada pelo acadêmico do Curso de Letras  
João Victor Ferreira dos Santos  
(Março de 2019)

**Entrevistadora** (*Eliane Testa*): então professor João... éh::: você naquele dia no nosso encontro aqui... no nosso encontro... no nossos momentos de compartilhar as leituras com a Clarice Lispector você nos levantou uma questão fulcral... que foi a questão do leitor acidental e a gente queria que você resgatasse... retomasse o seu percurso de leitor enquanto éh::: essa formação... essa construção tua como um leitor acidental... em que medida você acha que você foi se construiu... se concebeu... se reconheceu naquela tua fala... naquele dia... como um leitor acidental e o quê que isso significa para você? Você pode retomar do seu percurso desde da sua formação enquanto alfabetização mesmo... seu percurso de história sua história de vida... e aí gostaria então que você nos falasse desse teu... dessa tua construção...

**Entrevistado** (*João Batista*): primeiramente éh::: eu fui um analfabeto até os quatorze anos de idade né? A minha primeira professora tinha feito quarta série... que hoje é o quinto ano... era uma... pode se dizer uma semianalfabeta também

**((interrupção da entrevistadora))**

**Entrevistadora** (*Eliane Testa*): Desculpa... em que região do Brasil era isso?

**Entrevistado** (*João Batista*): era norte de Goiás município de Dois Irmãos... que hoje é Tocantins... Dois Irmãos do Tocantins... me alfabetizei nessa... nesse desenho né? uma sociedade bem do interior do Goiás aonde tinha pouquíssimas

---

<sup>5</sup> Professor da educação básica pública de Araguaína.

peessoas que tinha estudado... aonde a professora nossa tinha quarta série... aí depois disso eu fui pra Dois Irmãos fiquei seis meses né? Adoeci retornei pra fazenda e em mil novecentos e noventa e quatro eu vim pra Miracema Tocantins... e quando cheguei lá eu fazendo já a quinta série os professores reuniram e sentaram comigo dizendo que seria bom que eu voltasse lá pra alfabetização porque eu tinha grande dificuldade de ler... de escrever... porque não era alfabetizado né? Aí eu fique de responder no dia seguinte... votei pra casa... foi uma noite difícil pra mim... chorei muito porque eu tava... tinha deixado a família pra trás... eu queria estudar... tinha uma família de doze irmãos... eu era o primeiro a sair pra ir estudar... e eu sou um dos mais novos né?... no dia seguinte eu falei pra uma das professoras que eu tinha decidido ficar na série... que eu ia aprender ler lá onde eu tava mesmo... foi um série extremamente difícil pra mim... eu comecei depois tirando um pouco de nota em matemática as outras disciplina eu não conseguia evoluir... fiz prova final na quinta série em todas as disciplinas... inclusive na matemática que eu era melhor mas passei... no ano seguinte eu consegui destaque da turma em matemática... eu aproveitava dessa habilidade também pra tá estudando com outros colegas com menos desenvolvimento em calculo e aproveitava também pra tá nos horários de almoço... de janta... porque também eu era bem desprovido de tudo... então eu fazia esses momentos da hora de refeição fazia questão de tá na casa de alguém que eu aproveitava né? isso de maneira silenciosa mas eu sabia que eu precisava disso... quando eu estava fazendo sétimo ano eu passei próximo a mesa de uma professora e tinha um livro de literatura da coleção Vagalume... o título estava virado né? e eu passei e tive a curiosidade de ver o título do livro... virei... e ela perguntou “e aí João quer ler o livro?”... eu me senti embaraçado e disse “quero”... ela pegou o livro e me entregou disse “leia”... aí eu levei o livro pra casa no dia seguinte encontrei com ela “e aí João começou ler o livro?”... aí eu tive que mentir né? ((risos)) “comecei professora”...

aí ela disse assim “tá quando você terminar de ler a gente vai discutir o livro”... agora eu disse sou obrigado a ler tá?... e aí eu comecei a ler o livro... foi um livro muito bom *Sozinha no mundo* da coleção *Vagalume*... é um livro que eu guardo hoje na memória assim os detalhes da história... e durante a semana ((interrupção da entrevistadora))

**Entrevistadora** (*Eliane Testa*): (como por exemplo?) me fale um pequeno... um fragmento que te marcou nessa tua... ((interrupção do entrevistado))

**Entrevistado** (*João Batista*): que me marcou? a ida dela do interior pra cidade porque coincidia com a minha história... quando ela ficou sozinha... porque diferente deixei a família no interior e vim pra cidade fiquei sozin... ela saiu do interior com a mãe morre no ônibus mas ela fica sozinha... ela chega em São Paulo e ela fica sozinha... então tinha uma relação com a minha história... porque eu cheguei na cidade e praticamente fiquei só né? então assim foi um livro bastante interessante... e que me tornou dali pra frente um leitor... e como ia dizendo durante a semana nos encontros pelos corredores... ela comentou... comentei um pouco do que eu tava lendo do livro e ela perguntou se eu gostaria de ler outros e eu disse que gostaria... e ela me emprestou vários livros dessa coleção... como *Barcos de papel* que foi também muito bom... éh::: e assim eu posso tentar resgatar uns na memória mas assim foram cinco... oito livros que ela me emprestou... e aí foi um período também que eu comecei a arrumar alguns bicos e tudo... e eu dedicava um pouquinho do que eu ganhava pra pedir livros pela Ediouro... era um livretozim que tinha títulos... eu escolhia os livros... um material bastante ruim mas era livro... e eu comprava um por mês... as vezes dois... e eu comecei a construir minha trajetória de leitura a partir desse livro do Marcos Rey *Sozinha no mundo*... e a trajetória eu mantive até aqui quando entrei pra faculdade já no ano de noventa e quatro eu abandonei um pouco a literatura... porque nesse período eu já tinha três filhos trabalhava

quarenta horas e a faculdade ficava na zona rural e tinha o tempo de ir e voltar.... ir trabalhar e as leituras técnicas... eu terminei minha primeira faculdade em noventa e sete de pedagogia... e aí depois de noventa e sete eu retomei um pouco a trajetória da leitura... em noventa e oito eu fiz vestibular pra matemática e de novo eu interrompi porque o curso de matemática ele passou a ser...éh::: no caso da Universidade Estadual do Pará com a interiorização eles criaram... éh::: o curso era por bloco e no período que tinha o bloco ele era integral... ou seja a gente tinha dez aulas por dia... tinha que resolver as atividades a noite e no dia seguinte oito da manhã tinha que tá de novo em sala de aula que durava praticamente até a cinco dá tarde... então no momento que terminava esse bloco tinha o intervalo... mas nesse momento também eu era professor trabalhava manhã... tarde e noite... e sábado também... todos os sábados a gente convocava os alunos pra dar as aulas pra completar a carga horaria do aluno também... então terminou sendo integral o ano inteiro... dois mil e dois eu fiz concurso pro Tocantins... e vim trabalhar de lá pra cá eu fiz uma especialização na UFT.... mas assim na maioria do tempo eu pude ler alguns livro tem até uns que eu... ((interrupção da entrevistadora))

**Entrevistadora** (*Eliane Testa*): especialização em que área?

**Entrevistado** (*João Batista*): educação matemática... eu tenho uma especialização em planejamento educacional que é a área que eu gosto... que poucas pessoas da educação gostam de planejamento e projeto... pra mim é uma área que eu gosto bastante né? eu gosto de metodologia científica e planejamento... trabalhei na Universidade Federal... ((o entrevistado volta atrás do que disse)) ohh Estadual do Pará de noventa e sete a dois mil e dois trabalhei com metodologia... metodologia científica... e éh::: tô trabalhando em uma biblioteca... o (Oreste) tá pegando no meu pé... que eu tô ((o entrevistado começa a rir e fica inaudível o que

ele fala)) que eu tô lendo o livro que eu (não termino) de ler e mas nessa trajetória dessa leitura eu li uns cinco livros... olá ele ((risos))

**(Oreste Branquinho Filho):** um ano que ele tá lendo esse livro e num termina...

**Entrevistado (João Batista):** um ano que eu não terminei ((risos))

**(Oreste Branquinho Filho):** ((inaudível)) já li quatro livros já

**Entrevistado (João Batista):** mas eu já li outros cinco... os outros eu consigo ler esse aí eu deixei ele seis meses na casa da minha mãe no Pará então nesse período eu não pude ler...

**(Oreste Branquinho Filho):** e por quê você deixou lá?

**Entrevistado (João Batista):** levei ele pra ler lá e li uma pequena parte né? porque eu fico... moro longe dos pais lá tem quatros irmãos lá... então o tempo pra leitura lá é pequeno... mas eu levei e comecei a ler... e terminei deixando ele lá voltei seis meses depois trouxe... deixei uma vez em Palmas ele ficou mais ou menos três meses em Palmas... ((risos)) fui lá e busquei... aí ele tá me acompanhando aí... mas eu tô lendo ele e vou terminar de ler... agora já tô lendo esse olha... na leitura dele entra outro livro... eu deixo ele lá... mas é um livro que trata da história de uma negra nos Estados Unidos e que é importante a gente ler um tipo de literatura desse que a gente conhece a trajetória do negro no Brasil... mas quando você ler uma literatura dessa você ver assim o que negro teve que passar em uma sociedade que a gente consegue bem mais desenvolvida que a gente e tal... e a parti da leitura você pode assim... principalmente ela conta a história dela... você pode viver a história que não aquela que você conhece nos noticiários... porque a pessoa que conta... que ela teve que fazer... a trajetória dela pra sobreviver como mulher como negra... numa sociedade que a gente consideraria uma sociedade ideal... mas é isso minha experiência de leitor... eu... é o que eu posso dizer...

**Entrevistadora (Eliane Testa):** eu queria te perguntar em que medida foi um desafio você entrar no mundo das letras e da

literatura em que medida entrar no mundo das letras e no mundo literário foi um desafio pra você?

**Entrevistado** (*João Batista*): eu até coloquei... fui um acidente algo que não estaria nem um pouco disposto a fazer...

**Entrevistadora** (*Eliane Testa*): por quê?

**Entrevistado** (*João Batista*): eu fiz por me sentir embaraçado... intimidado e sem coragem de dizer que não ia ler...

**Entrevistadora** (*Eliane Testa*): por que você não... o quê te levava a essa negação da leitura?

**Entrevistado** (*João Batista*): eu achava muito difícil ler... dor de cabeça... cansa... sono... tudo que... assim de ruim a leitura trazia... esse sentimento de cansaço enfim... não era algo que eu fosse realmente tomar iniciativa porque... foi acidental... eu escrevi junto com o professor Rubens que hoje é um professor doutor... mas um colega **((interrupção da entrevistadora))**

**Entrevistadora** (*Eliane Testa*): **do nosso programa de pós-graduação na UFT**

**Entrevistado** (*João Batista*): isso... e a esposa dele a Suze nós escrevemos um livro né? Múltiplos olhares... uma das frases da parte que me tocou que eu coloquei nessa obra foi que a coisa mais difícil não é ensinar é descobrir como o outro aprende... porque se eu souber como você aprende eu vou saber te conduzir para esse saber e eu acho que foi isso que a professora fez... ela descobriu algo que nem eu jamais iria descobrir por mim... eu acho que a leitura me trouxe muito mais coisa que aparentemente daria assim... não foi só o gosto pela leitura... uma das coisas assim que eu posso com certeza afirmar... que graças aquela iniciativa... aquele pequeno acidente o meu primeiro vestibular eu passei... a minha nota de redação pra esse vestibular foi a melhor... que teve... eu passei em sexto lugar né? num (universo) de oitenta vaga... eu passei em sexto lugar garantido por uma redação... eu fiz o

vestibular para matemática também num (universo) de quarenta... de quarenta vagas eu passei em sexto lugar novamente minha redação foi a melhor redação... a maior nota obtida... justamente por causa de um vocabulário construído na leitura... eu num daria outro nome a isso... infelizmente anos depois eu... que eu vim mora no Pará eu fiquei sabendo que a professora ela morreu... mas ela foi uma pessoa assim que eu numa mais vi... mas é uma pessoa que vai ficar a vida toda na minha história... porque assim ela não só trouxe conhecimento... ela trouxe outras possibilidades que sem ela eu não teria tido...

**Entrevistador (João de Deus):** que lindo...

**Entrevistadora (Eliane Testa):** João você quer parti da psicanalise da sua teoria...

**Entrevistador (João de Deus):** eu quero fazer uma questão... se você fosse definir um João antes de entrar no mundo das letras e o João depois do mundo da letra... das letras... como seria essa definição desses dois?

**Entrevistado (João Batista):** bem... sem a leitura provavelmente eu teria retomado meu mundo rural né? a minha família toda tem base na agricultura... ou no máximo na pecuária... até os quatorze anos eu vivi no interior... eu acho que eu não seria um *pião* urbano... mas eu me encaixaria aí num *pião* rural... eu não deixei de ser peão eu gosto do trabalho pesado... eu trabalho na construção civil... os meus filhos até costuma ficar dizendo que “ah meu pai se com um carrinho de pedreiro na mão carregando terra pra cá e pra lá ele tá feliz”... eu gosto muito da... do trabalho pesado... e esse seria talvez o João sem a literatura... eu num seria talvez menos feliz eu taria muito bem certamente... mas as letras me trouxeram possibilidades eu gosto de lidar muito com pessoas... eu acho muito difícil lidar com o ser humano... mas sem isso também eu não vivo bem... então de uma forma ou de outra eu teria um perfil talvez um pouco diferenciado mas eu estaria em um espaço trabalhando aonde tivesse pessoa... talvez animais... eu

gosto de alguns animais não é de todo tipo de animal que eu gosto... mas eu sempre tenho um animal de estimação... e eu gosto também da vida rural... então talvez fosse isso... e o João Batista depois disso é um João ((muda de ideia))... eu seria atrevido em qualquer uma das situações... eu gosto de me aventurar... eu gosto de pegar coisa... eu gosto de *disafio*... eu acho que isso não mudaria independente de quem eu fosse se eu não tivesse feito faculdade e tal... mas eu teria um perfil próximo nesse sentido

**Entrevistadora** (*Eliane Testa*): éh:: tenho uma última pergunta acho que pra gente encerrar... você acredita que a leitura literária está em crise? e se você concorda com isso em que medida essa juventude está lidando com essa situação? e o que você teria pra falar *prum* jovem em processo de formação... mesmo né? escolar... em processo de construção de um possível leitor... o que você teria pra falar pra ele?

**Entrevistado** (*João Batista*): olha éh::: (ái) leitura ou mundo literário eu num sei se pra mim ele sempre teve em crise... ao meu modo de ver... na minha experiência passada eu não tinha acesso a livros... e eu nem queria ler... como disse foi acidente... nós temos situações análoga aqui por exemplo... teve um estudante que a gente depois de muito pelear fez ele ler o livro leitor... e que ele se tornou um devorador de livros... eu acho que por exemplo... o remédio amargo alguém tem que dar tá? é esse tipo de coisa assim... eu... em falar em amargo eu num comi e gostei de jiló... mas eu comi comi hoje pra mim é uma das comidas assim... num é a favorita mas bem apreciada... a leitura pra quem não gosta pra gostar vai ter que ler... e quando eu converso com um professor que ele diz que não vai obrigar o aluno dele a ler que ele cria aversão a leitura... ele não tem como criar nem gosto e nem aversão se ele não ler... então assim eu não conheço... a experiência que eu tive com meus filhos... foram... tenho três filhos a experiência com a leitura foi diferente para os três... teve um que eu tive que ir pro chicote... e que hoje tá indo aí... já qualificou

doutor... não concluiu porque pretende passar esses dois anos agora na França... e vai voltar doutor... já é mestre e tudo... mas teve que ir pro chicote pra primeira leitura.... porque nem com briga... nem com ameaça ele ia... eu disse “meu caro ou tira o coró das costas ou ler”... e ele leu e virou leitor e tal... os outros dois foram mais fácil mas também não foi tão difícil, a minha casula ela começou a ler pra ajudar o irmão que não queria ler... aí ela terminou... quando ele passou a gostar de leitura ela também já estava lendo... então assim ler ou de forma voluntária ou por obrigação...vai ter que ter o momento de você começar a leitura o rumo que isso vai dar é só a história que vai mostra... pode ser que aquele que começou voluntariamente largue de ler e nunca mais volte aos livros... aquele que teve que ser punido pra começar a ler inicia a leitura e nunca mais largue... agora a gente tem que fazer o aluno ler... e os nosso alunos aqui se a gente for fazer um entrevista pra saber dos leitores como é que começaram e não pararam mais... vai ter aquele que foi obrigado vai ter aquele que leu por curiosidade e teve aquele que foi por influência do colega... esse projeto... projeto Vamos Ler... como é eles que colocam os títulos dos livros que querem ler no geral o que pediu por exemplo... ah de casamento chega a ler... conversa com o colega do lado que nunca leu e convence ele a ler esse livro... ele vem aqui e ler e quer ler os outros... nós temos aqui... não são muitos infelizmente os nossos alunos que começaram por influência dos outros... mas nós temos pelo menos mais de uma dezena de livros ((o entrevistado se confunde a usar a palavra “livros” e corrige falado “leitores”... de leitores que começou por influência tá? então isso vai construir na sociedade leitora e que talvez esteja em crise por falta de estratégias dos que são leitores... um leitor tem condição de convencer outro não leitor a pelo menos ler uma obra... e se eu posso eu devo tá fazendo isso...

**Entrevistador (João de Deus):** só para encerrar éh:: o que a leitura pode fazer no seu percurso? Se você pudesse responder o

que a leitura pode pra sociedade a partir do seu percurso o que cê diria?

**Entrevistado (João Batista):** olha quando eu vim pra cidade da zona rural... eu vim com o propósito de arrumar um emprego melhor e o estudar era um dos meios... que eu sabia que não podia ter um bom emprego se eu não tivesse pelo menos a educação básica... a leitura me trouxe a paixão pelas letras... me trouxe o sonhar com o curso superior de ter condições de ter uma profissão melhor e de lidar com pessoas... que no caso eu me tornei professor... né?... e isso é:: tornou minha vida em um percurso diferente do que eu tinha proposto quando criança... eu fui evoluindo no sentido de que eu pude sonhar mais eu pude conhecer outras culturas... outros olhares... e tantas literatura que a gente vai lendo falando de profissão e tudo... as personagens algumas como conseguiu sucesso... você passa a sonhar muito mais... e a enxergar as suas possibilidades aquelas que você inicialmente não enxergou e que provavelmente sem a leitura você não teria enxergado... então a literatura me trouxe essa nova maneira de sonhar e encarar sem medo e principalmente sonhar com curso superior... a minha primeira trajetória eu pensava em terminar o ensino médio e arrumar um emprego que eu até arrumei... eu fui escriturário em um banco... mas que larguei pra ir pra educação... porque no banco eu achava o trabalho estressante... e não via perspectiva de crescimento e como veio uma faculdade para o interior do Pará... na época eu mora em Redenção... eu quis fazer pedagogia eu já tinha uma disposição muito grande pra fazer matemática... mas como pedagogo que me encontro hoje mermo tendo um diploma de matemática né? como pedagogo eu trabalhei a vida toda como professor de matemática no dia em que concluí o curso de matemática eu encerrei a minha trajetória com a matemática... voltei para pedagogia... não vou dizer que os conhecimentos que eu tive com matemática foram ruim... muito bom me realizo... me realizou até porque era um

sonho... foi o primeiro... mas como pedagogo eu estou muito bem obrigado....

**((aplausos))**

**Entrevistadora** (*Eliane Testa*): muito bem

**Entrevistador** (*João de Deus*): que lindo... obrigado cara

**Entrevistadora** (*Eliane Testa*): obrigada João

**José Manoel Sanches da Cruz<sup>6</sup>**

Na verdade, o que eu quero dizer, aqui, é sobre o papel da universidade na sociedade. Quando nós entramos na universidade, nós sabemos que a universidade tem uma atividade fim, que é formar cidadãos para o mercado de trabalho e para a vida. Então, nós temos que dar ensino, pesquisa e extensão. Só que, no decorrer de nosso trabalho, nós nos deparamos com algumas dificuldades, inclusive, de problemas de saúde, envolvendo alunos, servidores, professores. E aí esse é o nosso contexto aqui, nós fomos surpreendidos há mais de um ano com um alto número de alunos adoecidos ou com problemas, com tendência a adoecimentos, ou até mesmo casos de suicídio. E foi pensando nisso que a universidade se mobilizou, por meio do trabalho de alguns professores e de técnicos que estão desenvolvendo atividades que busquem humanizar um pouco mais o espaço. E é nesse sentido que entra o trabalho do grupo “Além da leitura”.

A leitura, em todas as suas dimensões, exerce um papel social muito grande. E falando de leitura nós temos a questão da literatura. O texto literário, como um espaço de humanização das pessoas, do indivíduos, e o trabalho do Grupo “Além da leitura” é, nesse sentido, mostrar para as pessoas que, por meio da leitura, nós podemos conhecer novas possibilidades de vida, de pensamento, de sentimento. Foi muito importante o trabalho do Grupo “Além da Leitura”, coordenados pelos professores Eliane Testa e João de Deus Leite, levar os alunos para compartilhar, um pouco, esse momento da poesia, esse momento da ficção, da fantasia, trazida pela literatura, porque, na verdade, apesar de ser fantasia, a literatura tematiza todos os dramas humanos, todos os problemas pelos quais o homem passa. Então, foi nesse sentido que tivemos ali um grupo significativo de alunos, além disso, de

---

<sup>6</sup> Doutor em Literatura Brasileira e docente no curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Araguaína.

trazer a leitura, o aluno também está interagindo uns com outros, inclusive, com os problemas que alguns vivem e convivem.

Então, foi a forma de fazer uma integração, além de trazer o texto literário, como uma das formas de humanização, de humanizar, de compartilhar a vida, nós tivemos, também, a integração desses alunos, desses professores com esse outro grupo<sup>7</sup> que está precisando de atenção. É uma forma de estar contribuindo com essas pessoas. Nesse sentido, eu quero parabenizar o grupo “Além da leitura” e dizer que eles continuem nesse trabalho, que eles continuem com essa atividade, porque é uma das formas da universidade estar presente na vida das pessoas, além da sala de aula e, também, justificar o seu papel social.

---

<sup>7</sup> N.O: O Prof. Dr. José Manoel Sanches da Cruz refere-se aos trabalhos conduzidos pela Profa. Dra. Viviane (UFT/EMVZ) junto à Rede SUN. Ela, em conjunto com outros professores, com técnico-administrativos e com alunos, tem desenvolvidos ações, no Parque CIMBA, de Araguaína, buscando conscientizar sobre a questão saúde mental, com enfoque no suicídio, nas relações acadêmicas e pessoais.

## Registros fotográficos pela cidade



Colégio Adolfo Bezerra de Menezes, na Biblioteca Dr. César Belmino Evangelista, no dia 20 de março de 2018.



Centro Universitário Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos – UNITPAC, no dia 06 de junho de 2018.



Universidade Federal do Tocantins – UFT, no dia 23 de junho de 2017.



Parque Cimba, no dia 30 de novembro de 2018.

## Posfácio

*Wagner Merije*<sup>1</sup>

Há um ponto de consenso em quase todo o mundo contemporâneo: precisamos ler mais! Falta tempo, sobram distrações, há centenas de milhares de títulos disponíveis. Pois, exatamente por isso, também precisamos falar mais de livros. Tudo começa com a leitura. E se completa com a conversa.

Livros são guardiões do saber e da memória do saber, são depositários de conhecimentos. E conhecimento não se pode perder. Pelo contrário, quanto mais conhecimento se tem, mais se é rico, na verdadeira acepção da palavra. As bibliotecas são lugares para serem mais frequentados. São espaços sagrados. E guardam mais tesouros que muitos bancos.

Além disso, livros contêm beleza, emoções, revelações, e já que estamos falando de cartografias, o caminho evidente para se chegar onde se possa querer passa pela leitura. A partir dela, os mapas podem ser interpretados mais facilmente. “Cada um projeta um pouco de si na leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si”, citando Vincent Jouve. Pela leitura podemos ir além da leitura, até os paraísos que só os livros guardam.

Há todo tipo de livro, dos mais variados assuntos, escritos ao longo de séculos e, de repente, me vejo pensando no gênero

---

<sup>1</sup> Wagner Rodrigues Araujo, mais conhecido como **Wagner Merije**, é doutorando em Literatura de Língua Portuguesa na Universidade de Coimbra/Portugal. Publicou os livros *Mexidinho* (2017), *Astros e Estrelas – Memórias de um jovem jornalista em Londres* (2017), *Cidade em transe* (2015), *Viagem a Minas Gerais* (2013), *Torpedos* (2012), *Mobimento – Educação e Comunicação Mobile* (2012) – finalista do Prêmio Jabuti 2013, e *Turnê do Encantamento* (2009), lançados em alguns dos principais eventos literários do Brasil. É também jornalista, educador, gestor cultural e editor da Aquarela Brasileira Livros.

biografia. Sabemos que esse gênero literário contempla inúmeros formatos, porém, o cerne de uma biografia está em contar a trajetória de alguém que tornou sua vida digna de ser compartilhada, seja nos acertos ou nos erros, sendo que esses geralmente é que ensinam mais. Assim, quando transpostas para os livros, essas vidas convidam os leitores para olharem para elas e aprenderem.

Quando nos debruçamos sobre as biografias de grandes escritores e escritoras descobrimos que todos foram também grandes leitores. A leitura dá novos significados às palavras e ideias, nos auxilia nas relações com o mundo e as pessoas, permite-nos escrever melhor, a conversar melhor e também nos proporciona produzir tesouros incríveis. O que nos leva a deduzir que somos capazes de muito mais a partir do momento que usarmos mais a inteligência e a humildade.

Estou a falar disso, mas há livros de gêneros diversos esperando por cada um na esquina das prateleiras das bibliotecas e livrarias. Me lembro de uma professora que dizia que às vezes não gostamos de um livro não porque seja ruim (de todo), mas porque escolhemos errado ou nos indicaram um não adequado aos nossos interesses. E ela completava: “É como namorado ou namorada, se não estamos gostando, possivelmente a escolha não foi boa!”

Fale de um livro para quem está próximo de você, use bem essa maravilha que é o boca-a-boca. Todo coração, mais duro que seja, merece uma segunda chance. Mesmo quem não gosta de ler pode (e deve) ser surpreendido! Dar um livro de presente para alguém é como dar uma chave que pode abrir mil portas, especialmente quando você sabe que aquele livro pode mudar a vida da pessoa, seja ela de que idade for.

Para que a conversa fique mais divertida, procure ir além da lista de *best sellers*, das imposições da indústria e da propaganda ou até mesmo do cânone. Todos temos que passar por Machado de Assis, Guimarães Rosa, José Saramago, Clarice Lispector, para citar só mesmo alguns, que são fundamentais pela

inteligência e curiosidade que apresentam em suas páginas. Mas não podemos parar por aí. Há um universo de outros autores e autoras para descobrirmos e com ele viajarmos juntos por aí. E é bom guardar um tempo para essas descobertas.

É mágico e sublime quando acompanhamos uma criança no seu impulso de ler e escrever. É de uma responsabilidade bela e poderosa o ato de ensinar, de alumiar os significados e significantes do que nos cerca e vai muito além. O mesmo vale para a alfabetização de jovens e adultos. Não há dúvida de que pais, mães, professoras e professores, enquanto mediadores do saber, se encontram imbuídos da mais nobre missão. Sem ter quem nos ensine, estaríamos condenados a viver nas trevas. Ou a andar com mais dificuldade.

Professores e escritores têm tarefas próximas e complementares. Em sua obra *Literatura e Sociedade*, Antônio Candido diz:

A criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *práxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da *ilusão* e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão de mundo. (CANDIDO, 2000, p. 49)

Para termos uma visão de mundo ampla, não podemos deixar de olhar para nossa aldeia, bairro, cidade, estado, país. Sem essa compreensão, sem o filtro do que é importante conhecer da literatura nacional, corre-se o risco de sermos engolidos por visões e valores que nem sempre são os nossos, do nosso povo, da nossa história e formação. E a literatura também pode ser usada (e é) como propaganda, *marketing*, para promover falsos heróis, para reescrever a História a serviço de governos anti-democráticos, como está em voga no Brasil tomado pelo fascismo, e no mundo das grandes corporações do livro nas mãos de grupos empresariais

multinacionais, sem compromisso nenhum a não ser auferir lucro a qualquer custo.

Aqui cabe louvar o trabalho das bibliotecárias e bibliotecários e também dos críticos literários, que costumam ser pessoas que lêem muito e desenvolvem a capacidade de identificar os livros mais profundos, mais bem elaborados, aqueles que podem contribuir para a emancipação real e efetiva dos leitores.

E, olha, não estamos aqui a falar de livros chatos, “cabeças”. Como já mencionamos, há um bom livro para cada momento da vida e para cada interesse específico das pessoas.

É falando sobre livros, é debatendo suas ideias, é lembrando que eles existem antes dos computadores, do google, das redes sociais, dos smartphones, que percebemos a importância deles. A História da qual fazemos todos fazemos parte é transmitida oralmente e, principalmente, pelos livros.

Olhar para os livros com cuidado, é olhar por nós mesmos, para dentro de nós, para dentro da história do que somos enquanto *homo sapiens*. Podemos contribuir para uma humanidade melhor lendo mais e fazendo com que mais pessoas leiam. Além da leitura há inúmeros paraísos esperando para serem decifrados.

## **Referências bibliográficas**

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro. São Paulo: Publifolha, 2000.